Eleições viram Pretória ainda mais à direita

Págs. 12 e 13

GREVES: *2ª. feira não há comboios e EPAL paralisa sem cortes de água*

Pág. 11

Diário de Lisboa

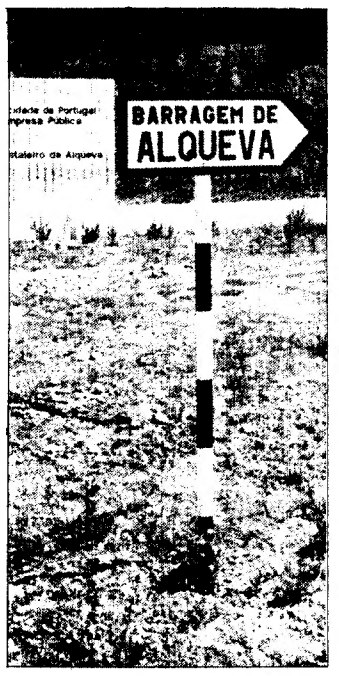
ANO 67 N.º 22 356 Quinta-feira, 7 de Maio de 1987 Preço 40$00

Decisão do Banco de Portugal cria condições nesse sentido

DEPÓSITOS A PRAZO: RESTRIÇÕES ACABAM

A subida de meio ponto percentual numa taxa específica do Mercado Inter - bancário de Títulos, ontem anunciada pelo Banco de Portugal, poderá vir a ter como consequência a rentabilização das operações de depósito a prazo, pondo fim a uma situação em que alguns bancos se queixavam de estar a perder dinheiro com essas operações. As restrições levantadas nos ultimos meses à aceitação de depósitos a prazo por parte da banca estarão assim em vias de desaparecer, procurando–se com tal política estimular as poupanças e obter um recuo no consumo, que trave as pressões inflacionárias.

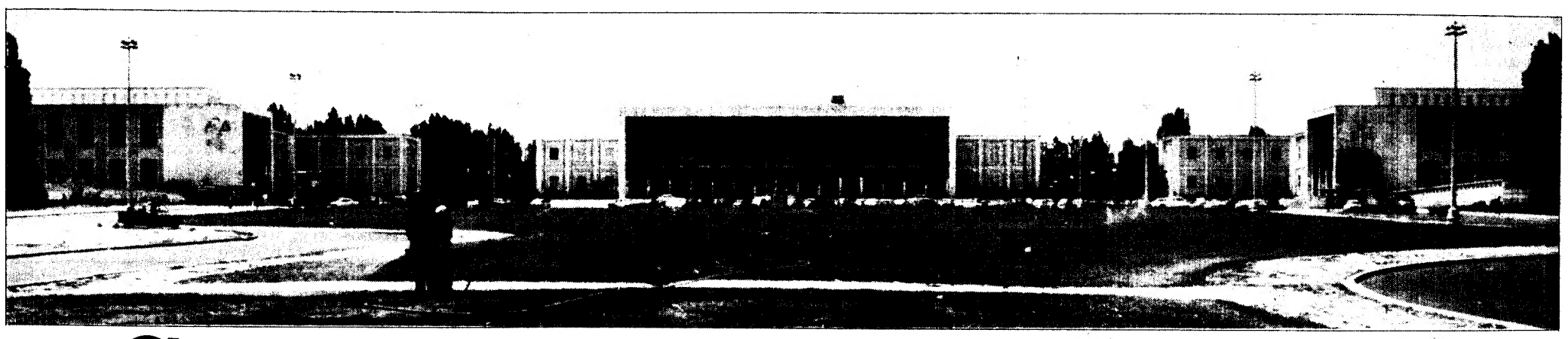
Pág. 11



Álvaro Barreto reconhece

Alqueva é inevitável

Pág. 4



São precisos três exames para entrar no Superior

Os alunos candidatos à primeira inscrição no Ensino Superior terão de vencer uma barreira de três exames que uma Portaria de 24 de Abril e agora divulgada no «Diário da República» denomina eufemisticamente como «prova de aferição». Disputada numa só época e em duas chamadas, tal prova só poderá ser prestada após o candidato ter obtido, igualmente, bom aproveitamento no 12º ano. Esta condicionante não elimina os limites já fixados pelo «numerus clausus».

Pág. 6

PARTIDOS ACELERAM PREPARAÇÃO DE LISTAS DE CANDIDATOS

Pág. 2

Morreu Ana Gonçalves

Morreu Ana Gonçalves, deputada e dirigente do Partido Renovador Democrático. Foi ontem, a meio da tarde, num acidente de viação ocorrido na auto–estrada do sul. Contava 25 anos.

O desastre deu–se cerca das 16.45 horas, quando aquela dirigente política se dirigia sózinha para Lisboa. Segundo a Brigada de Trânsito da GNR, a viatura, conduzida por Ana Gonçalves, ter–se–à despistado, ao quilómetro 8, entre o Fogueteiro e Almada, indo embater num candeeiro. Conduzida de imediato para Lisboa, chegaria sem vida ao Hospital de S.José.

Ana Graça Pereira Gonçalves era membro da Comissão Directiva do PRD e coordenador nacional da juventude daquele partido. Nas últimas eleições ascendeu a deputada pelo PRD, em representação do círculo eleitoral de Setúbal, cidade de onde era natural.

Era licenciada em Direito pela Universidade Católica de Lisboa e casada com José Crujeira Antunes.

Manifestações de pesar

A notícia da morte de Ana Gonçalves provocou, de imediato, reacções de pesar nos círculos políticos da capital.

O Presidente da República, Mário Soares, enviou telegramas de condolências ao Presidente da Assembleia da República, ao Presidente do PRD e ao marido da falecida.

Por sua vez, Fernando Amaral, presidente da Assembleia da República, ordenou que a Bandeira Nacional fosse colocada a meia haste, no edifício o Parlamento, durante três dias, enquanto a Comissão Permanente daquele órgão de soberania, que mantem a sua reunião de hoje, introduziu na agenda de trabalhos a aprovação de um voto de pesar pela trágica ocorrência.

O PRD emitiu um comunicado em que manifesta «profundo pesar» pela morte da dirigente e deputada do partido, tendo a Comissão Coordenadora da Juventude renovadora tomado idêntica posição.

Ana Gonçalves foi a terceira deputada a morrer durante esta legislatura, depois de Teófilo Carvalho dos Santos e António Janeiro.

MAIORIA DOS PARTIDOS TEM LISTAS PRONTAS ANTES DO PRAZO

Será no próximo dia 16, uma semana antes do termo do prazo da sua apesentação nos tribunais, que a maioria dos partidos políticos aprovará as suas listas definitivas de candidatos a deputados.

No PSD, por exemplo, sabe–se que Cavaco Silva deu um prazo até 11 do corrente às comissões políticas distritais e regionais para que enviem as propostas de candidaturas — o que deve ser feito por ordem alfabética — por forma a serem apresentadas à Comissão Nacional do partido no dia 15. Para 16 e 17 está entretanto marcado um Conselho Nacional dos sociais–democratas tendo em vista a aprovação final das listas.

Quanto a estas a grande novidade poderão ser nomes afectos à chamada esquerda liberal. Enquanto José Pacheco Pereira, por exemplo, passa por ser já um nome certo, o actual director da Biblioteca Nacional, Manuel Villaverde Cabral, — cuja atitude, de recusar uma sala da instituição a que preside à Associação 25 de Abril para a realização de um colóquio comemorativo da «revolução dos cravos», mereceu recentemente as mais vivas críticas no Parlamento — desmente a um semanário hoje publicado que tenha recebido algum convite para integrar as listas do PSD. Noutras áreas fala–se em convites a membros mais ou menos afastados do partido, mas nada de concreto se sabe.

Entretanto, tudo indica que o verdadeiro arranque da campanha eleitoral social–democrata se concretize já no próximo domingo, no Porto, mais precisamente no Palácio de Cristal. Nesse dia, o PSD celebra o seu 13º aniversário com um comício no qual participará Cavaco Silva. Mas os festejos começam no dia anterior com a actuação de ranchos folclóricos e do grupo rock «Trabalhadores do Comércio».

PS: mais jovens e mais mulheres

No Partido Socialista, cujas federações vão escolher as listas este fim de semana num processo que culmina também na Comissão Nacional a realizar no dia 16, as directrizes apontam no sentido de incluirem mais jovens e mais mulheres entre o número de candidatos.

Sabe–se, por outro lado, que os lugares cimeiros são reservados a figuras nacionais e que em posição elegível devem ser colocadas «pessoas especialistas e não técnicos de ideias gerais» sem ordem alfabética.

Lisboa é o distrito onde parece estar a ser mais complicada a eleboração da lista sobretudo porque, neste círculo, os socialistas só elegeram 12 deputados e há dirigentes nacionais saídos do último Congresso que não são deputados. Entre estes e os «soaristas» da anterior direcção é evidente que a actual maioria não hesita.

Jaime Gama, o grande derrotado do último Congresso, parece no entanto não ter perdido os seus méritos junto do secretário–geral. Isto explica a intervenção directa de Vitor Constâncio para que Gama venha a ficar colocado em número três da lista por Lisboa, em vez de encabeçar o elenco de candidatos pelos Açores, o que era tido como uma despromoção.

Mulheres querem mais lugares

Ontem, a presidente da Comissão da Condição Feminina escreveu aos dirigentes dos diversos partidos a fim de que surjam mais mulheres nas candidaturas para a Assembleia da República e para o Parlamento Europeu.

Maria Regina Tavares da Silva, também presidente do Comité do Conselho da Europa para a Igualdade entre Mulheres e Homens, divulgou uma carta em que fala da «fraquíssima representação portuguesa no Parlamento Europeu».

«Constituindo as mulheres 52 por cento da população portuguesa, sendo–lhes reconhecida na lei total igualdade de direitos e responsabilidades, a realidade da sua participação sofre, porém, limitações que resultam de hábitos e atitudes culturais de toda a sociedade», observa a missiva que seguiu acompanhada por uma moção em que organizações de mulheres chamam a atenção dos partidos para este género de problemas.

«IRIS» não fará apelo ao voto

Quem não fará apelo ao voto é o recém–criado «IRIS» — Instituto de Reflexão e de Intervenção Social. Isto mesmo disse ontem Moreira da Cruz, da direcção daquele Instituto, no intervalo da reunião em que foram aprovados os seus estatutos e eleita a respectiva comissão organizadora.

Moreira da Cruz acrescentou, no entanto, que o novo organismo se orientará «pelas ideias do socialismo democrático e da social–democracia» e anunciou a publicação de um manifesto em que estes princípios serão definidos. No mesmo documento, os fundadores do IRIS comprometem–se a não o transformar em partido político porque isso «seria desvirtuar o espírito dos estatutos e prejudicar gravemente os objectivos propostos».

Os corpos gerentes da associação terão de ser eleitos até Outubro deste ano, sendo até lá dirigida pela actual comissão organizadora, de 14 elementos. A reunião de ontem à noite compareceram cerca de 100 pessoas.

Corregedor demite–se do MDP

O deputado do MDP/CDE, Corregedor da Fonseca, demitiu–se ontem daquele partido «em coerência com as razões» que anteriormente o tinham levado a demitir–se dos orgão dirigentes.

Corregedor da Fonseca, que disse já ter comunicado a sua decisão à cúpula do partido, recordou que na carta em que se demitiu da direcção afirmava que sairia do MDP se não fosse recomposta a coligação APU. O deputado recusou–se a dizer se iria ou não integrar as listas da Coligação Democrática Unitária (CDU), recentemente constituida, afirmando que sobre o assunto iria, para já, «remeter–se ao silêncio».

Octávio Pato no Clube de Imprensa

Mais do que um militante de «Os Verdes»» será colocado nas listas da coligação CDU em lugares elegíveis para o Parlamento. Foi o dirigente comunista Octávio Pato, o entrevistado de ontem do programa «Clube de Imprensa», quem o revelou tendo ainda acrescentado que de igual modo mais do que uma pessoa que não seja do PCP nem do partido ecologista será igualmente incluida em lugares de previsível eleição.

Na entrevista, transmitida pelo canal 2 da RTP, Pato declarou que o desejo do seu partido é que Portugal tenha um «Governo democrático de acordo com os interesses nacionais».

Em seu entender, o objectivo fundamental de todos os partidos que o PCP considera democráticos deve ser «derrotar a direita». Depois de dizer que a política do Governo de Cavaco Silva «tem sido benéfica para os capitalistas», o dirigente do PCP preconizou o diálogo do seu partido não só com os seus parceiros de coligação eleitoral, mas também com o Partido Socialista, o Partido Renovador Democrático e o MDP/CDE.

CDS critica PSD

Por seu lado o CDS criticou ontem a recusa do PSD em fazer listas conjuntas ao afirmar que tal «afectará a dinâmica necessária para alterar qualitativamente a composição da Assembleia da República».

Em comunicado da respectiva Comissão Permanente, os centristas consideram que «a afirmação da personalidade e mensagem do partido é assim mais urgente e fundamental para conseguir um Governo de maioria que normalize a vida do país, que dê voz à maioria sociológica em que se integra e que trave definitivamente o frentismo de esquerda».

Finalmente, aquele orgão de cúpula do CDS afiança que «não há normalidade democrática sem maioria e não há maioria sem que o CDS tenha uma representacão na Assembleia da República que permita aqueles objectivos nacionais».

UDP/Madeira propõe coligação

Entretanto ontem, a UDP/Madeira propôs aos outros partidos de Oposição regional — PRD, PCP e PS — a constituição de uma coligação para as eleições legislativas de 19 de Julho.

De acordo com o líder local da UDP, Paulo Martins, a coligação teria como objectivo «reduzir o número de deputados social–democratas pelo círculo eleitoral da Medeira».

O mesmo dirigente afirmou ainda estar convencido que «com uma coligação deste tipo, seria possível assegurar a eleição de dois deputados, em vez de apenas um mandato alcançado pelo PS nas eleições de 1985».

Livro de Otelo lançado em Lisboa: "Uma dívida imensa de gratidão"

«Há quem queira mesmo que a gente perca a memória, deixando que se instale em nós uma espécie de conformismo...», lembrou Eduarda Dionísio, ao intervir ao fim da tarde de ontem, na Casa do Alentejo, na sessão de lançamento do livro de Otelo «Acusação e Defesa em Monsanto».

Nos écrans de uma sala ao lado, e em muitas outras salas da cidade, as atenção corriam para o Gotemburgo–Dundee United em futebol. Mas o amplo salão da Casa do Alentejo não foi demasiado para as muitas dezenas de amigos e devedores do «mais importante soldado de Abril»(expressão feliz de Baptista–Bastos, também presente) que ouviram, revoltados e comovidos, a denúncia implacável de Eduarda Dionísio sobre este tempo que vivemos, que deu para tudo, que deu para libertar e reintegrar pides e similares, que dá para alimentar e silenciar crimes qualificados, que dá para escutar telefones, que dá para «ajustar»,também em Otelo, as «contas» de 74-75, as contas dos dois melhores anos do Portugal contemporâneo.

Luís Francisco Rebelo fez a primeira intervenção e começou por lembrar a nossa «dívida imensa de gratidão» para com Otelo e acentuar que, «sem a sua acção decisiva, muitos dos que têm o Poder desde o 25 de Abril não o teriam exercido»

«Em troca—sublinhou— mantêm–no preso em Caxias há três anos». Referiu, a propósito do livro de Otelo, a defesa de Dimitrov, há 50 anos, em Leipzig, contra os juízes hitlerianos e alertou para as ameaças que pairam sobre a sociedade portuguesa sob o rótulo de uma «democracia liberal». Recordou ainda o processo movido pela hierarquia do Exército a Vasco Lourenço por declarações nas comemorações do 25 de Abril.

«A solidariedade parece desempregada», assinalou Baptista–Bastos numa curta mas significativa intervenção de denúncia do «julgamento político» do comandante de Abril e do medo que se reinstala no país. Falou também da visita que fez há dias a Otelo. Contou que o víu forte e decidido. «O encarcerado parecia eu», disse.

Celestino Amaral estabeleceu um eloquente paralelo entre as barreiras informativas criadas aos jornalistas no processo dos terroristas dos GAL, com alegado envolvimento de oficiais do Exército português, e as facilidades de acesso a informações no processo das FP-25, visando preparar a opinião pública para a detenção e condenação de Otelo e dos seus companheiros.

Maria do Céu Guerra leu um poema de Gastão Cruz e exaltou a figura de Otelo, um homem que «incomoda esta democracia medrosa». Denunciou também Céu Guerra este regime de Cavacos, que saneia os «mais incómodos» e quer manter o 25 de Abril «em prisão perpétua» e apelou à acção para Otelo seja rapidamente libertado, frisando que ele está preso «porque foi rebelde». Foi a sua rebeldia –disse- que fez o 25 de Abril.

Vítor Alves fez a última intervenção e deixou no ar a questão: «Está o Poder preparado para arcar com todas as responsabilidades de uma absolvição?».

E.A.

Pezarat Correia:

Os generais da era salazarista "traíram-se e traíram o regime"

Os generais defensores do anterior regime «traíram–se a eles e trairam o Poder» ao não se oporem aos militares que efectuaram o 25 de Abril de 1974, afirmou Pezarat Correia, a noite passada, num colóquio realizado na Faculdade de Direito de Lisboa, subordinada ao tema «A crise na sociedade portuguesa nas vésperas do 25 de Abril».

Pezarat repudiou as críticas aos promotores do golpe vitorioso em 1974 feitas por «alguns chefes militares» que serviram no anterior regime.

«Aqueles generais que apoiavam e achavam que ele estava certo, deveriam tê–lo defendido e, não o fizeram. Traíram–se eles e trairam o regime». Acusou aquele ex–membro do Conselho de Revolução.

Pezarat Correia considerou que o anterior regime «era um ninho de contradições», que não podia «reformar–se por dentro».

«Cada tentativa de abertura criava nova nova crise, por onde actuava a oposição», sublinhou.

O almirante Vítor Crespo, presente no mesmo colóquio, referiu que o governo de Marcelo Caetano «dificilmente seria derrubado», se tivesse «um aparelho militar bem montado».

Vítor Crespo indicou que a maioria dos chefes militares de então «não serviam de apoio pessoal a Marcelo Caetano. Eram, sim, apoiantes de um regime».

«Em termos militares, o apoio a Marcelo era muito limitado» frisou, ressaltando que «um ditador que não tem um aparelho militar, não o chega a ser».

Intervieram ainda no colóquio, promovido pela Associação 25 de Abril, António Reis, dirigente do PS, Vítor Dias, dirigente do PCP, e Carlos Crujeira, dirigente regional do PRD.

Enviado de Gorbachev vem a Lisboa relatar negociaçoes com EUA

Vladimir Suslov, embaixador plenipotenciário soviético, chega amanhã a Lisboa para informar as autoridades portuguesas sobre as negociações que decorreram recentemente em Moscovo com o secretário de Estado norte–americano, George Schultz.

Suslov estará uma semana em Lisboa e terá encontros com o Presidente da República, com o ministro dos Negócios Estrangeiros e com os dirigentes dos principais partidos portugueses.

Membro destacado da diplomacia soviética, Suslov, 64 anos, foi vice–secretário geral da ONU entre 1963 e 1975 e mantém, desde o ano passado, o cargo de embaixador extraordinário e plenipotenciário da URSS para missões especiais.

Anacoreta nega relato da Lusa

Antigos ministros desmentem acordo luso-indonésio sobre Timor

Almeida Santos e Mário Ruivo desmentiram, em declarações ao «DN», a revelação feita em Braga pelo vice–presidente do CDS, Anacoreta Correia, da existência de um acordo entre Portugal e a Indonésia sobre Timor–Leste, celebrado em 1975.

Nas afirmações feitas durante um colóquio promovido pela Universidade do Minho, e reproduzidas pela agência Lusa, o responsável centrista falou de um acordo nunca publicitado e sugeria que fossem ouvidos sobre a matéria os três ministros dos Negócios Estrangeiros portugueses desse ano: Melo Antunes, Almeida Santos e Mário Ruivo.

Ouvidos pelo mesmo matutino, Almeida Santos e Mário Ruivo, negaram ter conhecimento de tal acordo. O dirigente do PS frisou, a propósito, que «houve sempre da parte dos governantes portugueses uma séria recusa em encarar qualquer hipótese desse género».

«Isso é redondamente mentira. E o sr. Anacoreta Correia deverá esclarecer em que é que fundamenta a invocação do meu nome, sob pena de ter de lhe pedir responsabilidades..», acrescentou Almeida Santos, lembrando ainda nunca ter sido ministro dos Negócios Estrangeiros.

Entretanto, Anacoreta Correia desmentíu já as afirmações suas reproduzidas pela Lusa. O vice–presidente do CDS disse ter–se limitado a fazer uma listagem dos argumentos invocados pela Indonésia, um dos quais respeita a um alegado acordo com o Governo português em 1975, acordo—disse— que «nunca veio a público, nem consigo referenciar».

Socialistas Europeus no Estoril

DEFENDER OS PEQUENOS AGRICULTORES EVITAR A "DESERTIFICAÇÃO" RURAL

Augusto Vilela

Evitar a «desertificação rural», ou seja a destruição do mundo rural como componente indispensável a um mundo socialmente equilibrado, é o alcance mais profundo das medidas aprovadas pelos parlamentares socialistas da comissão de agricultura propostas á comissão das Comunidades sob a forma de emendas ao projecto por esta apresentado para a agricultura europeia. A questão mais importante, e que mais de perto toca a Portugal, dizia respeito aos preços agrícolas, o eterno problema comunitário que ao longo dos últimos anos tem consumido milhares de horas de estéreis discussões. Neste campo o grupo socialista europeu foi peremptório, ao rejeitar qualquer abaixamento de preços. A sua flexibilidade vai apenas até ao ponto de os deixar como estão mas, mesmo assim, exigem que outras medidas sejam implementadas, designadamente um maior apoio aos pequenos produtores.

Preços agrícolas, taxas sobre matérias gordas e azeite eram os três pontos em discussão. Para simplificar as coisas, os socialistas europeus recusaram discutir produto por produto, apresentando tudo num único pacote agrícola.

Como já referimos - e este constitui um dos dados mais importantes no momento actual - eles não aceitam a diminuição de preços proposta pela comissão das comunidades, sobretudo para os cereais, frutas e legumes. Aceitam apenas o congelamento e, mesmo assim, acompanhado de um conjunto importante de medidas de apoio aos pequenos agricultores, para os quais pedem um aumento de ajudas no montante de cerca de 80 milhões de Ecus, bem como a abolição da taxa de co–responsabilidade para os que produzem menos de 25 toneladas de trigo e de 60 mil litros de leite.

Escusado será referir a importância de que estas medidas se revestem para milhares de agricultores portugueses que se encontram nestas condições. Aliás os principais beneficiados serão os países do Sul: Portugal, Espanha, Itália e Grécia.

O ponto de vista dos socialistas europeus é que, mesmo com o congelamento dos preços agrícolas, se não existirem ajudas, as grandes explorações sobrevivem mas as pequenas não.

«Queremos tomar todas as medidas que permitam a manutenção de um mundo rural. Um ideia central é de que se torna absolutamente necessário haver uma política de preços e de medidas socio–estruturais para evitar a «desertificação dos agricultores», salientava–nos ontem um especialista comunitário da agricultura e pescas.

As matérias gordas

Outra questão importante desenvolvia–se à volta da fixação de taxas sobre as matérias gordas, um tema que não é pacífico, dado que nele entram as grandes multinacionais, que nos bastidores desenvolvem um jogo pouco limpo no sentido de baixar ao mínimo os preços das matérias primas. Este jogo chegou ao ponto de, através dos seus «lobbies», algumas multinacionais tentarem influenciar o Senado norte–americano a fim de conseguirem que a administração Reagan exerça pressões junto da Comunidade contra a aplicação da taxa sobre as matérias gordas.

As propostas socialistas contemplam o pedido de ajuda financeira para os agricultores que produzam menos de 500 kg de azeite. A comissão tinha proposto que as ajudas fossem concedidas aos que tivessem produções inferiores a 100 kg, medida menos ampla e de efeitos práticos menos importantes. Isto interessa fundamentalmente a Portugal, Espanha, Itália e Grécia. Segundo os especialistas permitirá manter a produção de azeite portuguesa, que numa percentagem significativa provém dos pequenos agricultores.

A taxa sobre as matérias gordas tem como opositores os países que têm indústria de transformação deste produtos e os países maiores consumidores. Dado que os preços garantidos aos agricultores europeus são consideravelmente mais elevados que a cotação do mercado mundial, a Comunidade tinha que suportar um enorme diferencial para cobrir a diferença que vai dos preços internacionais ponderados numa média dos últimos cinco anos ao preço garantido aos agricultores.

Portugal e a qualidade

A necessidade de reduzir e limitar a produção agrícola europeia, como forma de evitar os excedentes, é aceite por todos mas Portugal é um caso diferente visto que importa grande parte daquilo que consome no sector alimentar. É ideia generalizada entre os parlamentares socialistas da comissão de agricultura que o nosso País precisa de tornar–se auto–suficiente, mas opõem–se à ideia de produzir mais de menor qualidade, reclamam ser pela qualidade e defesa dos produtos oferecidos ao consumidor.

Um ponto de vista que recolhe importante consenso é que «a esperança para a agricultura portuguesa é tornar–se o garante da qualidade, jogar nela e no valor acrescentado». Reconhecem–se–lhe grandes potencialidades mas também uma grande falta de aproveitamento dessas condições. Não se recomenda porém a ideia da criação de empresas agrícolas para competir com a agricultura do Norte da Europa, dada a certeza antecipadade que elas seriam esmagadas nesse confronto, garante–nos um especialista comunitário. As vias que recomendam passam pelo esforço para a auto–suficiência alimentar do País e depois a competição pela via da qualidade.

«Mas no que se refere a Portugal, afirma ainda o mesmo especialista, a organização da comercialização é absolutamente necessária. Não se pode fazer sobreviver o agricultor se não houver melhor repartição entre quem produz e quem comercializa».

Gorbachov, África Austral e Timor em destaque nos discursos de Sartzetakis e Mário Soares

O Presidente grego, Christos Sartzetakis, elogiou a noite passada perante o seu homólogo português, Mário Soares, as recentes propostas de desarmamento do líder soviético, Mikhail Gorbachov, e apoiou as «justas reivindicações do povo palestiniano quanto à criação de um Estado independente».

O Chefe de Estado grego, que chegou ontem a Lisboa para uma visita oficial de quatro dias ao nosso país, considerou(no banquete que lhe foi oferecido no Palácio da Ajuda por Mário Soares), a propósito do fim da corrida aos armamentos, da redução das armas de destruição massiva e da criação de zonas desnuclearizadas na Europa, que «as recentes propostas de Gorbachov devem ser encaradas positivamente, pois que contribuem de maneira decisiva para a normalização das relações Ocidente–Leste».

Sartzetakis acusou, por outro lado, a Turquia de, desde há décadas, manter uma política expansionista em prejuízo dos interesses da Grécia e referíu particularmente o caso de Chipre que, frisou, só poderá ser resolvido pela aplicação das regras de direito internacional, ou seja, a retirada das tropas de ocupação e de mais de 65 mil colonos turcos.

Mário Soares considerou no seu discurso que Portugal estará «atento aos efeitos perversos de soluções injustas ou irrealistas tendentes a ignorar a diversidade dos meios de resposta de cada Estado e as diferentes consequências que a liberalização dos fluxos financeiros e comerciais produz e repercute em cada economia nacional»

Soares falou ainda da «vocação atlântica» portuguesa alertando para os problemas do Terceiro Mundo, nomeadamente da África Austral e do Brasil, criticou as «interferências exteriores com objectivos hegemónicos» em Angola e Moçambique e considerou «revoltante» a situação do Povo de Timor–Leste.

Novamente o caso Valladares

Da Associação de Amizade Portugal–Cuba recebemos a seguinte carta, dirigida ao nosso Director:

«Lemos com a merecida atenção o artigo do jornalista Eugénio Alves intitulado «Walters e Valladares, Ld[a]», e a carta que a esse respeito escreveu o dr. António Maria Pereira.

«Permita–nos, que sem querer entrar em polémica, contribuamos com algum dos elementos que possuímos poara esclarecimento dos factos.

«1º Armando Valladares foi de facto polícia do regime de Baptista mas por pouco tempo (o seu cartão de admissão data de 30/5/1958). Quando a revolução triunfou ele era polícia havia pouco mais de um ano e não havia conhecimento de ter cometido crimes ou violências, pelo que não sofreu qualquer pena e foi colocado no Banco de Ahorro Postal Cubano.

«2º A sua prisão e condenação em 1960 resultou de estar implicado numa rede bombista que se propunha fazer explodir bombas em supermercados.

«Foi julgado e condenado a trinta anos de prisão, como foi noticiado nos jornais da época.

«Não foi preso por divergências ideológicas mas por actos de terrorismo.

«3º A sua paralisia não foi causada por torturas, foi sim simulação grosseira.

«Depois de examinado medicamente e feito o diagnóstico de simulação, esta foi confirmada, por filmagens que foram realizadas na casa de banho, onde o simulador julgando–se só fazia ginástica uma a duas vezes por dia.

«Quando foi posto em liberdade e convidado a andar insistiu na simulação da paralisia, sendo então conduzido perante um vídeo onde se viu a sair da cadeira de rodas e a fazer ginástica. A sua reacção de desespero quando se viu desmascarado, foi também filmada.

«Estes vídeos foram enviados ao Presidente Mitterrand e ao Primeiro–Ministro Felipe Gonzalez que devidamente informados se recusaram a receber este terrorista e simulador.

«Temos os vídeos em nosso poder e teremos muito prazer em os exibirmos perante o dr. António Maria Pereira.

«Muito poderiamos ainda acrescentar sobre as condições prisionais em Cuba, comparadas com as de outros países que tão sonora e repetidamente apregoam o seu apego à defesa dos direitos humanos, mas esta já vai longa».

Assina: *a Direcção da Associação de Amizade Portugal–Cuba.*

É Álvaro Barreto que o reconhece

Alqueva terá que ser feita mais cedo ou mais tarde

O ministro da Agricultura afirmou ontem em Beja que a Barragem do Alqueva «terá que, mais tarde ou mais cedo, ser feita». Em visita ao Alentejo a convite de uma moderna empresa agrícola, privada, o titular da Agricultura, Florestas e Alimentação frisou ainda que o agricultor português não é avesso à mudança.

O projecto do Alqueva volta a ser agitado por um membro do Governo e principal responsável da área. Atribulado processo que remonta a antes de 25 de Abril de 1974 — por iniciativa de Marcelo Caetano — foi «congelado» perante o Governo de Mota Pinto (de iniciativa presidencial), vindo a ser de novo dinamizado durante o anterior Executivo por Helena Torres Marques, que assinou um protocolo em nome da Secretaria de Estado da Administração Autárquica com o Governo Civil de Beja e a Câmara Municipal de Moura.

Nesta sua deslocação a Beja, o ministro da Agricultura, que se fez acompanhar do seu chefe de gabinete, Rodrigo Ferreira, afirmou que «enquanto Alqueva não for resolvido, estará por resolver o problema do regadio no Alentejo».

Álvaro Barreto foi a Beja a convite de uma empresa privada que este ano iniciou a distribuição no mercado nacional de ervilha proteagionosa, uma leguminosa que permite fazer a rotação com os cereais e cuja cultura dispõe de apoio comunitário.

Expressando uma opinião pessoal, o ministro considerou que «Alqueva justifica-se por questões sociais, económicas e políticas e, mais cedo ou mais tarde, terá de ser feito».

Por outro lado, e perante o impasse de Alqueva, vai ser lançado um projecto de pequenos regadios financiado a fundo p-erdido entre 50 e 60 por cento do total de investimento, estando já elaborado um levantamento que prevê 1937 potenciais lugares para a construção de pequenas barragens.

No lentejo, existem 10 explorações agrícolas, num total de 150 hectares, que cultivam a ervilha proteaginosa.

O ministrovisitou duas explorações e assistiu conjuntamente com dezenas de agricultores e técnicos agrícolas a uma intervenção do engenheiro Teodósio Salgueiro, da Direcção-Geral da Agricultura, sobre a reconversão da agricultura no Alentejo.

A finalizar a visita, Álvaro Barreto falou aos agricultores presentes, tendo afirmado: «Aqui está dado um exemplo do que a iniciativa privada pode fazer pela nossa agricultura.»

«Penso que, com uma conjugação de esforços entre os empresários agrícolas e o Estado, estaremos no caminho certo, pois esta é uma cultura rentável para os agricultores e demonstra que o português não é tão avesso à mudança quanto aquilo que alguns querem fazer crer» — disse.

O presidente do Conselho de Administração da empresa promotora da visita, Diogo da Fonseca, afirmou: «Estamos envolvidos numa aventura que nos ultrapassa a nós, como empresa, mas que pretene ser a alternativa para a agricultura portuguesa nos termos que se aproximam.»

Em zona crítica alentejana

MÉRTOLA RECEBE DE BRAÇOS ABERTOS INVESTIMENTO DE 1,5 MILHÕES

Mértola prepara-se para uma grande festa, passando a olhar o futuro com mais esperança e alegria. Há fortes motivos para isso: é que vem aí — já este mês — um investimento da ordem do milhão e meio de contos, quase totalmente a fundo perdido. Arrancará ainda este mês na área do concelho de Mértola, uma das zonas mais deprimidas do País.

Trata-se do programa de desenvolvimento agro-pecuário, já aprovado pelo Governo português e que contará com o apoio da Comunidade Europeia, no âmbito do Programa Específico para o Desenvolvimento da Agricultura Portuguesa (PEDAP).

O programa que agora arranca numa das regiões mais desfavorecidas do continente europeu pretende a reorientação das explorações agrícolas abrangidas (214) num total de 35 mil hectares.

Uma zona que até agora tem cultivado de forma tradicional e marginal cereais, com métodos arcaicos e manifestamente sem margem de competição face à CEE, poderá ter, dentro de sete anos, tantos quantos dura o programa, uma fisionomia completamente diferente.

A alternativa aos cereais será a pecuária, essencialmente de ovinos e caprinos.

Os 1.571.118 contos previstos no orçamento do programa dizem respeito a sete acções fundamentais: desmatação, instalação de prados, forragens (tremocilha), vedações, equipamento mecânico, formação e emprego de vulgarizadores, formação profissional e uma exploração de demonstração.

Governo e CEE comparticipam

O empobrecimento da zona e a degradação latente das condições actuais de produção levaram a que este programa fosse altamente comparticipado, tanto pelo Governo português como pela CEE, o que o torna numa oportunidade talvez histórica, sem dúvida única, de transformar uma zona deprimida e ameaçada de despovoamento numa região onde seja possível viver.

Assim, as acções de formação, divulgação e demonstração serão totalmente comparticipadas, enquanto as restantes terão ajudas a 90 por cento.

Para a concessão destas ajudas aos beneficiários privados será exigido que a área a beneficiar não ultrapasse os 250 hectares e que o montante de comparticipação não seja superior a 14 mil contos por benefício ou exploração.

Os beneficiários com áreas inferiores a 50 hectares só poderão beneficiar das ajudas referidas através da exploração em comum que atinja, pelo menos, os 250 hectares, devendo todas as unidades dispor de um sistema simplificado de contabilidade.

Este projecto de desenvolvimento tem como objectivo fundamental a elevação do rendimento dos agricultores, bem como dos restantes habitantes do concelho, nomeadamente através da criação de novos postos de trabalho e, indirectamente, de maiores necessidades de bens e serviços.

Segundo o programa, «tal objectivo só poderá ser alcançado com a reorientação da produção, no sentido da intensificação pecuária, cujo vetor principal consiste na implementação de prados permanentes de sequeiro em que se utilize espécies auto-ressemeáveis, ecologicamente bem adaptadas».

Aumentar protecção contra a erosão

Do ponto de vista ecológico, pretende-se o aumento da protecção contra a erosão em solos declivosos, o melhoramento da estrutura e fertilidade do solo e a redução das suas mobilizações.

A origem do programa teve como base o trabalho da Cooperativa Agrícola do Guadiana que conseguiu mobilizar os agricultores locais, apesar do adormecimento de dezenas de anos provocado pelas condições naturais (dos solos mais pobres do País) e pelo abandono do poder central (a falta quase completa de apoio técnico-económico).

Situado no coração da chamada «zona crítica alentejana», o concelho de Mértola é hoje um dos mais despovoados do País (9,1 habitantes por km2), de mato que alastrou nos últimos anos para áreas consideráveis de cultivo, de produções agrícolas quanto a cereais ou a ovinos.

Um maior encabeçamento de gado ovino, aliado à sua melhoria genética e sanitária, faz pensar mesmo, no futuro, na industrialização do leite de ovelha e queijo.

Está em estudo, também na linha de reorientação preconizada para a produção do concelho, um projecto industrial de curtumes e preparação de peles.

Num dos extremos raianos do empobrecido Baixo Alentejo, paredes meias com outra zona altamente carenciada, a serra algarvia, a região de Mértola vê com este programa uma luz ao fundo do túnel, uma luz que poderá evitar no futuro os tradicionais caminhos da emigração, para a Suíça, França, e Luxemburgo, ou para as cinturas industriais de Lisboa ou de Setúbal, onde a situação, também não é brilhante.

COMPRE MÓVEIS

COM GRANDES FACILIDADES DE PAGAMENTO

SEM ENTRADA E SEM JUROS

ATÉ 36 PRESTAÇÕES MENSAIS

DARTY MÓVEIS LDA CONFIANÇA

MOVIGRUPO CONSÓRCIO

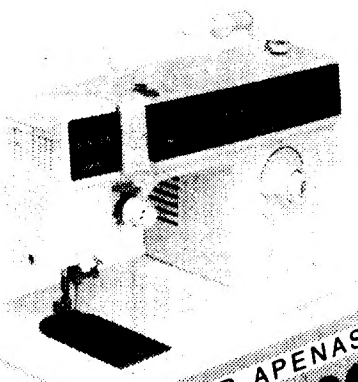
NAS LOJAS DARTY MÓVEIS CONFIANÇA
E NO NOSSO AGENTE MÓVEIS PICA-PAU

MONTIJO — Rua José Joaquim Marques, 40
ODIVELAS — Fábrica: R. Alfredo Ruas, 50-A Pedernais 982 60 54/58 (à Ponte da Bica)
LISBOA — Av. Almirante Reis, 125 — ☎ 530076
LISBOA — Est. Benfica, 174-176 — ☎ 780599
AMADORA — Av. D. Nuno Álvares Pereira, 5-B — ☎ 4945691
QUELUZ — Av. António Enes, 20-B — ☎ 952306
ALMADA — Av. 25 de Abril, 45 — ☎ 2769001
COVA DA PIEDADE — R. Conceção Sameiro Antunes, 13-B — ☎ 2754952
PAIVAS — Est. Nacional 10, Lote 30 — ☎ 2210067
V.F.XIRA — R. Alves Redol, 80-B — ☎ 24011
Mem Martins — Rua Chabi Pinheiro, 8 - Tel. 9217294
SETUBAL — Av. D. Manuel I 80 (Frente ao centro Com. Dufa)
BARREIRO — R. Dr. Manuel Pacheco, 92-A — ☎ 2077237
ALVERCA — Av. Capitão Meleças, 34-A — ☎ 2582403
LISBOA — R. Luciano Cordeiro, 18-A — ☎ 521384
COIMBRA — Av. Fernão de Magalhães, 80 — ☎ 26185
FARO — R. Eça de Queirós, 2 — ☎ 27580
LOULÉ — R. Ataide de Oliveira, 18

AGORA SETUBAL E MONTIJO

NOTA: As lojas de Lisboa, Amadora, Queluz e Mem Martins estão abertas ao Sábado de tarde.

POUPANÇA PONTO POR PONTO



MÁQUINA DE COSTURA SAMBA

POR APENAS 2.250$ MENSAIS

SINGER 87 uma loja de POUPANÇA

Mais de 200 lojas exclusivas em Portugal

TRIBUNAL DO TRABALHO DE LISBOA 2.º JUÍZO

ANÚNCIO

O DOUTOR FRANCISCO ALVES DE ALMEIDA, Juiz de Direito do Segundo Juízo do Tribunal do Trabalho de Lisboa.

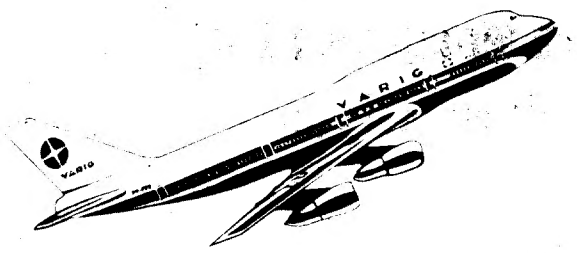
FAZ SABER que pela Segunda Secção deste Juízo e sob o n.º 3/84, correm seus termos uns autos de Execução de Liquidação de Sentença, em que são: Exequente, Manuel Augusto da Silva e Executados, Augusto Sousa Almeida e Fernando Silva, residentes respectivamente, na Rua A – Quinta de Santo António em Camarate e Encadinhas de Baixo, n.º 2 em Sacavém e, neles correm éditos de TRINTA DIAS, citando os Executados, para no prazo de CINCO DIAS findo o da dilação contados a partir da data da publicação do último anúncio, contestarem querendo, a Liquidação de Sentença, nos autos de Execução de Sentença acima indicados, que lhes move o Exequente já identificado, bem como o requerimento a proceder à liquidação da quantia exequenda, cujo duplicado se encontra à disposição dos Executados na Secção de Processos.

Lisboa, aos vinte e oito de Abril de mil novecentos e oitenta e sete

O Juiz de Direito,
(Ilegível)

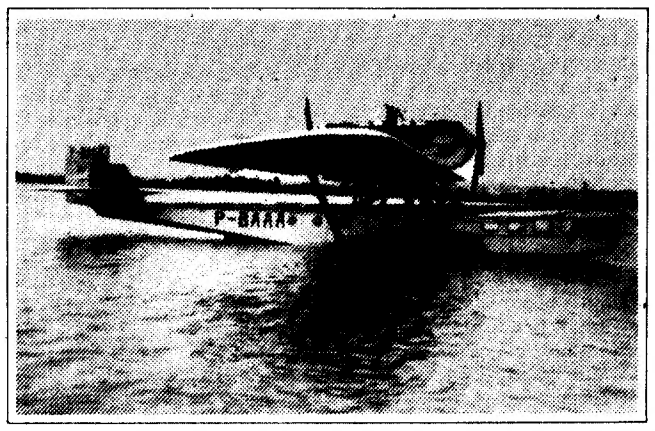
O Escrivão-Adjunto,
(Ilegível)

"D.L." 7/5/87 – 1.ª Pub.



Há 60 anos que voamos mais alto

Hoje 7 de Maio, comemoramos 60 anos. Do primeiro avião — o "Atlântico" 9 passageiros, 180 km/hora — ao Boeing 747-300 de hoje, que pode transportar mais de 400 passageiros a uma velocidade de 1.000 km/hora, conta-se uma verdadeira epopeia de homens e máquinas.



Atlântico. Primeiro avião Varig.

A Varig começou com uma linha de 270 km. Hoje, com uma extensão de linhas de 313.426 km, a maior companhia aérea brasileira e uma das maiores do mundo chega a 68 cidades espalhadas pelos cinco continentes.

A Varig já transportou mais de 79 milhões de passageiros. Voou durante 8.749.649 horas e percorreu o equivalente a 51 mil voltas ao mundo.

A Varig conta com uma frota de 51 jactos. Mais de 21 mil funcionários, espalhados pelo mundo, mantêm os critérios de qualidade que se transformaram numa referência mundial.

Enquanto você ficava a conhecer um pouco melhor o porquê da qualidade do serviço Varig, pousou ou descolou um avião Varig algures na Terra.

VARIG
1927-1987

Ogilvy & Mather

Fenprof analisa momento político

"TUDO FAREMOS PARA QUE NÃO CONTINUE POLÍTICA DE ARROGÂNCIA E LIGEIREZA"

No distrito de Lisboa, apenas um professor provisório do ensino preparatório conseguiu vaga para se efectivar, no mais recente concurso para colocação de professores. No distrito de Aveiro efectivaram-se 4 professores daquele grau de ensino, 6 nos distritos de Coimbra, Faro e Portalegre, 12 no distrito de Santarém, 27 no do Porto, e 32 no de Setúbal.

A nível nacional, apenas se conseguiram efectivar 262 professores provisórios do ensino preparatório.

«Se considerarmos que trabalham nas escolas preparatórias, secundárias e C+S, cerca de 26 000 professores provisórios com habilitação própria — muitos deles com muitos anos de serviço mas sem vínculo — concluímos que neste concurso apenas se efectivaram 6,5 por cento» — afirma a Federação Nacional dos Professores.

Os professores sem vínculo contratual estão em grande parte ameaçados de desemprego, tanto mais que os jovens licenciados pelas Faculdades em que existem ramos educacionais ficam em situação privilegiada, pois saem da Faculdade já com habilitação própria e habilitação pedagógica.

Tal situação preocupante verifica-se apesar de o ministro da Educação ter garantido publicamente dias antes da greve nacional dos professores de 26 e 27 de Março, passado, que 15 000 novas vagas de quadro iriam ser ocupadas por professores provisórios.

Este foi um dos problemas debatidos pelo Conselho Nacional da Federação dos Professores, que se reuniu em Lisboa, durante dois dias e em que estiveram presentes 97 professores dos vários graus de ensino dos 7 sindicatos que integram a Fenprof.

Gestão democrática mais dificultada

Outra questão em debate foi as alterações introduzidas pelo Ministério da Educação à eleição dos conselhos democráticos que a Fenprof considera ser mais uma medida restritiva da gestão democrática das escolas.

O Decreto-Lei 197/87 estabelece a data de 30 de Maio como prazo limite para eleição dos conselhos directivos, enquanto o prazo anteriormente estabelecido se estendia até 15 de Julho. Esta redução de mês e meio no fim do ano lectivo trará dificuldades e irá complicar não só a elaboração de listas concorrentes, mas toda a organização do processo eleitoral, o que leva a Federação a concluir que o objectivo da medida é dificultar as eleições para, nas escolas, onde não for possível haver listas, o Ministério da Educação proceder à nomeação discricionária do presidente do conselho directivo.

Questões como o estatuto da carreira docente, subsídios de especialização e os cursos de promoção dos professores do ensino especial, a gestão escolar, entre outras, ocuparam também o debate do Conselho Nacional da Fenprof que, ao analisar a actual situação política e as suas incidências na acção reivindicativa dos professores e na situação da Educação, chegou a algumas conclusões.

Assim, até às eleições de 19 de Julho, considera que o governo de gestão não tem competência para aprovar diplomas institucionais nem para introduzir alterações ao funcionamento do sistema educativo; que o MEC deve apresentar o seu projecto de estatuto de carreira docente, sucessivamente adiado nos últimos dois anos; que o governo de gestão tem competência para aprovar diplomas sectoriais urgentes e obrigação de os negociar com a Fenprof, como, por exemplo, o subsídio de especialização e os cursos de promoção a educador, no ensino especial, a criação de quadros complementares ou regionais que efectivem os professores não efectivos, e provisórios dos ensinos primário, preparatório e secundário.

Preocupação com a abertura do ano lectivo

Considerou ainda o Conselho Nacional da Fenprof que os diplomas sectoriais que vierem a ser aprovados só deverão ser promulgados pelo Presidente da República (único órgão fiscalizador das actividades do governo actualmente), se os respectivos diplomas tiverem sido previamente negociados com a Federação Nacional dos Professores e que o Governo de gestão é responsável pela criação das condições de abertura do próximo ano lectivo de 1987/88.

Àcerca da abertura do próximo ano lectivo, os responsáveis da Federação manifestaram preocupação pelos atrasos que se verificam, pela desorientação e desrespeito pela Lei de Bases, adiantando que a abertura mais cedo das escolas tem para já um efeito negativo: os professores só podem gozar férias em Agosto, mês em que os alojamentos são mais caros.

Frisando que, no que respeita à Educação, a moção de censura de que o Governo foi alvo tinha razões de sobra para ser aprovada, os responsáveis da Fenprof afirmaram que tudo farão para que depois de 19 de Julho não continue a política de «arrogância e falta de diálogo» que tem caracterizado as últimas equipas dirigentes do ME, lideradas pelo PSD.

Quanto à sua acção reivindicativa até à data das eleições, o Conselho Nacional elaborou um programa de que se destacam: intervenção em defesa dos interesses de professores e alunos no respeitante à gestão democrática das escolas; bertura do próximo ano lectivo e realização de iniciativas regionais e sectoriais como os Encontros Regionais do Ensino Primário do Sindicato dos Professores do Norte; o II Congresso do Sindicato dos Professores da Madeira; debate sobre formação de professores dos Açores e debate sobre o papel dos sindicatos, do Sindicato dos Professores da Região Centro.

O calendário de acções inclui ainda, em finais de Maio, um desfilem Lisboa e um convite à Confederação Nacional de Associações de Pais, estruturas representativas dos estudantes e outras organizações para grandes debates nacionais e regionais sobre questões fundamentais como a implementação da Lei de Bases, o regime de emprego, direito à participação e negociação colectiva.

Só 3 de professores gostam de Pinheiro

Na conferência de Imprensa de ontem foi também divulgado o resultado da avaliação da acção do ministro, lançada pelo Fenprof entre professores de todo o País.

Dessa avaliação concluiu-se que apenas 3 por cento dos professores que responderam consideraram boa a actividade de João de Deus Pinheiro como ministro.

Quanto aos restasntes, apontaram-se fundamentalmente três aspectos negativos, corroborados, de resto, pelos dirigentes da Fenprof: arrogância, ligeireza em encarar certos problemas e incapacidade de diálogo e de negociação.

«João de Deus Rogado Salvador Pinheiro não foi aprovado na prova a que o sujeitaram os professores», afirma a Fenprof.

UNIÃO DE ALGÉS
COOPERATIVA DE CONSUMO – C.R.L.
ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

CONVOCATÓRIA

A pedido da Direcção e nos termos dos Estatutos do n.º 2 do art.º 42.º do Código Cooperativo, convoco a Assembleia Geral Ordinária para reunir na Sede Social, Rua dos Anjos, 23, Algés, no dia 14 do próximo mês de Maio, pelas 21 horas, com a seguinte ordem de trabalhos:

ORDEM DE TRABALHOS

1. Informações.
2. Discussão e votação do Relatório e Contas referente ao exercício de 1986, assim como do correspondente parecer do Conselho Fiscal.

ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA

CONVOCATÓRIA

A pedido da Direcção e nos termos dos Estatutos do n.º 3 do art.º 42.º do Código Cooperativo, convoco a Assembleia Geral Extraordinária para reunir na Sede Social, Rua dos Anjos, 23, Algés, no dia 14 do próximo mês de Maio, após o encerramento da Assembleia anterior com a seguinte ordem de trabalhos:

ORDEM DE TRABALHOS

Ponto único: ELEIÇÃO DOS CORPOS DIRECTIVOS PARA EXERCÍCIO DE 1987.

Se à hora marcada não se encontrar presente ou representada a maioria dos associados, os trabalhos terão início uma hora depois, com qualquer número de presenças.

Algés, 27 de Abril de 1987

O Presidente da Mesa Assembleia Geral
João da Costa Ferreira

Novo Regulamento de Acesso ao Ensino Superior

Três exames escritos são a barreira

Três exames escritos são a barreira que os candidatos ao Ensino Superior no ano lectivo de 1987-88 devem vencer, de acordo com o Regulamento do Regime Geral de Candidatura à Primeira Matricula e Inscrição em Estabelecimentos e Cursos do Ensino Superior publicado no «Diário da República» de 30 de Abril.

A portaria assinada a 24 de Abril por João de Deus Pinheiro e publicado seis dias depois no «Diário da República» estabelece a necessidade de realização de três exames escritos, a serem elaborados pela Direcção-Geral do Ensino Básico e Secundário e realizados numa só época em duas chamadas, para os candidatos que devem reunir as seguintes condições: serem titulares do 12º ano de escolaridade, não sejam titulares de um curso superior e tenham passado na prova de aferição, condição esta que não é exigida aos titulares de um curso de via profissionalizante do 12º ano de escolaridade.

Por outro lado, segundo estipula o artigo segundo, «a primeira matrícula e inscrição em qualquer estabelecimento e cursos está sujeita a limitações quantitativas, sendo objecto de um concurso de acesso para preenchimento das vagas fixadas para cada curso em cada estabelecimento».

A dispensa de exames da prova é também regulamentada, tornando-se efectiva nos casos em que o candidato seja titular de equivalência da disciplina do ano propedeutico ou titular de aprovação em exame nacional do 12º ano desde que se trate de aluno que tenha frequentado estabelecimentos de ensino particular e cooperativo sem autonomia ou paralelismo pedagógico, de aluno individual ou doméstico ou que não esteja sujeito a matricula. A dispensa da prova de aferição será tambem concedida desde que o aluno seja titular de aprovação nos anos de 1980-81 ou 1981-82 em estabelecimento de ensino público ou estabelecimento de ensino privado com autonomia ou paralelismo pedagógico, ou titular de exame de prova de aferição realizada nos anos de 1982-83 a 1985-86, desde que satisfaça um conjunto de condições especiais.

Contigentes especiais

Aos exames poderão comparecer os estudantes com o 12º ano de escolaridade e que não sejam titulares de um curso superior, estando exceptuados do primeiro caso os alunos que, reunindo as condições para a obtenção da titularidade do 12º ano de escolaridade até ao inicio de um dos prazos da candidatura estejam numa das seguintes condições: se tenham matriculado condicionalmente no 12º ano tendo em falta uma disciplina para a conclusão de um curso complementar do ensino secundário ou do 11º ano de escolaridade, não tenham obtido aprovação na totalidade das disciplinas do 12º ano através do regime de avaliação continua e devam realizar um exame nacional do 12º ano para a conclusão do mesmo, ou tenham anulado parcialmente a matrícula no 12º ano e devam realizar os exames nacionais nas disciplinas em falta para a conclusão de um curso.

O artigo 15 da portaria do Ministério da Educação e Cultura define as «Situações Especiais» para «os alunos que frequentem estabelecimentos de ensino particular e cooperativo sem autonomia ou paralelismo pedagógico, alunos do ensino individual ou doméstico e ainda estudantes não sujeitos a matrícula que, em consequência, só podem obter a titularidade do 12º ano de escolaridade através de provas de exame nacionais realizadas pelo MEC». Nestes casos, a realização desses exames substitui, para todos os efeitos, a realização dos correspondentes exames da prova de aferição.

Estando cumprido todo o clausulado, as pautas de chamada devem estar afixadas, até 48 horas antes da realização de cada exame, no estabelecimento de ensino onde o estudante fez a sua inscrição.

FUNDAÇÃO LUSO-AMERICANA CONCEDE 30 MIL CONTOS A SETÚBAL

A Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento vai conceder trinta mil contos ao Município de Setúbal, quinze mil dos quais para co-financiar a actualização do Plano Director da cidade. A oferta foi ontem avançada pelo presidente da Fundação, Rui Machete, durante um jantar sobre os projectos da FL-AD para o distrito. Aquele montante destina-se a investimentos em estruturas que permitam o desenvolvimento da cidade sadina.

Os projectos da Fundação Luso-Americana de Desenvolvimento para o distrito foram objecto de uma acção promovida pelo Núcleo Empresarial da Região de Setúbal (NERSET), a organização distrital da AID, representada pelo seu presidente regional, Fidélio Guerreiro. Importante é também o facto da reunião de ontem fazer parte de um ciclo de encontros de administradores de empresas, que se iniciou na cidade sadina em meados de Fevereiro com a apresentação do tema «Produtos financeiros, evolução recente e perspectivas».

No encontro, Rui Machete salientou à Lusa que, do total da verba aprovada, 15 000 contos serão destinados para co-financiar a actualização do Plano Director de Setúbal, seis mil contos para um estudo sobre a circulação rodoviária e estacionamento e dois mil contos para o tratamento de resíduos sólidos urbanos.

Além deste montantes, referiu uma comparticipação em 1800 contos para a inventariação de situações potenciais de ocorrência de catástrofes, 1500 contos para a construção de uma passagem desnivelada sobre a linha férrea, 800 contos para reestruturação técnico - administrativa dos Serviços Municipais de Setúbal e 3500 contos para um estudo de automatização de centrais de água potável.

Considerou do maior interesse e importância para Setúbal a asinatura do protocolo de acordo com a AIP — Associação Industrial Portuguesa.

Banida do mapa dos investidores

Na sua intervenção como convidado de honra, Rui Machete sublinhou a falta em Portugal de empresários capazes de elaborarem projectos geradores de desenvolvimento, adiantando que este facto é consequência do baixo nível cultural da classe empresarial na sua generalidade.

«Só através de uma nova óptica cultural e de uma maior capacidade técnica será possível resolver em Portugal o problema do desenvolvimento» — acrescentou.

O presidente da Fundação Luso-Americana para o desenvolvimento — no discurso que proferiu — frisou que a região de Setúbal precisa de resolver o problema do desemprego.

Quanto à sua solução afirmou que ela não passa somente pela aposta no sector industrial, mas, sobretudo, através dos restantes sectores de actividade económica.

Aliás, referiu que só através da massa cinzenta a região de Setúbal conseguirá encontrar os instrumentos para se desenvolver.

Rui Machete disse ser a primeira vez que falava no distrito de Setúbal, não como político, acrescentando existir actualmente algum optimismo e esperança, depois de um período onde pareceram reinar as trevas.

«Esta região foi banida do mapa dos investidores privados disse — e há alguns anos era impensável realizar aqui novos investimentos».

Cidade terá dias melhores

Penso que o facto de algumas pessoas estarem a trabalhar para alterar esta situação é sintoma de que começa a existir um clima mais favorável e que a cidade de Setúbal pode vir a contar com dias melhores.

Rui Machete fez o historial da Fundação Luso-Americana, definiu as suas grandes áreas de actuação e frisou ser objectivo desta organização privilegiar as zonas estratégicas de desenvolvimento e os chamados centros de excelência, que poderão acabar com a existência em Portugal de grandes assimetrias em matéria de desenvolvimento regional.

Referiu que a Fundação não pretende deter mais de 10 a 12 por cento do capital das empresas participadas e por um período de tempo limitado.

Por último, defendeu a criação de um parque empresarial em Portugal como vector de desenvolvimento e progresso, falou da criação de um serviço com a cooperação dos empresários para promover o desenvolvimento das exportações portuguesas para os Estados Unidos e mostrou-se apologista da privatização da gestão dos portos portugueses.

Saúde na zona de Setúbal

Programa de promoção com uma área-piloto

O distrito de Setúbal vai servir de área-piloto de um estudo integrado de saúde destinado a fazer o levantamento e posterior correcção de situações que provocam doenças foi ontem anunciado.

Entre outros factores de risco incluídos no rastreio que terminará no ano 2002 encontra-se o tabagismo, a ingestão de bebidas alcoólicas, as deficiências do antigo regime alimentar, a actividade física e o **stress**, que provocam, designadamente, doenças cardíacas, oncológicas e mentais.

O anúncio foi feito em conferência de Imprensa, na qual se disse que o bjectivo fundamental do estudo, que terá a colaboração da Sociedade Portuguesa de Cardiologia, das autarquias, da Comunicação Social e das estruturas governamentais ligadas à saúde, e elaborar um programa nacional de prevenção de doenças não contagiosas.

O estudo, que incide sobre um universo de três mil pessoas, inclui a monotorização conjunta das doenças cardiovasculares, oncológicas, de diabetes, dos acidentes (rodoviários, de trabalho e caseiros) e das doenças mentais, através dos respectivos índices de morbilidade e de mortalidade, visando a sua identificação e subsequente procura de correcção.

Procura-se com este programa modificar favoravelmente os factores de risco que conduzem ao conjunto de doenças em análise, dos quais se destacam o tabagismo, a alimentação mal orientada ou desequilibrada, o alcoolismo, a inactividade física e os factores psicossociais de **stress**.

O primeiro rastreio consiste num questionário sobre os factores de risco e inclui medição de pressão arterial e análise do colesterol e será seguido de novos rastreios semelhantes efectuados de cinco em cinco anos.

Em carta que endereçou ao "DL"

Durão Barroso desmente pressões para fazer "cair" director da PJ

Assinada por Fernando Ribeiro Rosa, na qualidade de chefe do Gabinete do secretário da Administração Interna, Durão Barroso, recebemos com o pedido de publicação, ao abrigo da Lei de Imprensa, a carta que passamos a transcrever: «Em relação à notícia publicada na edição do passado sábado do «DL», sob o título «Associação Sindical da PJ prepara «queda» de Marques Vidal», ao abrigo do n.º 1 do artigo 2.º do Decreto-Lei n.º 267/77, de 2 de Julho, encarrega-me Sua Excelência o secretário de Estado de informar para os necessários procedimentos que as referências que lhe são feitas são destituídas de qualquer fundamento».

NR — A notícia a que se refere a «rectificação» de Durão Barroso citava excertos de uma local, publicada na edição desse dia do semanário «O Jornal», segundo a qual o secretário de Estado da Administração Interna teria «comunicado um conjunto de informações sobre a vida particular de Marques Vidal, sugerindo o seu afastamento». Acontece que durante toda a manhã, e antes que a notícia fosse redigida, procurámos até ao limite do possível, em termos de tempos de publicação, contactar sem resultado Durão Barroso. Dessa diligência é conhecedor o próprio Fernando Rosa.

Jornais perderam 50 milhões de exemplares/ano entre 73 e 86

O número de exemplares de jornais diários vendidos anualmente diminuiu em cerca de 50 milhões entre 1973 e 1986, afirmou Alves da Cunha, director-geral da Comunicação Social, nas II Jornadas de Comunicação Social, organizadas pelo Instituto de Ciências Sociais e Políticas da Universidade Técnica de Lisboa (ISCSP), ontem inauguradas com um painel subordinado ao tema «Portugal» o repensar da Imprensa», onde se discutiu a situação da Imprensa portuguesa.

Alves da Cunha considera que a crise do sector é mais uma«situação de degradação da Imprensa diária» do que de uma crise de toda a Imprensa.

A propósito, mereceu especial referência a importância da campanha promovida pelo Conselho de Imprensa, que se processa, há algum tempo, sob o lema «Ler jornais é saber mais».

Segundo Rui Osório, do Conselho de Imprensa, esta campanha centrou-se sobretudo em seminários destinados aos professores do Ensino Secundário, pois «os jovens são a camada que lê menos jornais e o melhor modo de chegar junto deles é através dos agentes de educação.»

O mesmo palestrante considerou que «a Imprensa pode ser um precioso meio de apoio pedagógico interdisciplinar na Escola», e salientou o facto desta campanha, inicialmente programada para decorrer entre os dias 24 de Novembro e 15 de Dezembro de 1986, ter sido prolongada por mais três anos.

As Jornadas de Comunicação Social do ISCSP prolongam-se até 8 do corrente e compreendem vários painéis subordinados a diferentes temas da área da Comunicação Social, uma feira do livro e exposições sobre o meio ambiente, títulos de jornais, cinema, fotografias e «cartoons».

Entre os vários painéis estão previstos intervalos musicais na sala de cinema, onde alguns amigos dos alunos vão tocar temas musicais de filmes.

O sr. Manuel Cruz que conquistou um 1.º prémio do Totoloto para si e mais sete colegas de trabalho

No concurso n.º 18 TOTOLOTO REPARTIU 77 000 CONTOS POR TRÊS APOSTAS

Esta semana mais um grande concurso!

De semana para semana, o valor dos «seis» vai crescendo.

No concurso do último 2 de Maio ultrapassou o valor de 77 000 000$00.

Três das apostas continham os seis números de sorte.

Os autores de duas dessas apostas mantêm-se anónimos.

O terceiro, o sr. Manuel Cruz, morador no Bairro da Boavista, em Benfica, preencheu o bilhete ganhador em representação da sociedade de que faz parte com mais sete colegas de trabalho.

Só na 2.ª feira seguinte é que os seus colegas tomaram conhecimento do presente que o sr. Manuel Cruz lhes havia conquistado — mais de 25 milhões de escudos!

Este concurso possibilitou ainda 40 segundos prémios no valor de 385 353$00; 1430 terceiros prémios no valor de 32 337$00; 79 139 quartos prémios no valor de 857$00. E um milhão e trezentos e dois mil novecentos e vinte e cinco prémios no valor de 77$00.

Com a parte que lhe cabe no prémio, o sr. Manuel Cruz, operário da indústria vidreira, casado e pai de um lindo e saudável menino de 20 meses, tem agora hipótese de dar entrada para a compra de uma habitação mais cómoda para si e para a sua família.

Numa só semana, o Totoloto levou alegria e bem-estar a dez famílias portuguesas, para além dos prémios com que contemplou milhares de outras.

Seja você um dos premiados desta semana!

Lembre-se que o Totoloto é fácil, é barato e dá milhões.

Ao entrar ontem à tarde para o Tribunal de S. João Novo

MARIA DA GRAÇA CONFESSOU TER DADO "ALGUMAS LEMBRANÇAS" A REGADAS

Maria da Graça Correia Bastos Lopes, a falsa economista que despoletou o processo de alegada corrupção na Polícia Judiciária do Porto, compareceu ontem no Tribunal de S. João Novo, na capital nortenha, a fim de responder por treze crimes de burla e cheques sem cobertura que lhe são atribuídos, tendo o julgamento sido adiado para o próximo dia 2 de Junho devido à falta de um declarante.

À entrada para o tribunal, e em conversa informal com os jornalistas, a antiga companheira do ex-cônsul da Áustria, José Guimarães, já falecido, admitiu ter oferecido «algumas lembranças» a elementos da PJ, citando concretamente os nomes dos subinspectores Meireles e Júlio Regadas.

Essas «lembranças» teriam sido dadas para atrasar a evolução de processos, em que era arguida, ou nos quais o seu irmão estava envolvido. «Era amiga — afirmou — de algumas pessoas da Polícia Judiciária. Ao Regadas e à família oferecia-lhes garrafas de uísque e chocolates para os miúdos, como simples prendas, mais nada. Sou amiga do subinspector Meireles há muitos anos. Dava um «naperon» de tabuleiro à esposa ou uma saquinha de guardanapos, assim como eles me davam presentes».

Maria da Graça, ontem, no tribunal de S. João Novo, no Porto

E mais adiante: «Fazer um pedido sobre uma coisa grave nunca fiz. Apenas do género 'veja se segura o processo tal mais um tempo'. Só coisas dessas, banais».

Recorde-se que Júlio Regadas é acusado de ter recebido das mãos de Maria da Graça dois cheques (de 60 contos e de 30 contos) para «aguentar» um processo em curso no Tribunal de Vila Nova de Gaia.

Relativamente ao processo de «Sãobentogate», Maria da Graça disse-se «vítima de uma cabala» e sobre o processo agora em julgamento referiu: «Precisei de dinheiro. Os cheques que entregava serviam, apenas de garantia, pois aguardava o resultado da acção interposta contra mim pelos herdeiros do senhor José Guimarães. Com as acções, tal como já aconteceu, eu regularizaria a situação. Só que esse processo demorou mais do que o previsto».

O processo relacionava-se com a legitimidade da propriedade de acções da «Eneda», empresa de construção civil, e parte importante do capital que pertencia ao ex-cônsul da Áustria. Em Janeiro passado, o acórdão do Supremo Tribunal de Justiça deu razão a Maria da Graça que assim ficou detentora de cerca de 200 mil contos em títulos.

No processo agora em julgamento no Tribunal de S. João Novo são queixosos Jaime Alísio (1.300 contos), a quem Maria da Graça entregou como garantia uma declaração que o autorizava a retirar peças de prata ou jóias de ouro, de qualquer das malas que ela havia depositado em casa de Álvaro Passos (funcionário do então seu advogado, dr. Mário Montalvão Machado, dirigente e deputado do PSD e um dos 14 arguidos no «Sãobentogate»); Maria da Conceição Gomes (2.500 contos); Maria Teresa Oliveira (3.300 contos); e Maria Adelaide (580 contos).

Antigos toxicómanos recuperam casa degradada

Toxicómanos recuperados pela associação «Le Patriarche», do Centro que funciona em Santa Margarida, Castelo Branco, iniciaram ontem obras de beneficiação de uma casa degradada daquela localidade. As obras, iniciadas na casa de uma anciã de 83 anos de Santa Margarida, inserem-se num projecto da Associação de Apoio a Famílias Pobres da região que inclui já a distribuição de géneros alimentícios a 71 agregados familiares de aldeias vizinhas e prevê recuperação de outras habitações degradadas.

Militares dos "Comandos" agrediram gasolineiro

Três furriéis e um aspirante do Regimento de Comandos da Amadora são acusados de, cerca das 21 e 30 de anteontem terem provocado distúrbios no posto da Galp junto aos Cabo Ávila, em Alfragide, acabando por agredir com gravidade o «gasolineiro» de serviço, Boaventura Rodrigues Courela, de 32 anos, que teve de ser hospitalizado. Os militares, que estavam fardados, tinham regressado de um jantar e apresentavam sintomas de embriaguez. O caso foi participado no posto da PSP de Alfragide, no concelho da Amadora.

Guarda Fiscal apreendeu 364.709 contos de contrabando

A Guarda Fiscal apreendeu o mês passado mercadorias em situação irregular cujo valor ascende a 364 709 contos, incluindo os 286 000 contos de haxixe apreendidos na zona raiana da província de Trás-os-Montes. A seguir ao haxixe, na tabela de valores, surge o material de som e imagem, num total de 28 199 contos, apreendido essencialmente na área da Grande Lisboa e no Algarve.

Quanto ao terceiro lugar no «top» do contrabando foi alcançado em Abril pelo gado, no valor de 17 920 contos, apreendido na sua quase totalidade nas zonas de Vilar Formoso, Sabugal, Montlegre, Chaves e Vinhais.

Outras apreensões efectuadas no mês passado pela Guarda Fiscal foram as de vestuário, tabaco, géneros alimentícios, máquinas de jogos, relógios, acessórios para automóveis, cosméticos e electrodomésticos.

PJ chegou às FP-27 com um informador e um "arrependido"

Um investigador da Polícia Judiciária que ontem depôs como testemunha de acusação no processo das «FP-27» que decorre em Monsanto afirmou que a colaboração do réu «arrependido» permitiu acabar com os assaltos que a quadrilha concretizava no Algarve.

«Se não tivessem sido as declarações e se não se tivesse verificado que eram verdadeiras não se tinha chegado a estes resultados — acabou-se praticamente com os assaltos no Algarve. E isso deveu-se ao réu Pires», disse aquele elemento da PJ.

O investigador da Direcção-Geral de Combate ao Banditismo disse que o início das prisões dos réus englobados no processo teve como base o confronto de informações prestadas por um anónimo à PJ, confrontadas depois com as do réu António Pires que colaborou com a polícia.

Tudo terá começado — segundo o agente Marques — com um telefonema anónimo do Algarve para a PJ em Lisboa e só posteriormente houve um encontro com esse informador em que foram esclarecidos alguns dos assaltos a bancos e assinalados os seus intervenientes.

A testemunha, que foi o único dos três agentes que investigaram o processo a avistar-se com o referido anónimo no Algarve, escusa-se tal como a anterior, também agente da PJ e que foi ouvido na terça-feira, a dar a identificação dessa fonte de informação anónima.

Sinistrada exige indemnização à Carris

A Carris está desde ontem a ser julgada no Tribunal da Boa Hora num processo que lhe foi movido por uma senhora vítima de um acidente em 9 de Fevereiro de 1986, quando seguia num autocarro daquela empresa que se despistou quando circulava na Avenida Infante D. Henrique, no sentido Moscavide-Praça do Comércio. A queixosa, de 54 anos, que desde então já sofreu três intervenções cirúrgicas, tem o rosto deformado e dificuldades na fala, ouvido e marcha, exige uma indemnização de 16 mil contos e uma pensão vitalícia por invalidez, igual à que seria o seu vencimento actual como educadora de infância (profissão que teve de abandonar), e que, segundo a tabela do Ensino Particular Cooperativo, é de 54.900$00.

PARTIDO RENOVADOR DEMOCRÁTICO

DR.ª ANA DA GRAÇA CARREIRA GONÇALVES CRUGEIRA ANTUNES

FALECEU

O Presidente, o Vice-Presidente, a Comissão Directiva Nacional e a Comissão Coordenadora Nacional da Juventude do PRD cumprem o doloroso dever de participar o falecimento da sua companheira e dirigente Ana da Graça Carreira Gonçalves Crugeira Antunes. O corpo estará em câmara ardente, a partir das 17 horas, na Basílica da Estrela, realizando-se o funeral amanhã à tarde para o cemitério de Setúbal.

FUNDO DE ARTIGO

Mário Castrim

Postal para um cometa

Passaste
como um sonho
medronho
com haste
e com raiz
nos jogos infantis
do universo.

Humano fugazmente
ao rasar planetariamente
o azul deste verso

Postal a uma flor murcha

Que queres, açucena
não consigo ter pena.

Morreste?
Enfim,
ainda assim
viveste.

Preço
cruel?
Talvez. Que hei-de dizer?
Preferias tu ser
um adereço
de papel?

Postal para um trabalhador da Reforma Agrária

Amor
o verdadeiro amor
na tua justa guerra
se insinua:
amas a terra
e não lhe chamas tua.

Postal para Mário Sacramento

Porque me recordei
hoje de ti
não sei.

(Talvez um pouco
de melancolia
ah, quem não é
um pouco louco
neste dia!)

Os hábitos
não morrem.
É de ti, como se vê,
que os pobres, mesmo
sem saberem porquê,
ainda se socorrem.

Postal publicitário

Comprem!
Comprem
o sabonete de extractos
que faz bem à pele.

Nove
em cada dez Pilatos
servem-se dele.

Postal para um antigo companheiro

Se, depois de ser
o que parecia
que eras

se, depois de ter
feito connosco
o nascer das manhãs

se, depois de
nos teres apertado
mãos limpas
mãos fraternas

se, depois de teres
ressuscitado
de escombros
e de sombras

se, depois disso
podes ser o que és
podes ter o que tens
comer com apetite
e amar
e dormir
(sonhar, talvez...)

— então, está certo:
fomos nós quem errou
quem te andou a sonhar.

Podes seguir
morrendo
devagar...

renascença gráfica, s.a.

RUA LUZ SORIANO, 44
1200 Lisboa
CAPITAL SOCIAL 31 500 000 ESCUDOS

Número do Contribuinte – 500229937
Código CAE – 342021
Actividade principal – Edição de Publicações Periódicas

RELATÓRIO DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Senhores Accionistas:

O ano de 1986 caracterizou-se fundamentalmente, em termos conjunturais, pela persistência da grave situação de concorrência desleal que desde há vários anos está estabelecida entre o sector público e o sector privado da imprensa diária, continuando o Estado a suportar prejuízos elevadíssimos das empresas públicas através de subsídios a fundo perdido, ou ainda por outras formas, indirectas, como seja o não pagamento das contribuições da Previdência ou dos impostos ao Estado por parte dessas mesmas empresas públicas.

Esta situação distorce totalmente as regras de mercado e arrasta todo um sector de imprensa diária para uma mediocratização de consequências imprevisíveis. Neste enquadramento, um dos problemas mais graves é o da deformação do mercado de serviços gráficos prestados a empresas do mesmo sector – mas que não possuem parque gráfico – sem qualquer regra de transparência e geralmente a níveis de preços muito abaixo do que é justo.

Manteve-se ainda em 1986 a ausência de apoio estatal significativo na forma de subsídio de difusão, contrariamente ao que acontece na maioria dos países da Europa Ocidental, que compreendem a função insubstituível da imprensa escrita, e, mais grave ainda, esse subsídio processou-se de maneira a pouco ajudar os jornais mais pequenos e mais carentes, favorecendo largamente os jornais diários de maior venda que por sua vez são, naturalmente, os mais prósperos.

Houve, é certo, alguns aspectos positivos de conjuntura que convém salientar, tais como a estabilidade do preço do papel, que tem forte incidência nos custos das empresas jornalísticas, e a diminuição das taxas de juro, proporcionando condições financeiras mais favoráveis. Não foram estes aspectos e não teria sido possível o relativo equilíbrio atingido, pois a erosão dos leitores de jornais diários continuou a verificar-se, dada a cada vez mais agressiva concorrência doutros meios, nomeadamente os audiovisuais.

1. Análise económica

O equilíbrio de exploração da empresa foi mais uma vez atingido com grande dificuldade e à custa da manutenção dos níveis de actividade que há muitos anos está implantado na empresa. A produção gráfica industrial manteve-se em bom ritmo, para o que muito contribuiu o bom nível de manutenção do equipamento, atingindo-se uma qualidade que tem sido apreciada – designadamente pelos novos editores que escolhem a Renascença Gráfica para lançar esses projectos, embora muitas vezes a política de preços desleais e desastrosos do sector público, a que já nos referimos, depois os afaste.

As vendas situaram-se nos níveis normais, com excepção das referentes ao "Diário de Lisboa", que registaram uma quebra semelhante à dos demais jornais diários.

Os custos cresceram moderadamente, de acordo com a inflação verificada, sendo de salientar o acréscimo de despesas de pessoal, na ordem dos 39%, acréscimo que reflecte a preocupação em não degradar mais o poder de compra dos trabalhadores da empresa.

Quanto aos proveitos, os mesmos atingiram um montante superior em cerca de 21% aos do ano transacto, traduzindo a política comercial acertada que a empresa tem seguido.

É ainda de salientar o total dos investimentos realizados, que ascendeu a 22 643 contos, só no que toca a novos equipamentos, sem contar portanto com elevadas verbas despendidas em grandes reparações e revisões do equipamento que foram levadas à conta de Fornecimentos de Terceiros dada a relativa antiguidade de algum desse equipamento. Note-se que uma boa parte desse investimento foi feito em moderno equipamento de tratamento de texto para uso dos jornalistas do "Diário de Lisboa", que assim passam a poder redigir os seus originais directamente para um computador com saída imediata par a Montagem do jornal, evento este que constituiu mais uma fase de pioneirismo da empresa e de que muito nos devemos orgulhar.

2. Situação financeira

Ao longo do ano foi possível manter uma situação razoável, apoiados é certo ainda no facto de se encontrarem congelados os encargos com o passivo bancário. Em termos gerais a empresa não recorreu ao crédito bancário, conseguindo por autofinanciamento realizar os investimentos atrás referidos.

No último trimestre do ano ocorreu finalmente a assinatura do Acordo de Assistência celebrado entre a Renascença Gráfica e um conjunto de bancos credores, no âmbito e com o patrocínio da Parempresa. Depois de tantos anos de luta pela obtenção deste importante instrumento de viabilização da empresa, cumpre-nos deixar aqui registada, juntamente com a amargura de tão longa, injustificada e injusta espera, a nossa satisfação por passarmos a contar com este apoio financeiro. Com efeito, será agora possível relançar um pouco mais a empresa, solvendo todos os seus antigos compromissos para com os Bancos.

3. Política social

Esta continuou a caracterizar-se pela máxima responsabilidade perante os interesses legítimos dos trabalhadores quanto à estabilidade do emprego e quanto à, pelo menos, manutenção do seu poder de compra, realizando-se o respectivo aumento salarial em montante superior à taxa da inflação efectivamente registada. A empresa também continuou a honrar todos os seus compromissos para com a Segurança Social, ao contrário do que vem acontecendo com a maioria das empresas que connosco concorrem neste sector.

4. Considerações finais

É oportuno registar uma palavra de apreço e de esperança pelas medidas que se anunciam tendentes a tornar os apoios do Estado mais equitativos, criando ainda condições para uma progressiva normalização do mercado gráfico, o que, a verificar-se, certamente muito contribuirá para prosseguirmos com redobrada vontade de atingir objectivos mais ambiciosos.

Por último, uma palavra de agradecimento aos trabalhadores em geral, que em regra procuraram contribuir, com generosidade e competência nas suas funções, de uma forma positiva, propiciando as condições indispensáveis para a gestão da empresa.

O mesmo se diga do Conselho Fiscal, que sempre acompanhou a vida da empresa com interesse e dedicação, auxiliando-nos, com a sua acção, a obtermos os melhores resultados.

Quanto à aplicação dos Resultados deste exercício, propomos que os mesmos transitem para o exercício seguinte.

Lisboa, 25 de Fevereiro de 1987

O Conselho de Administração,
(Dr. António Pedro Pinto de Ruella Ramos)
Presidente

(Eng.º José Manuel Ventura Gonçalves Pereira)
(Vogal)

(Arq.º João Manuel Pinto de Ruella Ramos)
(Vogal)

BALANÇO ANALÍTICO EM 31 DE DEZEMBRO DE 1986, APROVADO EM 31/03/87

ACTIVO

Código das contas		Activo bruto	Provisões amortizações e reintegrações	Activo líquido
	Disponibilidades:			
11	Caixa	1 929 382 40		1 929 382 40
12	Depósitos à ordem	5 370 520 03		5 370 520 03
		7 299 902 43		7 299 902 43
	Créditos a curto prazo:			
13	Depósitos com aviso prévio			
14	Depósitos a prazo			
211+...+216–218	Clientes c/ gerais	66 748 193 90	11 368 279 54	55 379 914 36
213	Clientes, c/letras e outros títulos a receber	26 432 255 00		26 432 255 00
221	Fornecedores, c/c			
229	Adiantamentos a fornecedores			
232	Empréstimos a associadas			
231+233+234	Outros empréstimos concedidos	353 410 10		353 410 10
24	Sector público estatal			
251+253+257	Sócios (ou accionistas), c/gerais			
252+254+258	Associadas, c/ gerais			
259	Estado (c)			
26	Outros devedores	4 592 982 10		4 592 982 10
		98 126 841 10	11 368 279 54	86 758 561 56
	Existências:			
32	Mercadorias			
33	Produtos acabados e semiacabados			
34	Subprodutos, desperdícios, resíduos e refugos			
35	Produtos e trabalhos em curso			
36	Matérias-primas, subsidiárias e de consumo	9 880 845 10	988 084 50	8 892 760 60
37	Embalagens comerciais retornáveis			
		9 880 845 10	988 084 50	8 892 760 60
	Créditos a médio e longo prazo (b):			
	Imobilizações financeiras:			
411	Participações de capital em associadas	50 000 00		50 000 00
412	Participações de capital noutras empresas	10 000 000 00		10 000 000 00
413	Participações de capital na própria empresa			
415 a 418	Obrigações e outros títulos			
419	Outras imobilizações financeiras			
		10 050 000 00		10 050 000 00
	Imobilizações corpóreas:			
421	Terrenos e recursos naturais	3 328 490 00		3 328 490 00
422	Edifícios e outras construções	11 495 597 62	5 721 511 32	5 774 086 30
423	Equip. básicos e outras máquinas e instalações	224 010 378 71	187 281 852 03	36 728 526 68
424	Ferramentas e utensílios	1 421 952 80	1 421 952 60	20
425	Material de carga e transporte	6 286 924 10	3 934 793 40	2 332 130 70
426	Equip. administrativo e social e mobiliário diverso	11 735 893 40	7 036 117 40	4 699 776 00
427	Taras e vasilhame			
429	Outras imobilizações corpóreas	39 967 981 30	36 082 518 00	3 885 463 30
		298 227 217 93	241 478 744 75	56 748 473 18
	Imobilizações incorpóreas:			
431	Trespasses	1 152 580 00		1 152 580 00
432	Propriedade industrial, outros direitos e contratos	800 000 00		800 000 00
433	Gastos de instalação e expansão			
439	Outras imobilizações incorpóreas			
		1 952 580 00		1 952 580 00
	Imobilizações em curso:			
441+442	Obras em curso			
449	Imobilizações, c/ adiantamentos			
	Custos antecipados:			
27	Despesas antecipadas			
471	Conservação plurienal			
472 a 479	Outros custos plurienais			
	Total de provisões		12 356 364 04	
	Total de amortizações e reintegrações		241 478 744 75	
	Total do activo	425 537 386 56	253 835 108 79	171 702 277 77

PASSIVO

Código das contas		Passivo e situação líquida
	Débitos a curto prazo:	
12	Depósitos à ordem	
211	Clientes, c/c	
219	Adiantamentos de clientes	5 031 284 60
221+.....–228	Fornecedores, c/ gerais	29 328 813 40
223	Fornecedores, c/letras e outros títulos a pagar	
226	Fornecedores, c/facturas em recepção e conferência	
235	Empréstimos bancários	37 690 265 40
236	Empréstimos de sócios	
237	Empréstimos de associadas	
238	Empréstimos por obrigações	
239	Outros empréstimos obtidos	
24	Sector público estatal	12 283 053 00
255+257	Sócios (ou accionistas), c/ gerais	
256+258	Associadas, c/ gerais	
259	Estado (c)	
261	Credores por fornecimentos de imobilizado, c/c	5 980 110 50
262	Credores por fornecimentos de imobilizado, c/letras e outros títulos a pagar	
263 a 269	Outros credores, c/ gerais	4 849 051 91
28	Provisões para impostos sobre os lucros	
292	Provisões para riscos e encargos	191 220 00
		95 343 798 61
	Débitos a médio e longo prazo (b):	
	Empréstimos bancários	37 374 508 80
	Proveitos antecipados:	
27	Receitas antecipadas	
	Total do passivo	132 718 307 61

SITUAÇÃO LÍQUIDA

	Capital e prestações suplementares:	
51	Capital estatutário (c)	
51	Dotações para capital estatutário (c)	
52	Capital social	31 500 000 00
53	Prestações suplementares	
54	Capital individual (d)	
		31 500 000 00
	Reservas:	
551	Reserva geral (c)	
552	Reserva para investimentos (c)	
553	Reserva para fins sociais (c)	
554	Reserva para remuneração dos capitais investidos (c)	
555	.....	
556	Reserva legal	771 521 44
557	Reservas reinvestidas	
558	.....	
559	Reservas estatutárias	
561	Reservas especiais – Subsídios de equipamento	
562 a 569	Outras reservas especiais	
57	Reserva de reavaliação de imobilizações	36 868 819 01
58	Reservas livres	1 009 271 35
		38 669 611 80
	Resultados transitados:	
59	Exercício de 1981 (d)	2 731 649 73
59	Exercício de 1982 (d)	–10 117 349 18
59	Exercício de 1983 (d)	642 668 52
59	Exercício de 1984 (d)	–5 357 656 15
59	Exercício de 1985 (d)	4 678 078 31
59	Exercícios anteriores de 1981 (d)	–22 396 786 27
		–29 819 394 74
88	Resultados líquidos:	
	Resultados correntes do exercício (d)	3 128 272 00
	Resultados extraordinários do exercício (d)	–1 143 049 80
	Resultados de exercícios anteriores (d)	–3 351 469 10
	Resultados antes dos impostos	–1 366 246 90
	Provisões para impostos sobre os lucros (d)	
	Resultados líquidos depois dos impostos (d)	
89	Dividendos antecipados (d)	
	Total da situação líquida (d)	36 963 970 16
	Total do passivo e da situação líquida	171 702 277 77

O Técnico de Contas, **A Administração,**

(a) Designação da empresa. (b) A desenvolver, segundo as rubricas existentes em «Créditos e débitos a curto prazo» quando o prazo for superior a um ano, atendendo às previsões correspondentes. (c) Contas de utilização exclusiva por parte das empresas públicas. (d) Indicar a natureza do sinal aplicável ±

DEMONSTRAÇÃO DOS RESULTADOS LÍQUIDOS

Código da conta		Deduções em compras				
	Existências iniciais:					
32	Mercadorias			8 185 449 50		
36	Matérias-primas, subsidiárias e de consumo					
37	Embalagens comerciais retornáveis					
				8 185 449 50		
31/61	Compras:					
311-317-318 ou 611-617-618	Mercadorias					
312-317-318 ou 612-617-618	Matérias-primas, subsidiárias e de consumo	212 332 808 30	1 516 507 10	210 816 301 20		
313-317-318 ou 613-617-618	Embalagens comerciais retornáveis					
				210 816 301 20		
38	Regularização de existências:					
382	Mercadorias (b)					
386	Matérias-primas, subsidiárias e de consumo (b)					
387	Embalagens comerciais retornáveis (b)					
	Existências finais:					
32	Mercadorias (b)					
36	Matérias-primas, subsidiárias e de consumo (b)			9 880 845 10		
37	Embalagens comerciais retornáveis (b)					
				9 880 845 10		
61	Custo das existências, vendidas e consumidas:					
611	Mercadorias	209 120 905 60				
612	Matérias-primas, subsidiárias e de consumo					
613	Embalagens comerciais retornáveis			209 120 905 60		
62	Subcontratos	1 332 565 70				
63	Fornecimentos e serviços de terceiros	97 313 225 30				
641	Impostos – Indirectos	2 333 445 50		100 979 236 50	310 100 142 10	
642	Impostos – Directos	47 638 00				
65	Despesas com o pessoal	212 558 552 80				
66	Despesas financeiras	4 841 264 00				
67	Outras despesas e encargos	151 905 30		217 599 359 90		
68	Amortizações e reintegrações do exercício	13 253 961 50				
69	Provisões do exercício	207 283 50		13 461 245 00	231 060 604 90	
	(A)				541 160 747 00	
82	Perdas extraordinárias do exercício			1 261 096 40		
83	Perdas de exercícios anteriores			5 016 313 40	6 277 411 80	
	Provisões para impostos sobre os lucros					
	Resultados líquidos (b)				–1 386 246 90	
					546 071 911 90	

Código da conta		Deduções em compras			
71	Vendas de mercadorias e produtos:				
711	Mercadorias	240 287 203 80	61 852 860 80	178 434 343 00	
712	Produtos acabados e semiacabados	2 085 559 30		2 085 559 30	
713	Subprodutos, desperdícios, resíduos e refugos				
714	Embalagens comerciais retornáveis				
		242 372 763 10	61 852 860 80	180 519 902 30	
72	Prestações de serviços	350 699 183 40	387 248 00	350 311 935 40	530 831 837 70
73	Trabalhos para a própria empresa				
	Variação de produções:				
	Existências finais:				
33	Produtos acabados e semiacabados				
34	Subprodutos, desperdícios, resíduos e refugos				
35	Produtos e trabalhos em curso				
	Regularização de existência:				
383	Produtos acabados e semiacabados (b)				
384	Subprodutos, desperdícios, resíduos e refugos (b)				
	Existências finais:				
33	Produtos acabados e semiacabados (b)				
34	Subprodutos, desperdícios, resíduos e refugos (b)				
35	Produtos e trabalhos em curso (b)				
	Aumento/redução dos produtos:				
	Produtos acabados e semiacabados (b)				
	Subprodutos, desperdícios, resíduos e refugos (b)				
	Produtos e trabalhos em curso (b)				
74	Subsídios destinados à exploração	6 125 212 00			
75	Receitas suplementares	51 115 00		6 176 327 00	6 176 327 00
					537 008 164 70
76	Receitas financeiras correntes			7 280 854 30	
77	Receitas de aplicações financeiras				
78	Outras receitas				7 280 854 30
79	Utilização de provisões				544 289 019 00
	(B)			118 048 60	
82	Ganhos extraordinários do exercício			1 664 844 30	1 782 892 90
83	Ganhos de exercícios anteriores				546 071 911 90

Resultados correntes do exercício: (B)–(A)=(±) +3 128 272 00

(a) Designação da empresa. (b) Indicar a natureza do sinal aplicável ±.

ANEXO AO BALANÇO E À DEMONSTRAÇÃO DE RESULTADOS

3 – Valor global das relações com o estrangeiro:
Débito: –

4 – Valores globais das compras e vendas com o estrangeiro:
Compras de matérias-primas, subsidiárias e de consumo 4 611 768$70

5 – Elementos em relação à associada – Dire – Diários Reunidos, Lda.:
Débitos a curto prazo 749 805$50
Imobilizações Financeiras 50 000$00

8 – O critério valorimétrico das existências baseia-se no custo de aquisição:

9 – Valor global dos créditos de cobrança duvidosa:
Clientes de cobrança duvidosa 2 066 687$10

10 – Valor global dos créditos sobre o pessoal e débitos a este:
Empréstimos concedidos 353 410$10
Remunerações a pagar 392 505$30

11 – Saldo da conta "IVA a Pagar" em 31.12.86 861 359$00
Valor do "IVA liquidado" (pago) em 1986 8 592 559$00

12 – Desdobramento das despesas com o pessoal:
Remunerações dos Corpos Gerentes 4 519 910$00
Ordenados e salários 121 211 679$00
Remunerações Adicionais 32 810 660$80
Encargos sobre remunerações 35 820 762$90
Outras despesas com pessoal 18 195 539$90

14 – Livranças subscritas em vários bancos incluídas na conta "Empréstimos Bancários" 75 064 774$20

15 – Hipoteca de prédios e penhor mercantil de diversos maquinismos e equipamentos até ao valor, respectivamente de 56 928 166$51 e 29 564 833$41

21 – Lista dos Accionistas que, na data do encerramento do exercício social, eram titulares de, pelo menos, um décimo do capital (n.º 4 do artigo 448.º do Código das Sociedades Comerciais):
Arq.º João Manuel Pinto de Ruella Ramos 16,68%
Dr.ª Maria do Rosário Pinto Ruella Ramos de Assis Pacheco 16.68%
Dr. António Pedro Pinto de Ruella Ramos 16,68%
Dr.ª Maria do Carmo Pinto de Ruella Ramos 16,68%
Banco Nacional Ultramarino, E.P. 33,25%

23 – Inventário das participações financeiras em 31 de Dezembro de 1986:

DESIGNAÇÃO	VALOR NOMINAL	VALOR DE AQUISIÇÃO	VALOR DE INVENTARIAÇÃO
1 – QUOTAS			
1.1 – DIRE, DR	50 000$00	50 000$00	50 000$00
1.2 – INTERPRESS, LDA.	10 000 000$00	10 000 000$00	10 000 000$00
TOTAL GERAL	**10 050 000$00**	**10 050 000$00**	**10 050 000$00**

24 – MOVIMENTOS DAS CONTAS DA SITUAÇÃO LÍQUIDA OCORRIDOS NO EXERCÍCIO DE 1986

CONTAS	SALDO INICIAL	MOVIMENTO NO EXERCÍCIO	SALDO FINAL	OBSERVAÇÕES
52 – Capital Social	9 000 000$00	22 500 000$00	31 500 000$00	
55 – Reservas Legais e Estatutárias	771 521$44	–	771 521$44	
57 – Reserva de Reavaliação	28 726 737$01	8 162 082$00	36 888 819$01	
58 – Reservas Livres	1 009 271$35	–	1 009 271$35	
59 – Resultados Transitados	(34 497 473$05)	4 678 078$31	(29 819 394$74)	
88 – Resultados Líquidos	(10 154 258$20	(1 366 246$90)	(11 520 505$10)	

25 – MOVIMENTOS DAS CONTAS DE PROVISÕES OCORRIDOS NO EXERCÍCIO DE 1986

CONTAS	SALDO INICIAL	CONSTITUIÇÃO OU REFORÇO	UTILIZAÇÃO	REPOSIÇÃO DE ANULAÇÃO	SALDO FINAL
29 – Provisões p/ cobranças Duvidosas e Outros Riscos e Encargos					
291 – Provisões p/ cob. Duvidosas	15 292 064$82	–	3 907 229$28	16 556$00	11 368 279$54
292 – Provisões p/Outros Riscos e Encargos	136 920$00	54 300$00	–	–	191 220$00
39 – Provisão p/ Depreciação de Existências	818 545$00	169 539$50	–	–	988 084$50

26 – Garantias prestadas por terceiros e compromissos assumidos:
Letras descontadas pelo BANCO BORGES & IRMÃO ..... 6 374 000$00

27 – Dívidas ao Sector Público Estatal cujo pagamento a empresa está a efectuar:
Fundo de Desemprego ... 5 750 874$00

NOTA: os restantes números não são aplicáveis a esta empresa.

O Director Financeiro,
O Técnico de Contas,
Roxael Mateus de Carvalho Brito

O Conselho de Administração,
Dr. António Pedro Pinto de Ruella Ramos
(Presidente)
Eng.º José Manuel V. Gonçalves Pereira
Arq.º João Manuel Pinto Ruella Ramos
(Vogais)

DEMONSTRAÇÃO DOS RESULTADOS DE EXERCÍCIOS ANTERIORES EM 31 DE DEZEMBRO DE 1986

Outras Perdas imputáveis Exercícios Anteriores	5 009 344$40	Outros Ganhos Imputáveis Exercícios Anteriores	1 664 844$30
Imposto de Mais Valias	6 969$00		
Resultados Exercícios Anteriores	–3 351 469$10		
	1 664 844$30		1 664 844$30

DEMONSTRAÇÃO DOS RESULTADOS EXTRAORDINÁRIOS DO EXERCÍCIO EM 31 DE DEZEMBRO DE 1986

Multas Fiscais	389 292$00	Ganhos Amor. em Existências	13 230$00
Multas não Fiscais	54 248$50	Mais Valias Imobiliz. Corp. Incorpóreo	100 000$00
Diferenças de Câmbios Desfavoráveis	3 008$00	Ganhos Extraordinários não Especificados	4 818$60
Donativos e Quotizações não Obrigatórias	327 000$00		
Perdas Extraordinárias não Especificadas	123$90		
Outras Perdas Imobiliz. Corp. Incorpóreo	487 426$00		
Resultados Extraordinários do Exercício	–1 143 049$80		
	118 048$60		118 048$60

RELATÓRIO E PARECER DO CONSELHO FISCAL

Senhores Accionistas,

1. Nos termos das disposições legais e estatutárias, cumpre-nos, no âmbito das funções de Conselho Fiscal, elaborar relatório e emitir parecer sobre os documentos de prestação de contas da "RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.", referentes ao exercício findo em 31 de Dezembro de 1986.

2. Durante o exercício desempenhámos com regularidade as funções que nos foram confiadas, tendo designadamente apreciado as contas e a gestão da Empresa. De sublinhar que o capital social foi aumentado para 31 500 contos neste exercício.

3. No encerramento do exercício analisámos os documentos de prestação de contas apresentados pela Administração e emitimos a Certificação Legal das Contas na qualidade de Revisores Oficiais de Contas.

4. Face ao que antecede, e considerando que:
   a) Os documentos de prestação de contas e a contabilidade caracterizam com clareza o estado e a evolução de gestão e satisfazem as disposições legais e estatutárias;

   b) Procedemos às verificações julgadas necessárias nas circunstâncias, tendo a Administração e os Serviços de Empresa apresentado as provas e os esclarecimentos solicitados;

   c) Os critérios valorimétricos adoptados, explicitados no Anexo, conduzem a uma apropriada avaliação do património e dos resultados, somos de parecer que a Assembleia Geral:
      – Aprove os documentos de prestação de contas de 1986, incluindo a proposta de aplicação de resultados, tal como foram apresentados pela Administração.

5. Por último, desejamos agradecer à Administração e aos Serviços da Empresa toda a colaboração prestada no exercício das nossas funções.

OLIVEIRA, REIS & ASSOCIADOS
Sociedade de Revisores Oficiais de Contas
exercendo as funções de Conselho Fiscal,
representada por
José Vieira dos Reis, R.O.C.

CERTIFICAÇÃO LEGAL DAS CONTAS

Examinámos as contas da Empresa "RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.", que compreendem o Balanço Analítico em 31 de Dezembro de 1986, a Demonstração de Resultados Líquidos do exercício de 1986 e o respectivo Anexo, documentos estes que foram preparados a partir dos livros, registos contabilísticos e documentos de suporte, mantidos em conformidade com os preceitos legais. O nosso exame foi efectuado de acordo com as Normas Técnicas de Revisão Legal de Contas aprovadas pela Câmara dos Revisores Oficiais de Contas e com a profundidade que considerámos necessária nas circunstâncias.

É nossa convicção que os citados documentos de prestação de contas apresentam de forma verdadeira e apropriada a situação financeira da Empresa em 31 de Dezembro de 1986, bem como os resultados das suas operações referentes ao exercício findo naquela data, de acordo com os princípios contabilísticos geralmente aceites, aplicados de uma forma consistente em relação ao exercício anterior, excepto quanto aos bens do activo imobilizado corpóreo reavaliados de acordo com o Decreto-Lei n.º 118-B/86, de 27 de Maio.

OLIVEIRA, REIS & ASSOCIADOS
Sociedade de Revisores Oficiais de Contas
representada por

(José Vieira dos Reis, R.O.C.)

EXTRACTO DA ACTA DE REUNIÃO DA ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DE 31 DE MARÇO DE 1987

De acordo com a alínea *e)* do n.º 1 do Artigo 1.º do Decreto-Lei n.º 84/82, de 17 de Março, a seguir se transcreve o extracto da acta relativo à matéria em epígrafe: «Assim, e quanto ao saldo apurado, a Assembleia decidiu por unanimidade dar-lhe o destino proposto pelo Conselho de Administração: que os resultados deste exercício transmitem para o exercício seguinte.»

BANCOS VÃO DEIXAR DE "PERDER" DINHEIRO COM DEPÓSITOS A PRAZO

A diminuição do consumo através de uma retoma dos depósitos a prazo parece ser uma das principais razões para o aumento ontem anunciado pelo Banco de Portugal da taxa de juro dos títulos de regularização monetária a 90 dias.

Outra das razões adiantada à agência Lusa por operadores do mercado é definida como uma medida de apoio à rentabilidade dos bancos, pois esse aumento de meio ponto (de 15 para 15,5 por cento), permite-lhes melhorar as contas de exploração.

Os bancos são obrigados a remunerar os depósitos a prazo à taxa de referência mínima de 4,5 por cento, a que há a adicionar os custos financeiros, que fazem elevar a remuneração para 14,94 por cento (adicionado os custos administrativos essa remuneração ultrapassa os 15 por cento).

Esta situação fez com que algumas instituições se queixassem junto das instâncias monetárias do País de que além de não conseguirem obter aplicações alternativas (devido ao aumento da limitação dos «plafonds» de crédito) estavam a ser remunerados a taxas inferiores às que tinham de pagar pela obtenção de recursos, ou seja, na prática perdiam dinheiro ao aceitar depósitos a prazo.

O Banco de Portugal, por seu turno, através do Mercado Interbancário de Títulos (MIT) remunerava os títulos de regularização monetária (uma das formas de financiamento do défice público) a 90 dias com uma taxa mantida há já algum tempo em 15 por cento.

Depósitos a prazo

Com a decisão hoje anunciada pelo Banco de Portugal, os depósitos a prazo deixam de «dar prejuízo» às instituições bancárias — referiram os operadores consultados.

Um dos operadores contactados pela Lusa referiu que os bancos poderão de novo aceitar os depósitos a prazo mais ou menos livre, sendo esse mecanismos financeiro preferido, na perspectiva macroeconómica, ao depósito à ordem que estava a desviar para o consumo dinheiro que não era aplicado a prazo.

No boletim trimestral do Banco de Portugal, referente a Dezembro de 1986, verifica-se claramente uma nítida desaceleração dos depósitos à ordem, situação derivvada do impacte conjugado da descida das taxas de juro, aparecimento de novos instrumentos financeiros de aplicação de poupança e do interesse dos bancos comerciais em propor aos clientes aplicações alternativas aos depósitos a prazo.

Concretamente, enquanto em Novembro de 1985 o volume dos depósitos a prazo, com pré-aviso e de poupança, era de 1 990,065 milhões de contos, um ano mais tarde, em Novembro de 1986, esse valor era de 2 221,704 milhões de contos, o que representa um aumento de 11,6 por cento.

Os depósitos à ordem, por seu turno, aumentavam de 605,514 milhões de contos em Novembro de 1985 para 872,539 milhões de contos, um aumento de 44,1 por cento.

Trabalhadores da EPAL estão mesmo em greve

Os sindicatos mais representativos na EPAL mantiveram a greve convocada para hoje, tendo os sindicatos dos metalúrgicos anulado a desconvocação que tinham chegado a anunciar, por terem concluído que as suas reivindicações não foram satisfeitas.

Segundo o secretário-geral da empresa, o abastecimento de água à região de Lisboa não deverá sofrer qualquer interrupção devido à greve iniciada às 08.00 horas de hoje.

A greve prolonga-se até à meia-noite e foi convocada pela Comissão Negociadora Sindical/Metalúrgicos, pela FETESE (escritórios e serviços) e SINDEQ (química).

O secretário-geral da EPAL, José Manuel Zenha, admitiu que em casos de emergência, roturas e outros, «seja provável uma certa demora nas reparações».

Cerca de 80 por cento dos 1.700 trabalhadores da EPAL são sindicalizados e a adesão à greve é de cerca de 75/80 por cento, disse à Lusa um elemento da CNS/Metalúrgicos, que agrupa 14 sindicatos e representa 1.200 trabalhadores.

Os trabalhadores decidiram-se pela greve em plenário realizado na quarta-feira, após se terem gorado as negociações com o conselho de gerência, na segunda e terça-feira.

Os trabalhadores reiviindicam aumentos salariais da ordem dos 15/16 por cento e outras regalias sociais, e o conselho de gerência «foi apenas até aos 13 por cento», referiu a mesma fonte.

A nível salarial e de regalias sociais, a EPAL «encontra-se em 28º lugar entre as 32 empresas públicas, o que é muito pouco», adiantou.

Os dirigentes sindicais reunem-se novamente na sexta-feira com o conselho de gerência.

Comboios só param na segunda-feira

A paragem dos comboios em consequência da greve dos maquinistas verifica-se unicamente na próxima segunda-feira e não hoje e amanhã, conforme o sindicato de início previra.

A greve parcelar em dois dias, com doze horas de paralisação em cada um deles, «era uma das hipóteses consideradas», disse hoje ao «DL» um porta-voz do Sindicato Nacional dos Maquinistas. António Medeiros explicou que a iniciativa não foi para a frente, dado o prazo de entrega do pré-aviso de greve, previsto na lei, exigir uma antecedência de cinco dias, o que tornava impossível uma paralisação para hoje.

Até ao momento, não estão previstos quaisquer contactos com o Conselho de Gerência e o sindicato ameaça agudizar as formas de luta, caso não sejam atendidas as suas reivindicações.

Em comunicado distribuído recentemente, o sindicato critica a Gerência da CP de ter desequilibrado e criado um afastamento das remunerações das mesmas categorias, favorecendo «seis dos 29 sindicatos existentes» na empresa, filiados na UGT e independentes de diminuta expressão sindical na CP.

O porta-voz da empresa contraria esta ideia e afirma que «as únicas categorias remuneradas acima das do sindicato dos maquinistas são as do quadro técnico» que não existem no quadro de carreiras dos maquinistas.

Entretanto, prosseguem as paralisações sectoriais convocadas pela Federação dos Sindicatos Ferroviários, iniciadas a 30 de Março, e que estarão na origem, conforme diz José Antunes, da acumulação de quase metade do material motor.

O dirigente sindical afirmou que a greve está a provocar a supressão de comboios de mercadorias e de algumas composições de passageiros, nomeadamente nas transvias Barreiro/Setúbal, na linha de Sintra e da zona do Norte. De acordo com as informações da federação, a circulação ferroviária está a fazer-se «deficientes condições de segurança», uma vez que o material circulante não está a ser revisto periodicamente e, a acrescentar a isso, verifica-se a «substituição de grevistas por pessoal não qualificado».

Do lado da CP, Américo Ramalho precisou que, segundo os dados da empresa, apenas 20 a 25 por cento do material estará imobilizado e que esta percentagem «é considerada técnicamente habitual para a circulação em qualquer período do ano», sendo o parque de material disponível «satisfatório».

Relativamente às supressões de composições, os números da Gerência apontam para a supressão de sete composições no Sul e duas na linha de Sintra, o que, segundo disse Américo Ramalho, entre os 1 800 comboios da circulação diária, «não é significativa».

Comissão da CEE "decepcionada"

A Comissão Europeia considerou ontem decepcionante o estado de realização do seu programa sobre a criação de um mercado interno europeu até 1992.

Essa apreciação consta do segundo relatório anual sobre o concretização daquele programa, ontem aprovado pela Comissão Europeia.

Das 300 medidas previstas, segundo o relatório, a Comissão Europeia apresentou já 170, em vez das 200 que constituíam o seu objectivo. Daquelas, apenas 57 tiveram uma decisão por parte do Conselho de Ministros da Comunidade.

«Em face destes números, a Comissão Europeia não pode deixar de exprimir a sua preocupação», lê-se no relatório.

Gestores em congresso em Lisboa

«A necessidade, por interdependência, de colaboração entre a actividade privada, pública e administrativa do Estado» foi ontem sublinhada nas conclusões do dia de abertura dos trabalhos do I Congresso Nacional de Gestores. O documento refere igualmente «a necessidade da gestão passar a ter uma atitude agressiva, para ultrapassar os obstáculos previsíveis de natureza interna e os impostos pela adesão à CEE».

O Congresso está a decorrer em Lisboa, no Forum Picoas, e das comunicações ontem apresentadas e dos debates realizadas conclui-se igualmente a «importância do factor tempo como elemento decisivo no processo de tomada de decisão».

Prospecção de petróleo vai começar

A zona de Alcobaça e determinadas àreas da costa norte, junto a Viana do Castelo, vão ser objecto de trabalhos de prospecção de petróleos a efectuar por grupos internacionais. As propostas apresentadas pela Chevron (EUA), Agip (Itália) e por um grupo constituído pela companhia Neste (Finlândia) e pela Hunt (EUA) vão ser agora analisadas pelo Ministério da Indústria, com vista à concessão da prospecção e exploração de petróleo entre a Póvoa do Varzim e Caminha. Além destes grupos que concorrem a algumas àreas coincidentes, uma companhia petrolífera inglesa, a Teredo, candidatou-se á à prospecção em terra na região de Alcobaça.

Despedimentos "indiscriminados" nas Lajes

Os sindicatos de alimentação e bebidas e transportes e turismo de Angra do Heroismo acusaram ontem as forças americanas estacionadas na base das Lages, de «interpretarem abusivamente o acordo laboral em vigor» que abrange 1500 portugueses ao seu serviço. O artigo litigioso é o 87, ao abrigo do qual o comando americano acaba de despedir um trabalhador. Segundo essa cláusula do acordo os responsáveis da base podem despedir por necessidade de reduzir as despesas com um determinado sector de serviço. Os sindicatos consideram que os despedimentos feitos nos termos desse artigo exigem uma consulta prévia às autoridades pôrtuguesas, coisa que não aconteceu com o trabalhador afastado na semana passada. O comunicado sindical sublinha o risco de o artigo 87 vir a ser utilizado «indiscriminadamente» pelos EUA e exige que os governos central e regional interfiram no sentido de «ser clariuficada a situação laboral na base das Lajes».

Sindicatos acusam Beralt Tin

A Federação dos Sindicatos da Metalurgia, Metalomecânica e Minas responsabilizou ontem a Beralt Tin e Wolfram, empresa concessionária das minas da Panasqueira, pela morte de uma trabalhador, que faleceu no fundo da mina, na terça feira, esmagado entre dois vagões. Fernando Antunes, 46 anos, era deficiente auditivo e aquela organização sindical considera que a sua relativa surdez contribuiu para o acidente. O comunicado sindical condena o facto de a empresa destacar um trabalhador para o interior da mina, sabendo-o deficiente auditivo. Fernando Antunes era chefe de serviços da central de ar e da manutenção de máquinas, era casado e pai de dois filhos, e trabalhava na mina desde os quinze anos.

COTAÇÕES CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

COTAÇÕES DE NOTAS	(Por Unidade) COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	50$85	56$85
ALEMANHA FED. (marco)	76$75	77$95
ÁUSTRIA (xelim)	10$90	11$10
BÉLGICA (franco)	3$496	3$746
BRASIL (cruzado)	3$700	6$200
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	101$90	104$40
(notas de 5 a 1000)	102$40	104$90
DINAMARCA (coroa)	20$40	20$80
ESPANHA (peseta)	1$066	1$186
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	136$30	139$80
(notas de 5 a 1000)	136$80	140$30
FINLÂNDIA (marka)	31$50	32$10
FRANÇA (franco)	20$60	21$10
HOLANDA (florim)	68$10	69$20
IRLANDA (libra)	206$20	210$20
ITÁLIA (lira)	$097	$112
JAPÃO (iene)	$937	1$992
NORUEGA (coroa)	20$55	21$05
REINO UNIDO (libra)	230$65	235$15
SUÉCIA (coroa)	21$95	22$45
SUÍÇA (franco)	93$55	95$05
VENEZUELA (bolívar)	5$00	6$00

OBSERVAÇÕES:

1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

Vista geral do campo de refugiados palestinianos de Ain Helwe, no sul do Líbano, após o raid israelita de quarta-feira, durante o qual morreram oito pessoas. O presidente da OLP, Yasser Arafat, apelou, entretanto, para a criação de um Estado democrático binacional para os judeus, cristãos e muçulmanos

O antigo enclave português de Goa, agora uma das mais populares estâncias de férias da Índia, vai tornar-se o vigésimo quinto Estado do país, anunciou a agência indiana PTI. A agência diz que a passagem a Estado daquele território de 3.813 quilómetros quadrados, actualmente administrada pelo Governo central, foi aprovada em Conselho de Ministros. Acrescenta que uma lei sobre o assunto seria apresentada ao Parlamento, possivelmente durante a actual legislatura. Goa, situada na costa Ocidental da Índia, foi tomada pelos portugueses em 1505 e ocupada pela Índia em 1961. A questão da passagem a Estado tem suscitado considerável no território (com uma população de 1,1 milhão de habitantes) sobretudo entre os que falam concanin e temem a absorção no vizinho Estado de Maharashtra, cuja língua é o marata.

Pelo menos 17 pessoas ficaram feridas ocorridos na noite de quarta-feira, en Belfast, Exército Republicano Irlandês (IRA). Os confro funeral de um militante da organização

Greve de protesto em Espanha

Decorre hoje na zona de Reinosa, província de Santander, em Espanha, uma greve geral convocada pelo Sindicato Cimissiones Obreras (CO), para protestar contra a morte de um trabalhador na terça-feira à noite, informaram fontes sindicais.

Gonzalez Ruiz Garcia ficara ferido na quinta-feira Santa durante incidentes que opuseram a população local às forças de choque da Guarda Civil, que naquele dia ocuparam militarmente a localidade para impedir uma concentração. O trabalhador fora ferido no nariz com uma bala de borracha e afectado por gases lacrimogéneos lançados pelos guardas civis contra uma garagem onde se refugiara. O funeral do trabalhador realiza-se na segunda-feira, enquanto sobe o clima de tensão naquela localidade, onde se vive desde há meses um clima de conflitos laborais e sociais. A delegação do governo de Santander anunciou que a morte de Ruiz Garcia está a ser investigada pelo Ministério do Interior. O sindicato comunista pediu a demissão do delegado do governo na Cantábria, responsável pela actuação das forças da Guarda Civil.

Reinosa, com cerca de 10 000 habitantes, tornou-se nos últimos dois meses o símbolo da luta laboral e da violência.

Feministas contra "novas mães"

Feministas alemãs;federais do partido dos «Verdes» vão confrontar-se entre si no congresso deste movimento que se realiza no fim de semana, em Duisburgo, porque um grupo dissidente apresentará um manifesto sobre a «Nova Maternidade». As dissidentes, encabeçadas por uma socióloga de Munique, Gisela Erler, elaboraram um documento que submeterão à votação no congresso, sob o lema «Mães com filhos — as mães fazem-se ouvir». As críticas entre as «Verdes» centram-se sobre a interpretação da palavra de ordem que significaria um apelo para as mulheres mães abandonarem os empregos e regressarem aos lares, depois de várias décadas de tentativas emancipadoras. As responsáveis pelo manifesto recusam, pelo contrário, esta interpretação e afirmam que o feminismo radical está ultrapassado e que chegou a hora de dar ao feminismo um novo cunho. As partidárias da «Nova maternidade» não ocultam desejo de ver revalorizado o trabalho doméstico, tanto na cozinha como no quarto das crianças, mas pedem que seja remunerado como um serviço prestado à sociedade.

Política sanitária da Guiné-Bissau

O representante da Organização Mundial de Saúde em Bissau, o português Francisco George, qualificou de exemplar e internacionalmente reconhecida a política sanitária do Governo da Guiné-Bissau. Isto, não obstante a insuficiência de recursos humanos, materiais e financeiros de que dispõe. «É muito importante que a comunidade internacional apoie os esforços de desenvolvimento da Guiné-Bissau, no âmbito dos quadros de cooperação bilateral», afirmou. Os montantes das ajudas concedidas pela OMS à Guiné-Bissau ultrapassam 1,2 milhões de dólares por biénio. Além destas verbas, há a considerar a mobilização de fundos extra-orçamentais em favor deste país, disse o representante da OMS em Bissau.

Francisco George disse ainda que os recursos postos ao serviço do país pela sua organização têm tido óptima utilização, bem aproveitados, podendo-se afirmar que contribuíram em certa medida, significativamente, para a materialização da estratégia guineense no sector sanitário estabelecida no quadro da política universal que se traduz em «saúde para todos no ano 2000».

Conflito na África do Sul pode eternizar-se

PARTIDO DE BOTHA ALCANÇA MAI ABSOLUTA NAS ELEIÇÕES BRANCAS

O Partido Nacional (PN) do Presidente Pieter Botha foi o vencedor das eleições só para brancos ontem realizadas, ao conquistar a maioria absoluta dos lugares da Câmara de deputados, segundo os últimos resultados provisórios hoje divulgados. O partido no poder, com muitos resultados ainda por conhecer, poderá ganhar mais do que os 127 lugares que detinha no último Parlamento. Estes resultados não fazem prever novas soluções para o conflito vivido no país, segundo os analistas. O sentido do voto aponta para a manutenção da política já recusada pelos dirigentes negros, que defendem o fim do sistema de apartheid.

Dos 155 lugares já apurados, de um total de 166 em disputa nas eleições de ontem, o PN conquistou 116, o Partido Federal Progressista (PFP) 19, o Partido Conservador (PC) 18, o Partido da Nova República (NRP) um e os independentes um lugar.

Segundo os números provisórios, os partidos liberais que se opõem ao apartheid foram os grandes derrotados nas eleições, em que o voto foi mais à direita que na votação de 1981.

O PN aumentou a sua maioria na câmara, mas o partido que mais ganhou nestas eleições foi o Conservador, de extrema direita, que obteve quase o dobro das últimas eleições gerais e ultrapassou folgadamente os 18 por cento alcançados por uma aliança informal de candidatos anti-apartheid.

Mas Wynand Malan, um dos três membros rebeldes do PN que abandonaram o partido para fazer acelerar as reformas contra o apartheid, ganhou confortavelmente a eleição na circunscrição de Randburg, em Joanesburgo.

Malan, que ganhara o lugar para o partido no poder nas últimas eleições, em 1981, apresentou-se como independente, batendo o seu rival do PN por 8.240 contra 5.593 votos.

O protesto

A maioria dos 25 milhões de negros sul-africanos realizaram um vasto protesto pacífico durante a eleição, que foi restrita a três milhões de brancos.

A atitude dos chamados «new nats», dos dissidentes do PN, foi apoiada por centenas de académicos, desportistas e empresários e dividiu a comunidade afrikaner (descendente dos holandeses), que governa a África do Sul.

Pelo menos 1,5 milhões de trabalhadores e estudantes negros realizaram uma das maiores greves na história da Áfri-

Figura importante no escândalo Irangate

Ex-director da CIA morre aos 74 anos

O ex-director da CIA William Casey, de 74 anos, morreu ontem de pneumonia no hospital de Glen Cove, nos arredores de Nova Iorque. Figura importante no escândalo Iranagte, Casey depôs perante três comissões do Congresso que estavam a investigar o caso, e fora convocado para prestar outras declarações na altura em que teve uma série de pequenos ataques cardíacos, em Dezembro do ano passado. No mesmo mês, Casey foi submetido a uma intervenção cirurgica para remoção de um tumor no cérebro.

Casey, que voltou a ser internado em Abril, demitiu-se a 2 de Fevereiro do seu posto de director da CIA.

O seu papel no caso Irangate foi ontem referido pelo general reformado Richard Secord, primeira figura a depor nas audiências públicas sobre o escândalo.

Secord, que se encontra a testemunhar desde terça-feira, declarou ter dirigido uma rede de distribuição privada de armas para os «contras» da Nicarágua com a aprovação de William Casey. A referência a Casey no próprio dia da sua morte levou o senador Daniel Inouye, presidente da comissão de investigação do Senado, a afirmar que fosse qual fosse a decisão do juri relativamente ao papel do ex-director da CIA no escândalo, «ela não devia ensombrar o trabalho e dedicação do senhor Casey à sua nação».

Durante o seu depoimento, Secord afirmou que 3, 5 milhões de dólares provenientes da venda secreta de armas ao Irão tinham sido entregues aos guerrilheiros anti-sandinistas. A quantia indicada pelo general é inferior à inicialmente calculada pelos investigadores.

Funcionários norte-americanos que pediram o anonimato, afirmaram, entretanto, que os 10 milhões de dólares doados pelo sultão do Brunei para os «contras»», e que tinham «desaperecido», foram depositados numa conta errada na Suiça.

A questão dos donativos privados para os «contras» continua, por outro lado, a ser investigada pelo magistrado Lawrence Walsh. Ontem, Richard Miller, o segundo acusado de conspiração para defraudar o governo na recolha de donativos privados para os anti-sandinistas, declarou-se culpado.

Na Polónia entre

Papa rezará ju do padre Popie

João Paulo II rezará em polaco Jerzy Popieluszko, ça em 1984, mas a parag disseram ontem fontes ecle vulgavam o programa da vi 14 de Junho, a terceira que

Na Polónia, João Paulo I sos e celebrará nove missas cluindo Gdansk, berço da il dariedade.

O programa oficial da vis referência à passagem pelo simpatizante do Solidarieda contrado morto, após ter s cos.

Fontes eclesiásticas disse governo, nem a Igreja pola gem se transforme num acc

As mesmas fontes declara contre, em Gdansk, com o Walesa. Em Varsóvia, João com o lider polaco, Wojcie controu pela última vez,em

...eridas em violentos confrontos ...fast, ente polícias e apoiantes do ...onfrontos tiveram lugar durante o

...IORIA ...AS

...pen - ...l do 593

...hões ...eali- ...ací - ...e foi ...ran -

...dos ...ntes ...nte - ...rtis - ...iu a ...cen - ...go -

...s de ...ne - ...aio - ...fri -

ca do Sul. Algumas áreas do centro de Joanesburgo encon - travam–se ontem quase deser - tas, enquanto os brancos se dirigiam para as assembleias de voto.

As forças de segurança lançaram uma importante opera - ção a fim de assegurar o nor - mal andamento do acto eleito - ral, mas o protesto parece ter decorrido pacificamente, ape - sar das advertências governa - mentais de que os guerrilhei - ros do Congresso Nacional Africano (ANC) iriam pertur - bar a eleição.

Algumas horas antes de as urnas encerrarem, Pretória anunciou que expulsara dois jornalistas da televisão australiana por terem alegadamente demonstrado parcialidade na sua reportagem.

...tre 8 e 14 de Junho

...junto do túmulo ...pieluszko

...em Junho junto ao túmulo do padre ...ko, morto por agentes de seguran - ...agem será feita a título particular, ... eclesiásticas, na altura em que di - ...da visita do Papa à Polónia, de 8 a ...que efectua ao seu país natal. ...ulo II proferirá mais de 30 discur - ...issas em outras tantas cidades, in - ...da ilegalizada central sindical Soli -

...a visita do Papa não faz, contudo, ...pelo túmulo do padre Popieluszko, ...riedade,. e que há três anos foi en - ...er sido raptado por agentes pola -

...disseram a este respeito que nem o ...polaca, pretendem que esta para - ...acontecimento de cariz político. ...clararam quue o Papa talvez se en - ...m o lider do Solidariedade, Lech ...João Paulo II manterá conversações ...jciech Jaruzelski, com quem se en - ...,em Janeiro, no Vaticano.

Alemanha Federal: radicalização da linha política dos "Verdes"

Jorge Gillies
IPS/«DL»

A radicalização da linha política dos Verdes é a principal consequência do congresso do partido pacifista-ecologista realizado este fim-de-semana em Duisburgo. No seio da direcção dos Verdes impôs-se de forma esmagadora o denominado sector «fundamentalista», contrário a todo o tipo de alianças com o Partido Social-Democrata (SPD), que compartilha com os Verdes as bancadas da oposição no Parlamento alemão ocidental.

Os três membros da direcção máxima dos Verdes e sete dos nove suplentes do partido pertencem a este sector, cujo triunfo perante o denominado grupo «realista» — partidário de alianças com outros políticos — foi maior que o esperado.

Os «fundamentalistas» rejeitam o que qualificam como «absorção por parte do sistema» do partido Verde e defendem a manutenção do carácter basicamente alternativo e contestatário do partido, opondo-se a assumir responsabilidades administrativas na situação actual.

Em sua opinião, uma aliança com o SPD transfomaria os Verdes no «irmão mais novo» da social-democracia, o que retiraria ao partido a possibilidade de impôr mudanças profundas na sociedade alemã-ocidental.

Os «realistas», em contrapartida, defendem a necessidade de avançar paulatinamente na mira dos objectivos políticos verdes, constituindo a nível local ou mesmo a nível federal alianças com outros partidos, fundamentalmente com o Social-Democrata.

Alguns representantes desta linha não afastam inclusive a cooperação política com sectores da União Democrata Cristã, que actualmente lidera o governo de Bona.

A experiência de Hesse

A derrota dos «realistas» é uma consequência directa dos recentes acontecimentos políticos ocorridos no Estado federado do Hesse, onde depois de uma gorada experiência de cooperação entre sociais democratas e Verdes o Governo passou pela primeira vez para as mãos de uma coligação; democrata-cristã/liberal.

Embora os Verdes tenham conseguido fortalecer a sua posição e obtido uma votação de 9 por cento, a derrota contundente do SPD, que reduziu a sua votação de 46 para 40 por cento, impediu que as duas forças obtivessem uma maioria aritmética para poderem constituir governo.

A coligação «vermelho-verde» do Hesse, que durou pouco mais de um ano, foi a primeira experiência de colaboração entre ambas as forças políticas e o saldo parece ser negativo pelo menos aos olhos da maioria dos delegados ao congresso dos Verdes.

Negociações iniciais dos dois partidos para examinar a possibilidade de um eventual apoio verde a um governo social-democrata de minoria fracassaram há um mês em Hamburgo.

Por outro lado, depois da reeleição do governo do chanceler Helmut Kohl, nas eleições de 25 de Janeiro último, não se põe nem para o SPD nem para os Verdes a perspectiva de uma colaboração a nível federal durante o actual período legislativo, que conclui em 1991.

Os «fundamentalistas» obtiveram assim o proveito principal da falta de expectativas dos Verdes para formar um governo dentro dos próximos anos e da gorada experiência no Hesse.

Outro factor que influiu no triunfo fundamentalista na opinião de observadores políticos é o interesse dos participantes no congresso dos Verdes em criar dentro da direcção um certo contrapeso ao trabalho do grupo parlamentar verde, onde o sector «realista» é dominante».

Representantes desta ala lamentaram o triunfo do grupo mais radicalizado, qualificando-o de insuficientemente representativo do pensamento da base.

O ex-ministro do Meio Ambiente do Hesse, Joschka Fischer, um dos principais expoentes do sector «realista», opinou que a actual direcção representa «apenas 30 por cento de base e 10 por cento dos eleitores» do partido ecologista-pacifista.

Contudo, não é previsível que a actual controvérsia possa desembocar numa divisão do partido, uma vez que as divergências são menos estratégicas que tácticas — na prática, existe um grau de acordo bastante alto em torno dos principais objectivos da política verde — e a possibilidade de uma aliança com o SPD é mais abstrata para o próximo período.

O congresso Verde aprovou por consenso exigências como o abandono imediato da energia nuclear, a aceitação sem condições das recentes propostas de desarmamento formuladas pela União Soviética assim como um apelo de boicote contra um recenseamento a realizar na Alemanha em meados deste mês, o qual na opinião dos Verdes permitirá ao Estado dispor ilicitamente de dados privados dos cidadãos.

Grã-Bretanha

Eleições locais de hoje preparam legislativas antecipadas

Cerca de 12 milhões de britânicos deverão votar hoje em eleições locais, que poderão vir a influenciar a decisão da primeiro–ministro Margaret Thatcher sobre a eventual convocacão de eleições legislativas antecipadas em Junho. Nas eleições de hoje serão escolhidos os conselheiros municipais. Os resultados finais do escrutínio serão conhecidos amanhã.

Thatcher marcou, entretanto, uma reunião com os seus principais colaboradores para domingo, na sua casa de campo, considerada pelos jornais britânicos como uma «cimeira eleitoral». No encontro deverão ser analisados os resultados das eleições locais e decidida a data das próximas eleições legislativas, que, segundo a maior parte dos observadores, poderão decorrer a 11 de Junho.

Analistas políticos em Londres consideram que os resultados das eleições antecipadas poderão depender parcialmente da política de defesa. A publicação ontem do livro branco anual sobre defesa é, por isso, considerada como uma medida eleitoral.

O livro fornece indicações claras sobre a posição que Margaret Thatcher tomará nas eleições gerais contra a oposição trabalhista, conhecida pelas suas ideias anti–nucleares. No documento afirma–se que a União Soviética ainda pretende dominar a Europa Ocidental e que Moscovo conduziu a sua luta através da propaganda, tentando semear divisões entre os govermos ocidentais.O livro contem ainda a projecção dos gastos em matéria de defesa.

Ontem, o ministro britânico da Defesa, George Younger, anunciou que o orçamento de Defesa do Reino Unido para 1987/ 88 será de cerca de 109.000 milhões de libras esterlinas ou seja, mais 20 por cento em termos reais desde 1978/79, altura em que Margaret Thatcher iniciou o seu primeiro mandato.

24 HORAS

Chissano na Grã-Bretanha

O Presidente moçambicano, Joaquim Chissano, que ontem iniciou uma visita oficial de três dias à Grã–Bretanha, foi hoje recebido pela rainha Isabel II, que ofereceu um almoço em sua honra. Ontem, Chissano foi recebido pela Primeiro–Ministro Margareth Thatcher, que ofereceu mais 15 milhões de libras esterlinas em auxílio a Moçambique. O jornal britânico «The Times» define o Presidente moçambicano como «um homem extremamente pragmático, que fala de economia sem quaisquer teorias marxistas».Outro jornal londrino, «The Guardian», diz que Chissano foi a Londres em busca de sólido apoio do Governo para a guerra contra a Renamo e para o programa de austeridade aprovado em Janeiro e destinado a reabilitar a situação económica do seu país.

Oposição anti-sandinista

A totalidade das correntes opositoras ao regime sandinista da Nicarágua ficaram integradas numa nova organização, a «Resistência Nicaraguense», anunciaram em Miami os principais líderes «contras». Em conferência de Imprensa, os líderes «contras» da Unidade Nicaraguense Opositora (UNO) e o Bloco Opositor do Sul (BOS) aderiram à nova organização que integra representantes de todas as correntes políticas, grupos armados, sectores laborais, agrário, privado e os grupos indígenas. Na conferência de Imprensa foi afirmado que a nova organização simboliza a união de toda a oposição nicaraguense sem hegemonia de qualquer grupo.

Arquivos sobre crimes de guerra

Os Estados Unidos vão pedir a abertura ao público de milhares de arquivos das Nações Unidas sobre crimes de guerra, actualmente só acessíveis a Governos à procura de uma informação específica, disseram em Budapeste fontes judaicas. As fontes, próximas do Congresso Mundial Judaico, disseram ter sido recebido um telefonema de funcionários do Departamento norte–americano de Estado referindo que o secretário de Estado, George Shultz, vai fazer uma comunicação sobre o assunto.

Kohl e Martens contra "opção zero"

O chanceler alemão–federal, Helmut Kohl, e o Primeiro–Ministro belga, Wilfred Martens, estão de acordo em recusar de momento a «dupla opção zero» apresentada por Moscovo para desmantelar os mísseis nucleares de curto e médio alcance na Europa. Os dois políticos, numa reunião ontem realizada em Bona, mostraram–se favoráveis a que no corrente ano se assine um acordo para retirar da Europa todos os mísseis norte–americanas e soviéticos de médio alcance. Kohl e Martens disseram que num «tempo conveniente» se deveria negociar também a retirada dos mísseis nucleares de curto alcance, assim como sobre o armamento químico e convencional entre os dois blocos.

Julgamento de Barbie

O ex–revolucionário Regis Debray e a escritora galardoada Marguerite Duras figuram entre as nove pessoas chamadas a testemunhar nu julgamento do oficial nazi Klaus Barbie, que começa na segunda–feira em Paris, revelaram fontes judiciais. Estas fontes afirmam que a lista de testemunhas apresentada pelo advogado de Barbie, Jacques Verges, também inclui Raymond Aubrac, uma figura da resistência no tempo da guerra, e familiares das vítimas de alegadas torturas praticadas pelos franceses durante a guerra da Argélia.

Mário Soares distingue campeões

O Presidente da República manifestou interesse em impor as faixas de campeões europeus de hóquei em patins aos atletas e ténicos portugueses que recentemente conquistaram o título, em Oviedo — declarou o presidente da Federação Portuguesa de Patinagem. José Castel Branc adiantou que o dr. Mário Soares entregará as faixas de campeões da Europa em cerimónia marcada para o próximo dia 12, às 12 e 30, no Palácio de Belém. Segundo o presidente da Federação, o acto será, **para além da honra, o justo reconhecimento do valor, do trabalho e do dinamismo a que o hóquei em patins português meteu ombros, para recuperar o seu prestígio, dentro e fora do País.** O executivo da Federação também homenageará, com a entrega de medalhas, os campeões europeus, em jantar num restaurante de Lisboa.

Udo Lattek: espião à vista

Udo Lattek, treinador do Bayern de Munique, vem a Portugal no fim-de-semana para observar o FC Porto, adversário do seu clube no final da «Taça dos Campeões Europeus, dia 27 em Viena. **«Considero importante observar várias vezes a equipa portuguesa, que desconheço quase completamente»,** disse o técnico germânico. **«Pouco posso adiantar neste momento sobre o Porto, muito embora saiba que se trata de uma excelente equipa, composta por elementos de grande valor».**

Segundo afirma Lattek (ex-técnico do Barcelona), o futebol português é **«tipicamente latino, jogado por elementos de grande nível técnico capazes de conservarem a bola durante o tempo necessário». «Actualmente, possuo as indicações recolhidas pelo meu adjunto (Werner Olk) e duas cassetes vídeo dos jogos de Kiev e de Copenhaga, o que não é suficiente dada a importância do jogo», garante Udo Lattek. «Considero que ambas as equipas podem conquistar o prestigioso troféu e, tanto quanto sei, em Portugal há quem considere o FC Porto como favorito».**

Parece-me que nesta final não há favoritos: e as possibilidades de êxito são de 50 por cento para cada lado. No ponto de vista de Udo Lattek, o encontro de Viena reveste-se de um carácter particular, pois será a sua despedida do Bayern, que abandona no final da época (por iniciativa própria), para integrar os quadros do FC Colónia.

Depois de ter visto recusado pela direcção do Bayern o lugar de director técnico, Lattek optou pela oferta do Colónia, ao serviço do qual (e como «director técnico») concluirá a sua carreira futebolística. **É a primeira vez que um treinador deixa o Bayern de sua própria vontade,** afirma, com um certo orgulho, o actual treinador do clube. **Considero que aos 52 anos, e depois de ter dedicado o essencial da minha vida ao futebol, chegou o momento de pensar na minha família: mas, antes de deixar Munique, quero voltar conquistar a «Bundesliga» concluir o meu trabalho com um título europeu.**

BENFICA: FUTEBOL EM TEMPO DE CIFRÕES

Até pela sua enorme dimensão, o Benfica está sempre na boca do mundo, desta feita não apenas por ter sido entregue à empresa Arthur Andersen a auditoria às contas da anterior gerência mas, sobretudo, porque Gaspar Ramos (e toda a demais direcção, desde João Santos e Marcel de Almeida, a Miguel de Magalhães e José Gomes Machado) estão atentos ao momento futebolístico e à necessidade de prolongar contratos ou adquirir imediatos reforços.

As conversações com diversos atletas estão em ponto alto, sabendo-se que Carlos Manuel vai amanhã rubricar compromissos para continuidade, o mesmo devendo acontecer na 2.ª feira com Diamantino, enquanto a situação de Vando será analisada de acordo com o empresário do jogador (Manuel «Mercury» Barbosa) e os casos com Pietra, Manniche, Veloso e José Luís estão em ponto morto.

Sabe-se já que o «internacional» brasileiro Elzo chega a Lisboa no próximo domingo e deverá assistir ao jogo Benfica-Portimonense, das meias finais da Taça de Portugal. E igualmente é conhecido o interesse **encarnado** pelos portimonenses Pacheco e Augusto, agora acrescido do convite a um holandês (o esquerdino Rob Witschge, que joga no Ajax, tem 1 e 82 de altura, conta 20 anos e poderá custar à volta de 56 mil contos, segundo informa hoje o nosso colega «A Bola»).

Enfim: a tempo e horas o Benfica prepara o «plantel» para a próxima campanha, não se sabendo (por falta de confirmação oficial) se Eriksson, já liberto de contrato com o Roma, regressará à chefia técnica do «onze» da Luz, passando Mortimore a funcionar como «manager».

Belenenses: amanhã

O guarda-redes Jorge Martins renovou contrato com o Belenenses por mais duas temporadas.

Boavista: alterações

Uma vez mais o Boavista suspende o brasileiro Tonanha, sujeitando-o a inquérito disciplinar. Por seu lado, contratou o ainda recente portista Elói, renovou com Phil Walker (outra época) e parece estar interessado no concurso de Negrete, actualmente nos espanhóis do Gijon.

Vieira Nunes: continuidade

O técnico Vieira Nunes prorrogou o seu compromisso com o Sporting da Covilhã por mais uma época.

Taça de Itália

O Nápoles (de Maradona) venceu o Bolonha por 4-2, no recinto deste último, em jogo da 2.ª «mão» dos quartos-de-final da Taça de Itália. Com esta vitória, o Nápoles ficou apurado para as meias-finais, com 7-2 a seu favor no total das duas «mãos».

Nos restantes encontros da eliminatória a Juventus empatou (2-2) no seu estádio, com o Cagliari, o Parma recebeu o Atalanta e também empatou (0-0) e o Inter de Milão igualmente empatou no seu campo (1-1) com o Cremonese. Além do Nápoles passam às meias-finais Cagliari (5-4 a seu favor no conjunto das duas «mãos»), Atalanta (1-0 no total) e Cremonese (5-3 na soma das duas «mãos», com o Inter).

Vamos pedalar na "Corrida da Paz"

A selecção portuguesa de ciclismo que participa na 40.ª edição da «Corrida da paz» partiu hoje para Berlim. Seis ciclistas portugueses alinham nesta prova, a mais importante do calendário velocipédico amador internacional, que se inicia amanhã (em Berlim) e termina em 23 do corrente (em Varsóvia).

A delegação portuguesa é chefiada por Justiniano Vargues e tem como técnico José Santos (do Boavista) integrando os ciclistas Jorge Silva (Torreense), Rui Duro e Luís Sequeiro (Louletano), António Apolo (Olhanense), David Assunção (Boavista) e Fernando Baptista (Pinheiro de Loures).

«Vuelta»: Paulinho é o 75.º

Jacinto Paulinho (Sporting) classificou-se em 5.º lugar na etapa de ontem da «Volta à Espanha», entre Luarca e Ferrol, na distância de 233 quilómetros. Jacinto Pauinho cortou a meta com mais 3 minutos e 57 segundos do que o vencedor da etapa, o colombiano Carlos Gutierrez, que gastou 5:58.33 horas. Luís Herrera (também da Colômbia) mantém a camisola amarela.

Carlos Gutierrez fugiu ao pelotão quando haviam sido percorridos 17 quilómetros do percurso, na companhia dos espanhóis Rafael Garcia e Ricardo Zuniga, que o acompanharam até ao quilómetro 186, altura em que o ciclista colombiano logrou isolar-se definitivamente até transpor a linha de chegada, em Ferrol.

Após a fuga vitoriosa dos três ciclistas, um novo grupo, desta feita de cinco corredores (composto por Jacinto Paulinho, o francês Laurent Fignon, o colombiano Pedro Morales e os espanhóis Jesus Blanco Villar e Federico Extabe) conseguiu concretizar uma fuga e cortar a meta com 1,7 minutos sobre o pelotão, no qual se encontrava também integrado Serafim Vieira, (Sporting) ao qual foi atribuído o 39.º lugar.

Jacinto Paulinho é o português mais bem posicionado ocupando o 75.º lugar da classificação geral, com mais 46.07 minutos do que o guia. Os restantes dois portugueses ainda em prova, José Xavier e Serafim Vieira, situam-se, respectivamente, no 101.º e 102.º lugares da geral: o primeiro, a 1 hora, 7 minutos e 24 segundos de Luís Herrera e o segundo a 1 hora, 7 minutos e 41 segundos. A equipa do Sporting, a que pertencem os três corredores portugueses, continua a ocupar a 16.ª e última posição na geral, por equipas. Hoje, corre-se a 14.ª etapa, entre Ferrol e Corunha, na distância de 152 quilómetros.

PROGNÓSTICOS DOS ORGAOS DE INFORMAÇÃO PARA O CONCURSO N.º 19/87 DE 10 MAIO 87

Notícias d'Évora, 11X 11X X11 X212; Diário de Viseu, 112 11X X12 1X1X; Notícias de Viseu, 112 112 2X2 1X11; A Voz do Domingo, 112 111 111 121X; Eu Sei Tudo, 112 11X 112 1X1X; Jornal de Santo Tirso, 11X 111 112 1X1X; Rádio Totobola, 112 111 XXX 1X12; Snack-Bar/Rádio Altitude, 111 11X 2XX 121X; Informação Desportiva/Rádio Altitude, X1X 111 1XX 11X; Desporto Regional/Rádio Altitude, 112 111 11X 1X1X; Pista de Dança/Rádio Altitude, 11X 111 111 1111; Jornal de Felgueiras, 111 11X 11X 1X11; Notícias de Felgueiras, 11X 11X 1XX 1X1X; Ecos de Cacia, 112 11X 11X 1X11; Voz do Ave, 112 11X 211 XX12; Rádio Sports, 112 111 X12 1111; Panorama Desportivo/RDP Guarda, XX2 11X 11X 1XXX; Fim de Semana Desportivo-RDP Guarda, 21X 112 XX1 1XX2; Diário de Coimbra, X11 111 1X1 X211; Correio de Coimbra, 11X 112 11X 1212; Diário de Lisboa, 11X 111 1XX 1211; O Diário, 112 11X 12X X212; Jornal de Amarante 112 112 11X 1211; Clube da Manhã/RDP Comercial, 212 11X 2X2 1212; Tempo de Desporto/RDP Comercial, 11X 111 X11 1211; Secção Desportiva/RDP Comercial, 11X 112 11X 121X; Manhã, Manhã/RDP Comercial, 112 11X 1XX 121X; Canal Mais-RDP Centro, 11X 11X 1X1 121X; Sintonia Desportiva/RDP Centro, 11X 11X XX2 1X12; Grande Sábado/RDP Centro, 11X 111 111 1X1X; Programa da Manhã/RDP Centro, 11X 11X XX2 1X12; Música Com Elas/RDP Centro, 11X 111 1X2 1X12; Boomerangue/RDP Centro, 11X 111 111 1X1X; O Quadrante Norte, 111 112 X11 121X; O Emigrante, 11X 11X X12 XX12; No Estúdio e no Estádio/RDP Antena Um, X12 112 XX2 1X12; Livre e Directo/RDP Antena Um, X1X 1XX 11X 221X; Tarde Desportiva/RDP Antena Um, 11X 11X 11X 121X; Folha do Domingo, 112 11x 11x x21x; Jornal da Beira, X12 11X 112 121X; Maria da Fonte, 112 11X 1XX 1X1X; Correio do Vouga, 111 11X 111 1211; Linhas de Elvas, X11 11X 112 X212; Bola ao Centro/RDP Centro, 11X 111 112 1212; Fora de Jogo/RDP Centro, 11X 111 1X2 121X; Fotogramas/RDP Centro, 11X 11X XX1 1X1X; Diário de Desporto/RR, X12 1X1 111 1XX1; RR/Bola Branca, 21X 11X XXX 121X; RR/Desporto, 11X 11X 11X 1111; Comércio de Leixões, 112 11X 11X 121X; De Tudo um Pouco, X12 111 X12 1X12; Jornal de Gaia, X12 11X 1XX X11X; Jornal da Graça, 11X 11X 2X1 XXX2; Jornal de Notícias, 112 112 1XX 1X11; O Primeiro de Janeiro, 112 11X 1XX 1211; Repórter do Dia, 112 11X X12 121X; Alvo Desportivo, 11X 11X 1X1 1X1X; Rádio Alvo, X11 112 X1X X212; Alvo, 11X 111 121 X111; Alvo Suplemento, XX1 111 111 1XXX; A Voz dos Ridículos, 112 112 112 111X; Rádio Placard, 112 111 11X 1XX1; Estúdio 64, 111 111 111 1111; Resenha Desportiva, 112 11X 1XX 1211.

assim vai o totobola

	RESUMO 1	X	2	BOLAS (*) 1	X	2
1. Porto-Sporting	49	12	3	9	2	1
2. Benfica-Portimonense	62	2	0	11	1	1
3. Elvas-Belenenses	9	27	28	2	5	5
4. Real Madrid-Saragoça	64	0	0	12	1	1
5. Barcelona-Gijon	62	2	0	11	1	1
6. Maiorca-Espanhol	21	33	10	4	6	2
7. R. Sociedade-At. Madrid	43	16	5	8	3	1
8. Múrcia-Sevilha	37	25	2	6	5	1
9. Ossassuna-A. Bilbau	19	27	18	4	5	3
10. Cadis-Santander	52	11	1	9	2	1
11. Atlanta-Inter	8	28	27	1	6	5
12. Roma-Sampdória	58	6	0	11	1	1
13. Verona-Juventus	18	29	17	3	6	3

(*) — Nos termos do Art.º 14.º do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades do presente mapa.

A "CHAVE" LÓGICA SERÁ:
112 11X 11X 1X1X

Gotemburgo,1 -Dundee United,0

"UEFA": taça equilibrada espera recepção escocesa

Cinquenta mil espectadores alinhavam-se na bancada mas muitos miulhões viram via-TV: um golo de cabeça de Stefan Pettersson (aos 38 minutos) do seu o triunfo ao Gotemburgo (Suécia) sobre os escoseses do Dundee United por 1-0 em encontros da 1.ª mão da final da «Taça UEFA», em futebol. O lance do golo surgiu na sequência de um pontapé de canto apontado por Michael Andersson: Pettersson elevou-se mais que qualquer outro jogador e cabaceou de cima para baixo, batendo o guarda-redes escocês.

O único tento da partida aconteceu também num período de forte assédio atacante da turma sueca, orientada por Bengtson antigo técnico do Marítimo mas o escasso tento permite ainda aos escoceses acalantarem fortes esperanças de conquistar o trofeu. O encontro da 2.ª «mão» realiza-se na Escócia, no próximo dia 20.

Apesar de terem dominado a maior parte do encontro, os suecos do Gotemburgo (que, sob o comando de Sven Eriksson, conquistaram a «Taça UEFA» em 1982) foram infelizes no capítulo da finalização, tantas foram as oportunidades desperdiçadas. Mas os contra-ataques dos jogadores de Jim McLean foram sempre um quebra-cabeças para a turma sueca e, nalgumas ocasiões acabou por dever a inviolabilidade das suas redes ao magnífico guardião Thomas Wernersson.

Aliás, ambos os guarda-redes estiveram em evidência, se bem que o escocês Billy Thomson tenha sido aquele que mais vezes entrou em acção: mas (ao mesmo tempo) não está arredado de algumas culpas no golo que deu o sucesso ao Gotemburgo. O guardião Thomson rubricou grandes defesas no segundo tempo a remates de Pettersson e Lennart Nilsson, o duo de atacantes temíveis da equipa sueca. Mas, para o Dundee United, conquistar a «Taça UEFA» terá de quebrar o ritmo de 24 jogos sem conhecer a derrota do Gotemburgo.

Ontem, os escoceses desperdiçaram uma ou outra ocasião de golo, e, na 2.ª parte, o guarda-redes sueco defendeu um fortíssimo remate desferido «à queima-roupa» por John Clark.

Com muito boa direcção de Siegfried Kirschen (RDA), alinharam:
GOTEMBURGO: Thomas Wernersson; Mats-Ola Carlsson, Glenn HYSEN, Peter Larsson e Stig Fredriksson; Magnus Johansson (Roland Nilsson, aos 66m), Tord Holmgren (Lars Zetterlund 89m), Michael Andersson, Tommy Holmgren; Stefan Pettersson e Lenhart Nilsson.
DUNDEE UNITED: Billy Thomson; Maurice Malpas, Dave Narey, Paul Hegarty (John Clark, 53m) e John Holt; Eamonn Bannon, Ian Redford, Jim McInally e Dave Bowman; Dave Kirkwood e Paul Sturrock (David Beaumont, 83m).
Golo de Pettersson, aos 38 minutos.

Hoquista reclama direitos

Um jogador sueco de hóquei no gelo fez história, ao reclamar um subsídio à Segurança Social por acidente no trabalho — revelou fonte federativa.

Thomas Ahlen, jogador do AIK de Estocolmo, da Primeira Divisão sueca, lesionou-se numa perna durante um jogo no ano passado, tendo ficado mpossibilitado de treinar durante uma semana.

Segundo a mesma fonte, a reclamação de Ahlen vai ser investigada e caso seja aceite permitirá aos desportistas suecos recorrerem no futuro à Segurança Social como qualquer trabalhador.

Lembre-se que os serviços de assistência social da Suécia são os mais avançados do Mundo, oferecendo regalias ímpares aos seus contribuintes.

Há seis anos: Amaro triunfa em mais uma etapa da «Volta» e conta as suas impressões para o nosso colega Neves de Sousa e para Abel de Figueiredo (Rádio Comercial). Há três anos, Joaquim Agostinho desce à última morada e (à esquerda) lá está José Amaro, o único ciclista que se avista num bloco de jornalistas, dirigentes do ciclismo e amigos do fabuloso «Tino»

JOSÉ AMARO: A FUGA DESTE PELOTÃO

Neves de Sousa

Paradoxalmente brincalhão e tímido, era (sobretudo) um homem simples, cidadão puro e íntegro que funcionava, na classe dos trabalhadores do pedal, quase como charneira entre a voracidade do jornalista pela noticia e a meta que tantas vezes traçou à frente do pelotão.

Alternou o topo com a barra do anonimato. Viajou ao colo dos adeptos do mais violentto dos desportos individuais, foi campeão nacional, chefe de fila, «leader» por direito próprio, arrebatou prémios, conquistou (em muitas latitudes) direito a ovações de luxo. Depois, com o rodar do tempo, passou de «estrela» a simples circunstante dessa grande festa que é a serpente multicolorida que serve gratuitamente o desporto favorito do Povo à porta do seu mais apaixonado cliente.

Foi primeira figura: retirou-se voluntariamente para o bloco dos «aguadeiros» quando Agostinho o escolheu como braço direito. E (vejam como são as coisas) estava a um palmo do saudoso «Tino» quando aconteceu o fatídico desastre no Algarve, aquele lapso de tempo que fez travar, em Quarteira, a marcha vertigionosa do nosso mais fulgurante campeão das estradas. Então, foi o marido de Maria Fernanda e pai de Carla e Pedro, quem amparou o homem de Brejenjas, espécie de lugar-tenente acorrendo prestes a resguardar o comandante até ao instante derradeiro.

Agora, num brusco golpe de asa, doença que nunca perdoou leva-nos do convívio o rei da simpatia da fita aço-carne, o cavalheiro que nunca traiu um amigo mas (traiçoeiramente) depois de mil quedas sobre o asfalto, seria enganado pelo salto da corrente da sua máquina de viver.

Fica (para sempre) repousando em Loures, na terra para onde emigrou esse rijo grandolense de 33 anos, que só podia ser vencido pela única espada que não treme. Mora agora ao lado daquele que foi (também) meu companheiro em muitas «Voltas a Portugal»: o bom do Adolfo Rodrigues, irmão do meu camarada Luís Rodrigues, por sinal padrinho da Carla, compadre desse grande senhor da pedalada que foi José Manuel Cadete Amaro, amigo de todo o tamanho que, a esta hora, lá pelos céus, ao lado de Damasceno Covão e Idalino de Freitas, Pereira da Silva e Joaquim Agostinho, deve já estar fazendo sorrir os companheiros na 1.ª etapa da volta celestial. Com um cuidado: não ultrapassar ninguém do seu emblema e respeitar (até ao outro fio branco) o compromisso assinado com a honra da mais honesta palavra.

Bibliografia desportiva

«Futebol» em revista

César Grácio (secretário-geral da Federação de Futebol; é o responsável principal pela revista «Futebol», editada pelo organismo de que é pedra-base. Como tem sido habitual, é escassa (ou quase nula; a participação portuguesa na colectânea de textos, surgindo, em contrapartida, temas versados por Wayne Lanning (Psicologia desportiva;, Marco Vieni (Pedagogia desportiva;, Olivier Charon, Jean-Pierre Cousteau e Fino Fini (Medicina desportiva;, Nicola Comucci, G.R. Gowan, Herman Zonin, Leonid Koltun e Gianni Leali (Metodologia do treino;, Hans Bangerter (Arbitragem desportiva; e André Vieli (História desportiva;. Honrosa e (espantosa; excepção: um artigo assinado pelo técnico Fernando Cabrita, sobre «O que foi a preparação da selecção nacional portuguesa para o Europeu de 1984», espécie de pedrada no charco com a complacência dos responsáveis federativos que, certamente, imaginam que só lá por fora existe quem perceba minimamente de futebol. E daí, talvez os federativos tenham razão: pois se a denominada «selecção» cá da área não consegue ganhar um só jogo, tiremos o chapéu à concorrência.

VENDE-SE

MORÁDIA NOVA D. MARIA MOSTRA-SE NA AV. SANTOS MATOS, N.º 4-3.º Dt.º – AMADORA.
TELEFONE 4930033 TODOS OS DIAS DAS 15 ÀS 17 HORAS E DAS 18 ÀS 20 HORAS.
URGENTE

TEATRO ABC
Lisboa, Tejo e Tudo Nova Versão
A Revista mais premiada do Ano

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE SINTRA 4.º e 5.º JUÍZOS

ANÚNCIO

4.º Juízo – 2.ª Secção – Proc. 306/87

No dia 21 de Maio de 1987 pelas 10 horas no Tribunal Judicial desta Comarca, nos autos de Carta Precatória n.º 306/87 vindos do 2.º Juízo Cível de Lisboa, 1.ª Secção e entretidos dos autos de Execução Sumária registados sob o n.º 6951 em que o Banco Português do Atlântico move contra Tinturaria Cambournac de Pedro Carrasqueiro Cambournac Herdeiros com sede na Quinta do Papel no Cacém, hão-de ser postos em praça para se arrematarem ao maior lanço oferecido, acima do valor indicado no processo, duas prensas de passar a ferro uma de marca Lemaire e outra Comptal.

Sintra, 30 de Março de 1987

O JUIZ DE DIREITO,
Alvito de Sousa
O ESCRIVÃO ADJUNTO,
Carlos Carrulo

"D.L." 7/5/87 – 1.º Pub.

ANSELMO COSTA

MISSA DO 7.º DIA

Sua mulher, filho, nora, neto e demais família, participam a todas as pessoas das suas relações e amizade que será celebrada missa pelo seu eterno descanso, dia 8, 6.ª-feira, pelas 19 H, na Igreja N. S. de Fátima.

Portugal,1-Suiça,0

NOSSOS JUNIORES LIMPAM MÁ ONDA DOS MAIORAIS

Ao menos, valha-nos a rapaziada mais jovem, que, escolhida e preparada com cuidado e dentro de toda a latitude possível, vai limpando a onda da péssima temporada das demais representações federativas que só reflectem o clima que se vive no organismo de cúpula do nosso futebol, simultaneamente, a azarenta «estrela» que não consegue sequer dar um empurrãozinho favorável ao advogado Rui Seabra, decididamente o «seleccionador» mais malquisto por todos os deuses.

Bem: o certo é que os nossos juniores AA, patenteando (na realidade) o potencial autêntico da sua categoriaa etária, continuam em bom andamento europeu: ontem, no Jamor, com um espectacular golo (em pontapé livre) do benfiquista Resende, bateram a Suíça e juntaram-se à França no comando do grupo 1 de qualificação para a grande Europa.

O tento de Resende foi obtido aos 78 minutos e surgiu na sequência de um livre directo, à entrada da grande-área. Tratou-se de uma jogada estudada: e o remate de Resende (em arco ao canto superior esquerdo da baliza de Brunner) foi muito bem colocado. Com um golo de bola parada e á custa do talento individual do melhor elemento em campo, Portugal conseguiu levar a melhor perante uma Suíça tacticamente bem organizada.

Foi uma vitória importante, mas muito difícil, em todo o caso justificada pelos períodos de bom futebol praticado pelos jovens jogadores portugueses. Apenas com um avançado solto na frente e uma defesa muito recuada (mas onde se destacou o lateral-direito Abel), Portugal conseguiu bons momentos de futebol ofensivo nos primeiros 15 minutos na fase derradeira do embate.

No primeiro quarto de hora, os portugueses construíram três flagrantes oportunidades para marcar: todavia, a falta de pontaria de Zarro, Paulo Ribeiro e Pedro Miguel (aliada à excelente exibição do guarda-redes suíço) manteve o resultado em branco.

Destaque muito especial para o benfiquista Resende e Brunner, os melhores jogadores do duelo. Depois, também nota saliente para Vítor Baía (FC do Porto), Hélio (Vitória de Setúbal), Gama (Sporting de Braga), Miguel e Ribeiro (ambos do Sporting).

Classificação do nosso grupo europeu:

	J	V	E	D	G	P
França	2	1	1	0	3-0	3
Portugal	2	1	1	0	1-0	3
Suíça	2	0	0	2	0-4	0
RFA	–	–	–	–	–	–

Carga da nossa brigada ligeira às redes suíças

Sob direcção de Urizar Azpitarte (Espanha), que esteve bem e foi convenientemente auxiliado pelos portugueses António Marçal e José Guedes, alinharam:

Portugal: Baía; Abel, Galrão, Tozé, Paulo Madeira; Hélio, Zarro (Carlos Manuel na 2.ª parte), Paulo Ribeiro, Paulo Alves; Resende e Pedro Miguel (Gama aos 54 m).

Suíça: Brunner; Busser, Ruoff (Zwimpfer, aos 71 m) e Sommerhalder; Balmelli, Morf, Colletti e Reich; Gay e Wyss.

Cartão amarelo a Carlos Manuel aos 88 minutos. Golo por Resende (78 m).

CLUBE DE FUTEBOL "UNIDOS DA GLÓRIA"
FUNDADO EM 5-10-1976
Sede: R. Conceição da Glória, 67

CONVOCATÓRIA

Nos termos do N.º 11.1 do Art.º 6.º dos Estatutos do Clube, convoco todos os sócios no pleno gozo dos seus direitos, para reunirem em Assembleia Geral Extraordinária, no próximo dia 15 do corrente mês e ano, pelas 21 Horas na sede dos Bombeiros Voluntários da Ajuda, na Praça da Alegria, com a seguinte "ORDEM DE TRABALHOS".

1) – Tomar conhecimento das diligências feitas pela Direcção para obtenção da sede do Clube.
2) – Tratar de quaisquer assuntos de interesse para o clube.

Lisboa, 5 de Maio de 1987

O Presidente da Assembleia Geral
Carlos Drummond Borges

A BARRACA
R. ALEXANDRE HERCULANO, 70 — LISBOA
RESERVAS: 686300

2.º mês de exibição

PATENTE

Vende-se ou concede-se licença para exploração em Portugal da Patente de Invenção N.º 65 972 "PROCESSO PARA PRODUZIR UM COMPLEXO DE ORGANO-MAGNÉSIO".

TRATA: CLARKE, MODET & C.ª LDA.
Patentes e Marcas
Rua Castilho, 201-3.º Esq.
1000 LISBOA

COOMAPOR – COOPERATIVA DE MÃO-DE-OBRA DO PESSOAL DO TRÁFEGO PORTUÁRIO, C.R.L.

Acta n.º 57

Aos 7 dias do mês de Janeiro de 1987, nas instalações do CCTPL – Centro Coordenador do Trabalho Portuário de Lisboa, sitas na Avenida do Infante D. Henrique, em Lisboa, ao abrigo dos estatutos e da legislações cooperativa, realizou-se a assembleia geral eleitoral da COOMAPOR – Cooperativa de Mão-de-Obra do Pessoal do Tráfego Portuário, C.R.L., para eleição de novos órgãos sociais para o biénio de 1987-1988.

A assembleia foi convocada pelo presidente da mesa da assembleia geral em exercício, Carlos Alberto de Sousa Guerreiro, por convocatória datada de 21 de Novembro de 1986, levada ao conhecimento de todos os cooperadores nos termos legais e estatutários.

A mesa da assembleia geral foi constituída pelo respectivo presidente em exercício, Carlos Alberto de Sousa Guerreiro, pelo 2.º secretário efectivo em exercício, José dos Santos Fernandes, pelo 1.º secretário suplente em exercício, Avelino Ernesto Esteves da Conceição, e pelos cooperadores José Henrique Correia da Silva (n.º 867) e José Alves André (n.º 3154), como escrutinadores.

Fez igualmente parte da mesa de voto o cooperador Aníbal Maria de Almeida (n.º 1787), presentemente fazendo parte dos órgãos sociais, como vice-presidente da mesa da assembleia geral, e candidato da lista candidata.

Aberta a sessão pelas 8 horas, procedeu-se de imediato ao acto eleitoral, por voto secreto e directo, sendo concorrente uma única lista assim constituída:

Mesa da assembleia geral: presidente, Augusto Borges Faria, sócio n.º 3024 (estivador); vice-presidente, Aníbal Maria de Almeida, sócio n.º 1787 (trabalhador do tráfego); 1.º secretário efectivo, Manuel António Trindade Costa (conferente); 2.º secretário efectivo, António da Silva Francisco (estivador); 1.º secretário suplente, Manuel Garcia da Silva (trabalhador do tráfego); 2.º secretário suplente, Rui Paulo Felgueiras (conferente Figueira da Foz);

Direcção: presidente, Natalino Dias Almeida do Carmo, sócio n.º 611 (estivador); vice-presidente, José Américo Martins Ferreira, sócio n.º 2905 (conferente); tesoureiro, Mário José Ribeiro Duarte, sócio n.º 2303 (conferente); secretários: João Ferreira Serra, sócio n.º 937 (trabalhador do tráfego), e Jovito Lopes do Carmo, sócio n.º 2480 (trabalhador do tráfego); suplentes: José da Silva Costa, sócio n.º 302 (estivador), António Vieira Vasconcelos, sócio n.º 1286 (trabalhador do tráfego), Agostinho José Sousa Pacheco, sócio n.º 2436 (estivador), António Barral Barrigana, sócio n.º 2788 (conferente), e Ângelo dos Reis Luís, sócio n.º 1204 (trabalhador do tráfego);

Conselho fiscal: Presidente, Mário Rodrigues dos Santos, sócio n.º 1219 (trabalhador do tráfego); secretário, Carlos Manuel dos Santos Pinto Magalhães, sócio n.º 3079 (conferente); relator, António Augusto Esteves Moita, sócio n.º 2497 (estivador); suplentes: Domingos José, sócio n.º 62 (trabalhador do tráfego); Vítor Manuel Marques de Oliveira, sócio n.º 1826 (conferente), e José Martins Barata, sócio n.º 1432 (estivador).

O acto eleitoral, de acordo com a convocatória, prolongou-se até às 18 horas, hora a que foi encerrada a votação, tendo os componentes da mesa procedido em seguida à abertura da urna e à consequente contagem de votos.

Foram registadas 260 inscrições no livro de presenças, tendo votado 258 cooperadores, cujos votos foram descarregados no caderno eleitoral, tendo-se apurado 219 votos válidos e 39 votos nulos, pelo que foi eleita a única lista concorrente a este acto.

O presidente da mesa, ao verificar votos riscados de uma ou mais pessoas, inscrições feitas no próprio papel de voto, perguntou a todos os elementos componentes da mesa acima citados qual a análise dos referidos boletins, sendo por unanimidade decidida a anulação de todos os boletins de voto com essas anomalias.

A reunião foi encerrada cerca das 18 horas e 30 minutos, da qual foi lavrada a presente acta, que para sua inteira fé e validade vai ser assinada pelos membros da mesa da assembleia geral.

Presidente,
Carlos Alberto de Sousa Guerreiro
Vice-presidente,
Aníbal Maria de Almeida
1.º secretário suplente,
Avelino Ernesto Esteves Conceição
2.º secretário efectivo,
José dos Santos Fernandes
Escrutinadores,
José Henrique Correia da Silva – José Alves André

"D.L." 7/5/83

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA
3.º JUÍZO
ANÚNCIO

Por este Tribunal correm éditos de trinta dias, que começarão a contar-se da data da publicação do segundo e último anúncio, citando os réus para no prazo de DEZ dias, findo o prazo dos éditos, contestarem a acção, sob pena de poderem vir a ser condenados no pedido que, em extracto, é o seguinte: serem os Réus solidariamente condenados a pagar à Autora o valor da indemnização peticionada, actualizada a final em função da desvalorização sofrida com o decurso do tempo e ainda no pagamento das custas e procuradoria, tudo conforme melhor consta do duplicado da petição inicial que se encontra à sua ordem neste Tribunal e que lhe será entregue logo que solicitado.

Acção SUMÁRIA n.º 4004/86 2.ª secção.

Autor BELIZARDA CALAIS NEVES, residente na Av. de Roma, n.º 119-1.º andar direito – Lisboa.

Réu ARMANDO PINTO DE ALMEIDA, residente na Rua 5 de Outubro, prédio sem número, 2.º andar – Casal de Cambra e Outros.

Lisboa, 29 de Abril de 1987

O Juiz de Direito,
Alfredo Carlos André dos Santos

A Escrivã-Adjunta,
Maria de Lourdes Basílio Veloso

"D.L." 7/5/87 – 1.º Pub.

"Placard"

Amadora: estruturas crescem

Prossseguindo o seu esforço em dotar o concelho e particularmente a juventude de mais equipamentos para a prática do desporto, a Câmara tem em construção dois novos campos polidesportivos: um junto à Escola Primária n.º 1 da Brandoa, e outro ficará situado nos terrenos da Escola Primária n.º 4 em Alfornelos. A localização deste último polidesportivo foi decidida conjuntamente pela CMA e pela população do bairro, após terem sido ponderados alguns inconvenientes da localização inicialmente prevista.

Entretanto, a Câmara da Amadora, procedeu à abertura das propostas para a adjudicação dos trabalhos de reconstrução do pavimento do Pavilhão Polivalente da Venteira, de forma a possibilitar um aproveitamento integral daquele equipamento desportivo.

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E COMÉRCIO
SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA E ENERGIA

Direcção-Geral de Energia

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do Art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Serviços Regional, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Bevante, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela EDP – Electricidade de Portugal-EP, Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o processo n.º 1/3181, arquivo 95, para o estabelecimento na freguesia e concelho de Benavente, de uma linha de interligação a 30 KV, com 3805 metros, entre o poste n.º 26, da linha para o P.T. de Santo Isidro, e o poste n.º 13 da linha para a VENDAP.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Serviços Regional, ou na Secretaria daquela Câmra Municipal, dentro do citado prazo.

Direcção de Serviços Regional de Lisboa, em 24 de Abril de 1987

Pel'O ENGENHEIRO DIRECTOR DE SERVIÇOS

(Ilegível)

PACO BANDEIRA AMANHÃ NO COLISEU DOS RECREIOS

Com muito apuro e extremo cuidado, com a minúcia com que trabalha cada apresentação em público ou gravou um dos vinte álbuns de qualidade que já ofertou à música portuguesa, aí temos Paco Bandeira em vésperas de entrar no palco do Coliseu dos Recreios para o seu mais ambicioso recital.

Será amanhã, pelas 21 horas, na maior sala de espectáculos do nosso país. Paco Bandeira estará rodeado por músicos de estirpe: Luís Duarte, José Marinho, Fernando Falé, Rui Cardoso e José Oliveira, levando como convidados os ciganos Lotieri, Lão, Areno, Mantino, Zeca e Chunguito.

— Quero comemorar os meus 17 anos de carreira. Recordar tudo aquilo que me aconteceu desde que D. Hermínia Silva aceitou ajudar-me a deixar conjuntos musicais que tanto trabalhavam em Espanha como em bares e «boites» de Portugal. Aconteceu o conhecimento com D. Hermínia, a apresentação a Artur Agostinho, a ajuda que também me foi dada por Rui Castelar e Júlio Isidro. Os «Parodiantes de Lisboa» igualmente tiveram grande contributo no meu lançamento: hoje, tanto como tesoureiro da Sociedade de Autores como na pele única de autor, compositor e intérprete, sinto-me no bom caminho para a realização. Já dei a volta ao mundo, noto que sou aplaudido por públicos da mais variada condição social, que (mesmo como cidadão) sempre tenho tido uma intervenção clara na vida da minha terra e na defesa dos interesses dos artistas meus colegas. Isso faz com que me considere um sujeito satisfeito com o passado: que repetiria integralmente, embora limando algumas arestas que foram simples fruto da inexperiência com que entrei num mundo por vezes imperdoável para quem chega de fora.

Francisco Veredas Bandeira: exacto, o Paco Bandeira. Que também nos declara:

— Amanhã, vou homenagear poetas e músicos que trabalharam comigo ao longo dos anos. Os nomes mais significativos: Antunes da Silva, Eduardo Olímpio, Manuel da Fonseca, Nuno Gomes dos Santos, José Carlos Ary dos Santos, Lúcio Vieira, Pedro Osório, Rosa Lobato Faria, Pedro Bandeira Freire e Joaquim Pessoa. Grandes culpados de eu ter saído da mediania, tantas vezes ofertando-me conselhos preciosos como a meu lado rubricando composições que toda a gente logo passava a conhecer. Foram parte integrante e absoluta do meu êxito: e isso nunca esqueceria na festa do Coliseu.

Um espectáculo que (pode ficar-se com certeza antecipada) terá o cunho do talento de Paco Bandeira e será, simultaneamente, o primeiro passo para a dignificação dos artistas da raça calé, homens e mulheres de fibra e tenacidade tantas vezes injustamente depreciados na praça pública e quase sempre afastados dos palcos de alto gabarito.

N. de S.

Paco Bandeira: autor, compositor, intérprete e tesoureiro da Sociedade de Autores. Uma personalidade.

EM PORTUGAL

	T. 6 h	Min.	Prec.	Às 13 h.
Bragança	5	5	0,0	Neblina
V. Castelo	11	10	0,0	Limpo
Vila Real	9	9	0,0	Limpo
Porto	13	11	0,0	Limpo
Coimbra	14	14	0,0	Limpo
C.Carvoeiro	15	12	0,0	Limpo
C. Branco	–	–	–	—
Portalegre	16	15	0,0	Limpo
Lisboa	15	15	0,0	Limpo
Évora	15	15	0,0	Limpo
Beja	13	13	0,0	Limpo
Faro	13	13	0,0	Limpo
Sagres	11	11	0,0	Limpo
P. Delgada	15	15	0,0	Aguac.
Funchal	18	16	0,0	Aguac.

Temp. máx. prevista para hoje: Lisboa 27 Porto 25, Faro 24, Ponta Delgada 18, Funchal 22.

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

NA EUROPA

	T. 7 h	Mín.	Às 13 h.
Madrid	6	5	Limpo
Londres	7	7	Bruma
Paris	5	4	Muito nub.
Bruxelas	6	5	Muito nub.
Amesterd.	7	3	Muito nub.
Genebra	7	6	Pouco nub.
Roma	11	10	Neblina
Oslo	7	2	Pouco nub.
Copenhaga	9	7	Pouco nub.
Estocolmo	6	5	Muito nub.
Berlim	8	6	Muito nub.
Viena	8	8	Chuva
Varsovia	7	5	Limpo
Atenas	16	14	Pouco nub.
Moscovo	16	10	Limpo

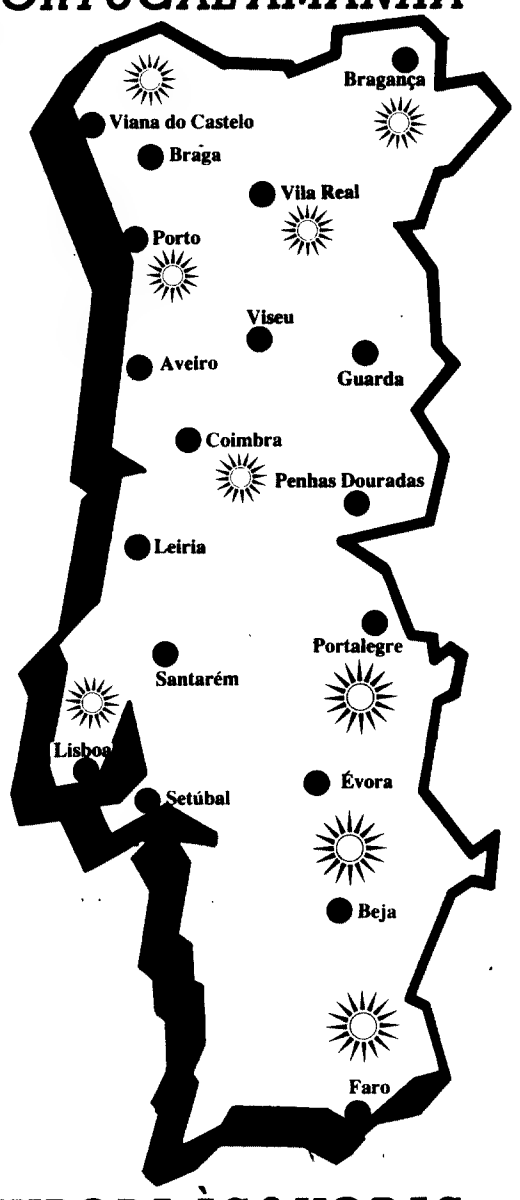
Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

NO MUNDO

	Min.	Máx.	Às 13 h.
Caracas	21	29	Nublado
Joanesburgo	9	22	Limpo
Los Angeles	17	33	Limpo
Montreal	3	18	Nublado
Nova Deli	21	35	Nublado
Nova Iorque	7	10	Limpo
R. de Janeiro	20	32	Nublado
S. Francisco	13	34	Limpo
Sao Paulo	19	25	Nublado
Tóquio	13	22	Limpo

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

PORTUGAL AMANHÃ



TEMPO

HOJE

No Continente:

Céu pouco nublado ou limpo, vento moderado de Leste.

Estado do mar:

***Costa Ocidental:* Mar de pequena vaga a cavado. Ondulação noroeste de uma dois metros.**

***Costa Sul:* Mar cavado. Ondulação de sueste de dois metros.**

Nos Açores:

Céu geralmente muito nublado. Vento de nordeste, moderado a fresco nos grupos Ocidental e Central e bonançoso a moderado no grupo Oriental. Aguaceiros.

***Estado do Mar:* Mar de pequena vaga a cavado. Ondulação de nordeste de dois metros.**

Na Madeira:

Períodos de céu muito nublado. Vento fraco predominando do quadrante Oeste.

***Estado do mar:* Mar encrespado. Ondulação de norte de dois metros na costa Norte e ondulação inferior a um metro na costa Sul.**

AMANHÃ

Céu pouco nublado ou limpo. Vento geralmente fraco.

DEPOIS

Céu pouco nublado ou limpo. Vento fraco.

MARÉS

Hoje

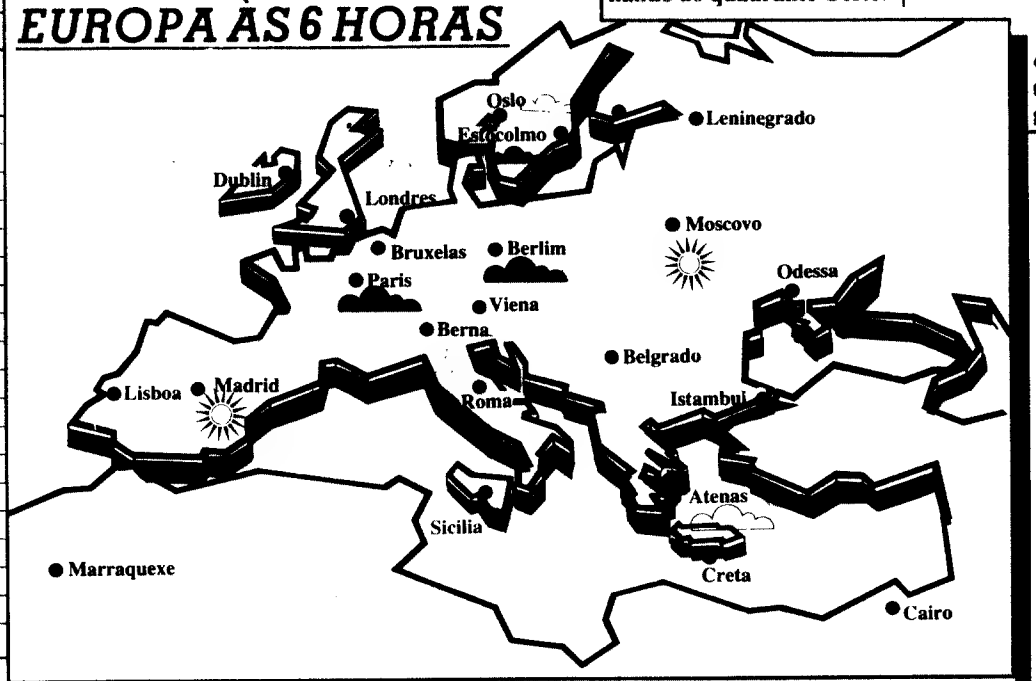
Praia-Mar		Baixa-Mar	
11.37	3,0 m	4.57	1,8 m
23.55	3,2 m	17.16	1,9 m

Amanhã

12.35	3,2 m	5.59	1,6 m
24.50	3,4 m	18.15	1,7 m

● Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica.

EUROPA ÀS 6 HORAS



● *Informação da agência Lusa*

UM NOVO COMPOSITOR PORTUGUÊS

Mario Vieira de Carvalho

Textos do Novo Testamento inspiraram o jovem compositor português João Pedro Oliveira (n.1959) na obra «Pneuma Hagios» (em grego: «Espírito Santo»), ontem apresentada pela Orquestra Gulbenkian, sob a direcção do maestro Michel Swierczewski. «O Vento do Espírito», «Línguas de Fogo», «A Linguagem dos Anjos», «Charismata: os Dons do Espírito», «A Lei e as Palavras», «A Promessa» e «Veni, Creator Mundi» são as epígrafes de cada um desses textos, correspondendo a outros tantos momentos da obra. Trata-se de música instrumental, acompanhada de um «programa», o que nos reconduz ao poema sinfónico de Liszt (com precedentes ocasionais, como «As Quatro Estações de Vivaldi», e repercussões ulteriores, como «Gaspard de la nuit» para piano, de Ravel, ou certas obras de Messiaen).

Assim, ao contrário do mestre, Emanuel Nunes, que estabelece uma relação orgânica entre o título de uma obra e a sua substância musical, o discípulo, João Pedro Oliveira, procede por justaposição de dois discursos — de um lado, os versículos da Bíblia, para ler, do outro os instrumentos da orquestra, para ouvir. A atitude suscitada no receptor difere essencialmente nos dois casos: no primeiro, é-se convidado a seguir um processo musical e a reflecti-lo, durante ou depois da audição, através de uma «palavra-chave»; no segundo, apela-se para o poder de associação ou de representação mental do ouvinte, para a sua faculdade de receber a música como uma imagem do texto (contrapartida lógica da própria atitude do compositor, que terá partido do texto para a música e confere àquele uma importância tão central que se dispensa de quaisquer considerandos atinentes à textura musical).

Em Emanuel Nunes, a «palavra-chave», resume ou sintetiza a sua experiência de músico-criador em cada obra e projecta-se na estrutura (ou, pelo menos, na atmosfera dominante) desta. Em «Pneuma Hagios», de João Pedro Oliveira, a música «entra em competição» com o texto, pondo o ouvinte perante o dilema de a aceitar ou não como ilustração adequada deste. No primeiro caso, a «palavra-chave» desaparece na música, serve talvez como uma pista, para colocar o ouvinte na mesma onda e o ajudar a desvendar um universo sonoro multivalente. No segundo caso, é a música que tende a «desaparecer» no texto — a menos que a ouçamos como ouvimos hoje os poemas sinfónicos de Liszt ou de Richard Strauss, isto é, como «música absoluta». Sendo assim, porém, para quê o «programa»?

Seja como for, o que importa registar é o ofício de compositor revelado por João Pedro Oliveira, o seu domínio do material sonoro e a coerência da escrita. Trata-se de um valor incontestável no panorama da nova música portuguesa, que deve continuar a ser apoiado na sua formação e no contacto com novas técnicas.

A primeira parte do concerto de ontem terminou com uma obra de textura cerrada, de Luís de Pablo, onde este recria com um espírito inteiramente novo a categoria romântica do concerto com solista. Jean-Marie Cottet correspondeu às exigências virtuosísticas, dando, com a orquestra, toda a riqueza de contrastes, ataques, atmosferas em que a obra é pródiga, segundo um plano de denso construtivismo, que, como refere o autor, compreende a sobreposição de diversos andamentos.

Swierczewski (francês de nascimento) — um chefe de orquestra experimentado e seguro, que tem trabalhado com Boulez no Ensemble InterContemporain e com quem a Orquestra Gulbenkian se apresentou em grande forma — dedicou a segunda parte do concerto a Albert Roussel, em comemoração do cinquentenário da sua morte.

"Papa-Léguas" prega noutra freguesia

O Grupo de Teatro Infantil «Papa-Léguas vai trocar, pela primeira vez em 4 anos, o salão da Junta de Freguesia de S. Domingos de Benfica pela Junta de Carnide, onde fará o seu próximo espectáculo.

Devido a um diferendo com a Junta de S. Domingos, onde está sediado desde 1983, o grupo não conseguiu dispor do salão das Furnas, a funcionar para um centro cultural, recentemente criado pela autarquia.

«Aqui Há Mistério» é o título do próximo espectáculo do grupo - o 16º em 11 anos de actividade - uma peça cujo tema reflecte o estado das relações entre o grupo e o executivo da Junta.

Para que o público infantil de S. Domingos de Benfica não fique prejudicado com a transferência da peça para Carnide, o grupo conseguiu a colaboração da Carris, que porá à disposição dos espectadores uma carreira especial entre as duas freguesias.

A peça, escrita pelo próprio grupo «Papa-Léguas», estará em cartaz até Junho e o grupo já tem actividade programada até final do ano, sem que haja um acordo sobre a possibilidade de voltar a utilizar o salão das Furnas.

Até Setembro, o grupo não vai poder utilizar o salão. Mas a partir daí, tudo bem. Até lá vamos estudar o assunto, disse à agência Lusa o secretário da Junta.

Entretanto, o grupo já entregou ao organismo o seu programa de acção até Junho de 1988, de modo a poder conjugar com o Centro Cultural a utilização do salão.

Marchas com novo figurino

Bairros de Lisboa vão marchar de mãos dadas

Procurando relançar a tradição da população lisboeta em ver e aplaudir as marchas populares dos bairros da cidade, realizou-se, por iniciativa da Comissão de Festas da Câmara Municipal de Lisboa, uma reunião coordenada pelo prof. Mário Silva (membro do Pelouro de Desporto) e os mandatários de cada uma das seguintes colectividades de cultura e recreio:

Clube de Futebol Benfica (Benfica), Lisboa Clube Rio de Janeiro (Bairro Alto), Clube Desportivo da Graça (Graça), Sociedade Filarmónica Alunos de Apolo (Campo de Ourique), Ginásio do Alto do Pina (Alto Pina), Sociedade Dramática de Carnide (Carnide), Sociedade Musical 3 de Agosto 85 (Marvila), Grupo Desportivo da Mouraria (Mouraria), Ajuda Clube (Ajuda), Centro C.D. Olivais Sul (Olivais), Centro Cultural Magalhães Lima (Alfama), Academia Rec. Leais Amigos (S. Vicente Fora), Clube de Futebol Santa Catarina (Santa Catarina) e Grupo Desportivo do Castelo (Castelo). Faltou apenas o representante de Alcântara, mas certamente não deixará de «dar as mãos» à iniciativa.

Como objectivo primário, pretende a CML que as marchas populares sejam renovadas e para isso não faltará o apoio, porquanto, estamos perante uma actividade cultural que importa estimular e reanimar. Deste modo, e como primeira iniciativa, a CML convidou as colectividades responsáveis, para que este ano tivéssemos a «Marcha de Lisboa» formada por dois pares de cada bairro, cuja apresentação terá lugar no Rossio na noite de 12 de Junho (véspera do encerramento dos I Jogos Desportivos da Cidade de Lisboa) e segunda actuação na noite seguinte no Terreiro do Paço, para, seguidamente, e durante todo o mês de Junho, actual nos diversos arraiais que, por toda a cidade, irão animar as populações.

Teremos deste modo, os bairros lisboetas a marchar de mão dada e, no próximo ano, é bem provável que Lisboa venha para a rua numa manifestação popular onde não faltará o colorido, a graça, a luz e a alegria da sua gente.

Rodapé

José Duarte

A DUPLICAÇÃO DESNECESSÁRIA

... as crianças, a quem a repetição agrada mais do que a variação ou novidade...

J. L. Borges

A época densa de festivais de jazz na Europa é o Verão e o de Moers, na Alemanha Federal, é um dos seus mais prestigiados. O próximo é em Junho, dura quatro dias e tem programa aliciante. Com tendência para privilegiar as formas actuais do jazz, Moers anuncia, para este ano, artistas importantes como o saxofonista David Murray em trio e com a sua banda de dezasseis elementos, a actualmente tão festejada Vienna Art Orchestra, com o seu notável solista Wolfgang Puschnig, outra orquestra do formato das grandes, a New York Jazz Composers e instrumentistas como Leroy Jenkins, Pheroean ak Laaf, Aki Takase em duo com Maria João. Passei por cima de outros nomes que prefazem cerca de trinta orquestras e trezentos músicos e reflecti (atitude típica da meia-idade) no significado da João já ter «chegado» a Moers e ainda por cima anunciada em primeiro lugar, só depois vem o nome da pianista Aki. Virei-me então para a «Wire» — revista mensal inglesa com prestígio na Europa — e de lá de dentro caiu um papel amarelo que anuncia um festival internacional de música improvisada. Entre onze e dezassete deste mês, no centro de Londres, tocam personalidades como Barre Philips, Han Bennink, Lee Konitz e Carlos Zíngaro.

Muito bem, Maria e Carlos. E quando os europeus descobrirem que quando vocês saem, Portugal fica despovoado nas áreas de tal música produzida por cordas vocais e de violino?...

★

Até ao próximo 27 celebra-se o pecado na Escola Superior de Belas Artes de Lisboa! Como? Com a ajuda do escultor António Quinae do saxofonista Carlos Martins. Todas as segundas e quintas há uma exposição-concerto na Cisterna.

.Concordo que parece complicado e o melhor é ir lá testemunhar, antes que o músico faça aquilo que já me confessou: pegar com uma mão no saxofone e com a outra na trouxa de roupa e ir à vida, quer ele dizer, para a Europa, não sem antes estudar tudo o que puer, por cá... E o próximo quem será? É fácil, outro dos melhores. É a diáspora dos «yuppies» do jazz.

★

A ideia chegou-me às mãos em 79 via um manifesto sobre eficiência produzido pela companhia escandinava de aviação!

De facto, para que tocam quatro oboés numa orquestra sinfónica? A quantidade podia ser reduzida e o trabalho individual planeado ao longo de todo o concerto de forma a evitar períodos de actividade de ponta...

E para que servem doze violinos se todos tocam notas idênticas? Este pessoal devia ser drasticamente reduzido no combate ao desemprego oculto e à duplicação desnecessária. um esforço também pouco ou nada rentável, é o do uso e da consequente execução de repetidas semicolcheias, uma complicação absolutamente escusada. A simplificação da escrita permitiria o treino de músicos novos e o emprego de instrumentistas com menor preparação técnica, logo mais baratos.

Caso semelhante de gestão inadequada, caso este flagrant, é a repetição de algumas passagens musicais! Como se admite que os sopros repitam o que as cordas já tinham tocado ou vice-versa?!! Foi calculado que se tais passagens redundantes fossem, pura e simplesmente, eliminadas, um concerto com duas horas poderia ser reduzido em cerca de vinte minutos e que não haveria até necessidade para um intervalo a meio.

Os próprios instrumentos, que não sofrem alterações há muitos anos, poderiam ser redesenhados para deles se obter um rendimento mais optimizado. Estão, neste caso, o piano, cujo teclado tem zonas de baixa utilização e que para serem alcaçadas requerem um esforço extra e outros instrumentos que ocupam uma mão que apenas os segura! Em certos casos o equipamento musical está obsoleto e chega a ser afirmado que o primeiro violinista usa equipamento com várias centenas de anos! Tal unidade, sem qualquer valor residual, encontra-se amortizada e deve ser abatida.

CRÓNICA DE TOUROS

Solilóquio

DIÁRIO COM PRAÇA DE TOUROS AO FUNDO

1 de Abril, quarta-feira

Está outra vez aí, a temporada. Abriu como sempre nas primícias de Fevereiro, nas tardes frias de Valdemorillo, touros grandes para toureiros modestos; as figuras só chegaram nas «fallas» de Valência, entrado Março, já com o cheiro a Primavera a deslizar pelas rugas do Inverno moribundo. As «fallas», este ano, tiveram o selo de um português. Naquele domingo de há duas semanas, 15 de Março, ao sintonizar pontualmente o receptor para o programa taurino da Rádio Nacional de Espanha, tive uma surpresa: em vez do habitual, era o pasodoble do Vítor Mendes que abria o programa. Que raio teria acontecido? Só isto: o de Vila Franca cortara quatro orelhas na corrida dos Victorinos, saíra em ombros da praça de Valência. E com mérito acrescentado: porque, depois de sofrer uma colhida impressionante no terceiro, e já com o triunfo no bolso, teimou em sair da enfermaria, contra a vontade dos médicos, para matar o sexto. Um touro que, dizem todas as crónicas, foi mesmo bravo: vantagem que tantas vezes se faz contrariedade, pois são os touros bravos, não os mansos, que afundam os toureiros. Não se afundou o português, com a bravura do touro lhe cresceu pelos vistos o sentimento, cortou-lhe também as orelhas, pôs a praça de pé, pedidos até de rabo, entre tantas figuras da feira estava encontrado o triunfador. Como diria, ao matador português, aquele grego que Alejo Carpentier, em «Los Pasos Perdidos», pôs a citar a «Odisseia»: «Vai, e que não se turve o teu ânimo; que o homem, se é audaz, é mais afortunado naquilo que empreende, mesmo que tenha vindo doutra terra.»

3 de Abril, sexta-feira

O cartaz lá estava hoje, berrante, numa parede da praça da Alegria, anunciando touros no domingo, em Almeirim. Em letras gordas, quatro nomes: Moura, Telles, Mendes, Soro. Quatro nomes sonantes, mas com uma incógnita: ficamos sem saber de qual Telles se trata. O pai David? Um dos filhos? O João? O António? O Manuel? Será indiferente? Não terá cada um, além do nome próprio, um estilo, um interesse, um toureio também próprio? Questão, em si, talvez de pouca importância. Se não fosse o perigo de alimentar a ideia de que, no Portugal das touradas, a regra é a do tanto faz.

4 de Abril, sábado

Ferra de poldros, em Alcácer. Ferra de um ferro novo, do João Núncio. É o próprio quem dirige as operações, quem aplica no pêlo jovem a brasa que leva as iniciais do seu nome. Partindo do zero, com aquela silenciosa discreta teimosia que herdou do Califa, seu pai. Partindo do zero mesmo sabendo que não é possível partir do zero, naquela casa onde o Mestre continua presente, nos retratos das cómodas e paredes, nos velhos álbuns de recortes de jornais, nos cartazes antigos, que ele fez históricos, que se desenrolam mostrando os rasgões do tempo. Na cavalariça que lhe serve de maternidade, a velha égua deitara-se, anunciando desenlace próximo, esperado como se fosse de primeiro filho. Fora, na relva molhada, da chuva que cai, pastavam sossegados os poldros, já esquecidos dos saltos e rebrincos do seu desespero inútil, para escaparem ao jogo inexcorável que para sempre os marcou, quem sabe qual deles o irá mostrar na arena, oxalá encontre cavaleiro capaz de o poupar aos touros, cavaleiro capaz de seguir aquele conselho que o Califa deu certa vez ao Manuel Conde, num dia em que o marialva de Caneças recebera, para troco de seus rompantes, uma grande tareia: «Olhe que os touros não são para se comerem, são para se irem comendo».

Herzog conclui filme sobre a escravatura

«Cobra Verde», o último filme de Werner Herzog, cujas filmagens na Colômbia terminaram há dias, deverá ser estreado em Novembro, admitiu em Bogotá o cineasta.

Filme sobre a escravatura, «Cobra Verde» conta a história de um «bandido bom e solitário» no fim do século XIX, um brasileiro chamado Manuel da Silva, interpretado por Klaus Kinski.

A figura do actor alemão-ocidental, sempre vestido de branco e de chapéu, não passou despercebida em Bogotá durante o mês de filmagens.

O seu aspecto pouco simpático e a sua preferência pela solidão do quarto do hotel, que só deixou para as filmagens, levou um diário da capital colombiana a chamar-lhe «o demónio de branco que ninguém conseguiu ver».

Estas características de Kinski não têm impedido que ele seja o actor preferido de Herzog, que o escolheu para filmes como «Aguirre, o Aventureiro», «Fitzcarraldo» e «Nosferatu».

O realizador desculpou o seu polémico actor, argumentando que regressou de África — onde filmaram a primeira parte do filme — «cansado e angustiado».

A primeira parte de «Cobra Verde» foi filmada no Gana, onde 3000 negros participaram nas filmagens das cenas de embarque de escravos para o Brasil.

Herzog chegou a Bogotá a 30 de Março para filmara segunda parte do filme, que teve como cenário a vila de Leyva, 150 quilómetros a norte da cidade, as plantações de cana de açúcar do Sudoeste colombiano, o deserto de Guajira e a cidade de Cartagena.

Sobre o argumento do filme, baseado no livro «O Vice-Rei de Ovidah», do inglês Bruce Chatwin, Herzog disse apenas que escolheu o tema da escravatura porque «ninguém o tem tratado, à excepção talvez de 'Spartacus', o filme de Stanley Kubrick», que desenvolve a história de uma revolta de escravos no império romano. «Mas este filme é diferente», disse.

Um dos motivos pelos quais filmou «Cobra Verde», adiantou, é porque o cinema tem mostrado «a África como um continente de homens nus que vivem em cavernas, como seres primitivos. Contudo no nosso filme mostramos uma civilização africana evoluída, as suas raízes e rituais».

Durante as filmagens desta película de 3 milhões de dólares, o argumento «mudou muito, dependendo dos cenários e das pessoas».

Herzog disse ter escolhido a Colômbia pela sua «diversidade de paisagens», uma atitude que se vai tornando comum entre os cineastas.

O cubano Tomás Gutierrez Alea filmará em Julho próximo na Colômbia o filme «Para Elisa», com argumento de Gabriel García Marquez. Segundo disse, na Colômbia «sobejam os cenários fascinantes».

COMUNA - TEATRO DE PESQUISA
NO ESPAÇO DO CAFE-TEATRO * UM NOVO EXITO
FARSA VOCE MESMO!
NOVO HORÁRIO: SEXTAS e SÁBADOS ÀS 23 h
2 ÚLTIMOS DIAS — 8 E 9 MAIO * PR. ESPANHA T 726 08 18

COMPANHIA Tel 2752175
TEATRO DE ALMADA
O fim da ENFERMEIRA João
de FRANK MARCUS
de 30 Abr. a 31 Mai.
sex. e sab. ás 21.30
dom. ás 16
encenação
ARTUR RAMOS
cenário
Mª JOÃO SILVEIRA RAMOS
com
ADELAIDE JOÃO
EMA PAUL
TERESA ESTEVES
TERESA GAFEIRA
Sub. SEC/CMA

Caminhos de Ferro Portugueses
Informação

CENTROS DE FÉRIAS

A CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES, EP pretende contratar para o período de 24/6 a 22/8/87 DIRECTORES/AS, ECÓNOMOS/AS E COZINHEIROS/AS, para os seus Centros da Férias de Praia das Maçãs e Valadares:

DIRECTORES/AS

Exige-se:
— Curso de Assistente Social
— Curso de Educadora de Infância ou Curso do Magistério Primário

ECÓNOMOS/AS e COZINHEIROS/AS

— Dá-se preferência aos candidatos possuidores das respectivas carteiras profissionais.

Os interessados que reúnam as condições exigidas deverão contactar até 15/5/87, directamente ou por escrito, o Serviço de Recrutamento, Reclassificação e Integração — Calçada do Duque, n.º 20 — 1294 LISBOA Codex.

GRUPO TEATRO HOJE - TEATRO DA GRAÇA / VOZ DO OPERÁRIO
o país do dragão
TENNESSEE WILLIAMS
Encenação: CARLOS FERNANDO
Cenografia: DALTON SALEM ASSEFF
Músicos: CARLOS CURTO, PEDRO QUEIROZ
Elenco: ALEXANDRE DE SOUSA, ELISA LISBOA, FERNANDA COIMBRA, ISABEL DE CASTRO, LIA GAMA, MANUEL MENDES, MARIA JOSÉ PASCOAL, RUI PEDRO
e a participação especial de MARIA JOSÉ
Marcações pelo Telefone 87 58 26

3.ª a SÁB. às 21.00 — DOMINGO SÓ ÀS 16.00 H
APOIOS: AEG/Telefunken, Aluminios Amaral e Fonseca, Braz & Braz, Câmara Municipal de Lisboa, CP — Companhia dos Caminhos-de-Ferro Portugueses, Cristália D'Arte, Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento, Junta Autonoma das Estradas, Juventude Musical Portuguesa, Lanargo, Ourivesaria e Joalharia J. Alves & Companhia, Pontigas, TLP — Telefones Lisboa e Porto, Transportes Ramirão, Voz do Operario, «Diário de Lisboa», Antena 1, Radio Comercial, «Jornal de Letras», Handy, Vulcano (esquentadores), Ítalus. SUBS. SEC CULTURA

Alfas Triplex

— T. 806496

Alfa 1

O MASSACRE
(m. 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Alfa 2

O MENINO DE OURO
(m. 6 anos)
13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 h

Alfa 3

A MANHÃ SEGUINTE
(m. 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Alfa 4

O LUTADOR
(m. 6 anos)
13.30 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24 h

Alfa Club

FILHOS DE UM DEUS MENOR
(m. 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Shopping Center de Lisboa

Amoreiras 1

O LUTADOR
(m. 6 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 00.15

Amoreiras 2

QUARTO COM VISTA SOBRE A CIDADE
(m. 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Amoreiras 3

O MENINO DE OURO
(m. 6 anos)
13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 24.00 h

Amoreiras 4

A MISSÃO
(m. 6 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Amoreiras 5

A COR DO DINHEIRO
(m. 12 anos)
14, 16.30, 19, 21.30 e 24.00 h

Amoreiras 6

O MASSACRE
(m. 12 anos)
13.45, 16.15, 18.45, 21.45 e 23.45 h

Apolo 70

A MANHÃ SEGUINTE
(maiores 12 anos)
14, 16.30, 19.00, 21.30 h

Avila

— T. 539930

OS DUROS
(maiores 12 anos)
15, 17, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Avis

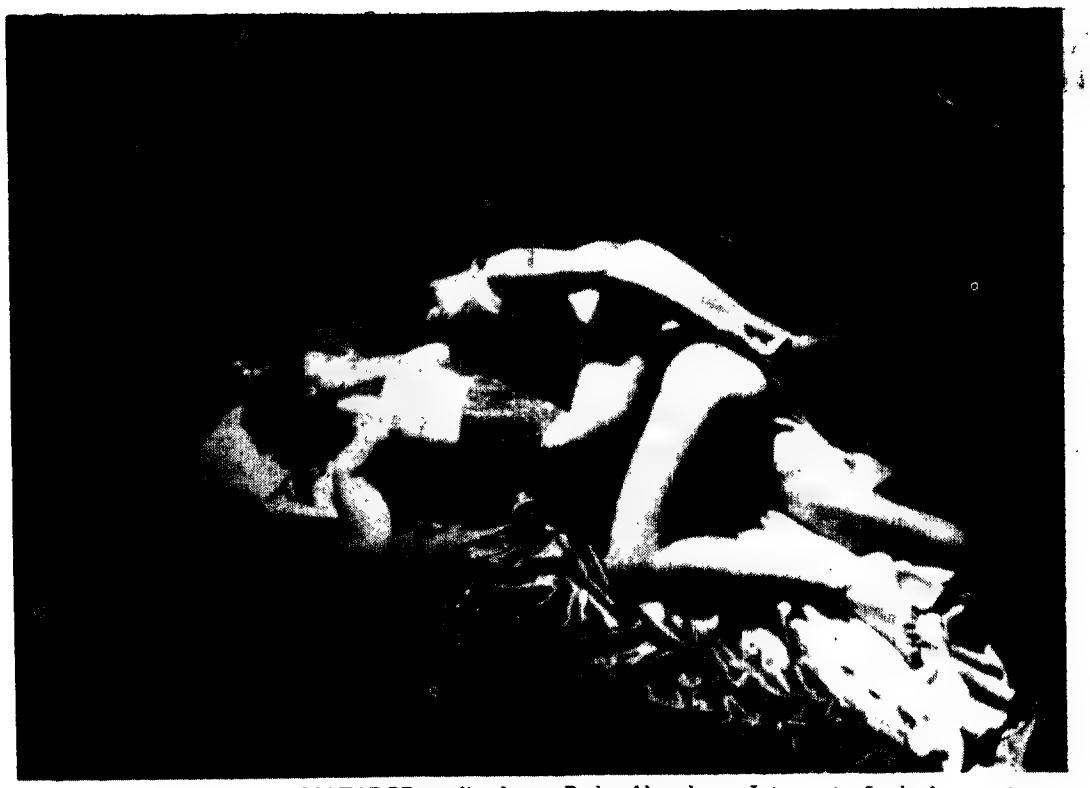
— T. 547163

CALÍGULA
(Int. m. 18 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Berna

— T. 776098

FILHOS DE UM DEUS MENOR
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h



Uma cena do filme MATADOR, realizado por Pedro Almodovar. Interpretação de Assumpta Serna, Antonio Banderas e Julieta Serrano. Distinguido no FANTASPORTO 87 com os seguintes prémios: Melhor Realização, Melhor Actriz (Julieta Serrano. Menção Honrosa da Imprensa e Prémio Especial do Júri. Filme de qualidade, em exibição no Quarteto.

Capitólio

— T. 372358

ESCRAVATURA SEXUAL
(Int. m. 18 anos)
15.15, 17.30, 19.00, 21.00 e 23.00 h

Castil

T. 530194

FOGO CONTRA O FOGO
(m. 12 anos)
15.30, 18.30, e 21.30 h

Cinebloco

— T. 556824

NÃO HÁ SESSÃO
Encerrado para obras

Cinebolso

SEXO À GRANDE E À FRANCESA
(Porno)
(Int. m. 18 anos)
12.30, 14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.30 h

Cine Camões

T. 324194

O TEMPLO DE SHAOLIN
(maiores 16 anos)
14.15, 16.30 e 21.30 h

Cine 222

— T. 579460

FANNY LADY
(n/ acons. m. 13 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

SOLDADO AZUL
(n/acons. 18 anos)
24.00 h

Cine Portela

— T. 2524761

Estúdio Azul

PEGGY SUE CASOU-SE
(maiores 12 anos)
16.00 e 21.45 h

Estúdio Stora

DOIS POLÍCIAS À SOLTA
(maiores 12 anos)
15.30, e 21.30 h

City Cine

— T. 549999

A NOITE DOS ARREPIOS
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Condes

— T. 322523

PLATOON – OS BRAVOS DO PELOTÃO
(m. 16 anos)
14, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Eden

— T. 320768

O MASSACRE
(m. 12 anos)
14, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Estudio

— T. 555134

BALADA DA PRAIA DOS CÃES
(m. 12 anos)
14.30, 17, 19.30 e 21.30 h

Estudio ACS

— T. 887255

GANDY
(n/acons. 13 anos)
14.30, 17.45 e 21.00 h

Estudio 444

— T. 768078

LILIANNA — UM AMOR DIFERENTE
(m. 18 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Fonte Nova

— T. 7145109

Sala 1

PLATOON — OS BRAVOS DO PELOTÃO
(m. 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Sala 2

O MENINO DE OURO
(m. 6 anos)
14.45, 17.00, 19.15 e 21.45 h

Sala 3

PERIGOSAMENTE JUNTOS
(maiores 12 anos)
14.15, 16.30, 18.45, e 21.15 h

Forum Picoas

— T. 541037

NÃO HÁ CINEMA

Gemini

— T. 734009

TOUGH GUYS — OS DUROS
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Hollywood

— T. 806847

Sala 1

PLATOON – OS BRAVOS DO PELOTÃO
(m. 16 anos)
14.15, 16.30, 19, 21.30 e 24.00 h

Sala 2

CORCODILO DUNDEE
(m. 12 anos)
14.30, 16.45, 18.45, 21.30 e 23.45 h

Imperio

— T. 555134

FOGO CONTRA FOGO
(m. 12 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Las Vegas

— T. 631162

Sala 1

PLATOON – OS BRAVOS DO PELOTÃO
(m. 16 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Sala 2

CROCODILO DUNDEE
(m. 12 anos)
14.15, 16.30, 18.45, 21.30 e 23.45 h

Londres

— T. 801313

CROCODILO DUNDEE
(m. 16 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

Mundial

— T. 538743

Sala 1

O MASSACRE
(m. 12 anos)
13.45, 16.15, 18.45 e 21.30 h

A MANHÃ SEGUINTE
(m. 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.15 h

Sala 3

QUARTO COM VISTA SOBRE A CIDADE
(m. 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 h

Nimas

— T. 574362

SEM PERDÃO
(m. 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Odeon

— T. 326283

EXPLOSÃO DE LUZ
(maiores 16 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

Olimpia

T. 325309

LOUCAS ORGIAS
A partir das 14 horas
Sessões contínuas
(Int. men. 18 anos)

Pathé

— 821933

ENCERRADO PARA BENEFICIAÇÕES
Reabre brevemente

Politeama

T. 326305

FOGO CONTRA FOGO
(m. 12 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Quarteto

T. 771378

Sala 1

O REGRESSO DOS MORTOS VIVOS
(Int..18 anos)
15, 17, 19 e 21.30 h

48 HORAS
(maiores 16 anos)
23.30 h

Sala 2

O MATADOR
(Int. 18 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30

VEIO DO OUTRO MUNDO
(maiores 16 anos)
23.30 h

Sala 3

O LOCAL DO CRIME
(maiores 16 anos)
15, 17, 19 e 21.30 h

DESESPERADAMENTE PROCURANDO SUSANA
(maiores 16 anos)
23.30 h

Sala 4

A MANHÃ SEGUINTE
(m. 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

FRANCESCA, UM AMOR IMPOSSÍVEL
(maiores 16 anos)
23.30 h

Roma

T. 889192

O MASSACRE
(maiores 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Roxy

T. 548560

OS SELVAGENS DA RUA
(m. 18 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

S. Jorge

T. 579144

Sala 1

O MENINO DE OURO
(maiores 6 anos)
15.30 e 18.30 h

SALVADOR
Ante-estreia por convites
21.30 h

Sala 2

CROCODILO DUNDEE
(m. 6 anos)
14.30, 16.30, 18.45 e 21.15 h

Sala 3

FILHOS DE UM DEUS MENOR
(m. 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 h

7.ª Arte

— T. 730715

SEM PERDÃO
(m. 12 anos)
14.45, 17.00, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Star

— T. 804210

AS CHAVES DO PODER
(maiores 12 anos)
15.00 e 18.15 h

DUMA VEZ POR TODAS
(maiores 12 anos)
21.30 h

Terminal

— T. 371573

SEM PERDÃO
(m. 12 anos)
14.00, 16.30, 19 e 21.30 h

Tivoli

— T. 570595

TOUGH GUYS — OS DUROS
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Turim

T. 706666

TIGER JOE
(Int. m. 13 anos)
15.00, 17.30 e 21.30 h

Voxmania

— T. 880808

INDIANA JONES E O TEMPLO PERDIDO
(maiores 12 anos)
15.30, 18.15 e 21.00 h

Xenon

T. 368480

O REGRESSO DOS MORTOS-VIVOS
(maiores 18 anos)
14.15, 16.30, 19 e 21.30 h

Zodiaco

— T. 570151

Exibição permanente de filmes indianos
(m. 13 anos)
15.15, 18.15 e 21.30 h

Linha de Sintra

AMADORA — Cineteatro — «Thérese», às 15.30 e 21.30 h (m. 12 anos)

AMADORA — Cinestúdio — «O Lutador», às 15.30 e 21.30 h (para todos)

AMADORA — Babilónia — «A Volta da Meia-Noite», às 15.15, 18.30 e 21.30 h (m. 12 anos)

CACÉM — Cinestúdio Flores — «A Guerra dos Gangsters», às 15 e 21.30 h (Int. 13 anos).

ALGUEIRÃO — Cine Teatro Chaby — «Massacre», às 21.30 (m. 12 anos)

MEM MARTINS — Estúdio Dois Eme — «O Massacre», às 21.30 h (m. 12 anos).

ODIVELAS — Cineodivel — «O Rei dos Gazeteiros» às 15.30 e 21.30 (m. 12 anos).

Linha de Cascais

ESTORIL — Casino Estori — «O Lutador», às 17.00 e 21.15 h (maiores 12 anos)

ALGÉS — Cinema 2000 — «O Menino de Ouro», às 15.30 e 21.30 h (maiores 6 anos).

OEIRAS — Alto da Barra — Sala 1 — «Perigosamente Juntos», às 15.30 e 21.30 h (m. 12 anos)

Sala 2 — «Platoon — Os Bravos do Pelotão», às 15.30 e 21.45 h (m. 16 anos)

CARCAVELOS — Atlântida Cine — «Por Favor Matem a Minha Mulher» às 15.30 e 21.30 h (m. 12 anos)

CASCAIS — Miramar — Sala 1 — «O Crocodilo Dundee», às 15.15 e 21.30 h (m. 12 anos)

Sala 2 — «Platoon — Os Bravos do Pelotão», às 15.30 e 21.30 (m. 16 anos)

Outra Banda

ALMADA — Academia — «Missão Final», às 15.30 e 21.30 h (m. 16 anos)

ALMADA — Cinestúdio — «Mona Lisa», às 15.30, 18.15 e 21.30 h (maiores 12 anos)

ALMADA — Incrível Almadense — «Sem Deixar Rasto», às 15.30 e 21.30 h (m. 12 anos)

COVA DA PIEDADE — Clube Piedense —«Inimigos», às 21.30 h (m. 12 anos)

COSTA DE CAPARICA — Oceano — Sala 1 — «O Protector», às 15.45 e 21.30 h (maiores 16 anos)
Sala 2 — «A Lenda da Floresta», às 16.15 e 21.45 h (maiores 12 anos)

BARREIRO — Cinestúdio Barreirense — «Mausoléu», às 15 e 21.15 (maiores 18 anos)

ARTISTAS DESENHAM TECIDOS

«Estrada Marginal» é o título de uma exposição de tecidos estampados a partir de desenhos de artistas plásticos, arquitectos e designers, patente desde a passada terça–feira no Museu Nacional do Traje.

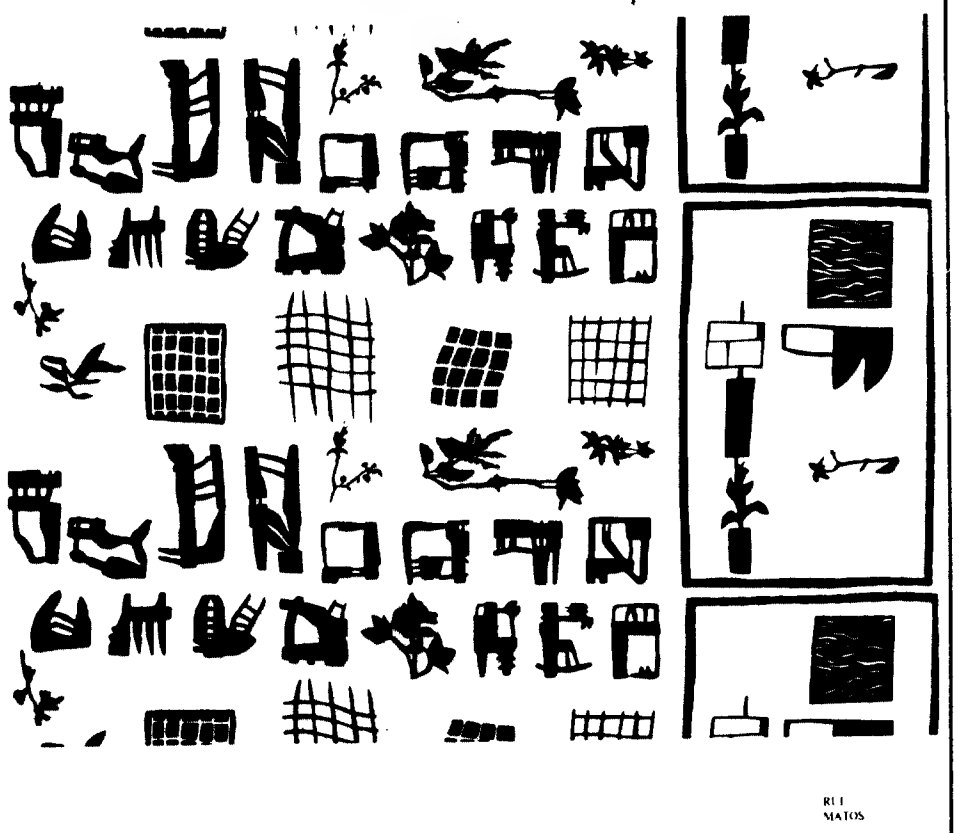
O título escolhido para esta exposição refere–se - segundo a directora do Museu, Madalena Braz Teixeira - «ao imenso mar que nos ladeia e a que não podemos ficar alheios, evoca o comprido, extenso pano onde é permitido aplicar novas poéticas e está ligado ao que nesta estrada é marginal, face ao poderoso e instituído sector industrial textil»

Com efeito, «Estrada Marginal» é uma exposição que assinala o aparecimento público de uma nova marca de tecidos, que pretende estabelecer uma ponte entre a obra de arte e o artigo de consumo, uma vez que são artistas-a desenhar tecidos para utilização em escala industrial.

Os pintores Teresa Silva e Américo Filipe são os autores da iniciativa em que participam cerca de 30 pintores, escultores, arquitectos e designers de moda. Ivo, Isabel Augusta, Pedro Casqueiro, António Marques, Rui Matos, Marta Wengorovius e Pedro Silva são alguns dos artistas que colaboram.

Os tecidos desenhados por estes artistas e que podem ser vistos na exposição «Estrada Marginal», destinam–se a uma alargada variedade de indivíduos que «optem pelo direito à diferença e desejem saber que a sua roupa ou o seu estofo não se encontram na posse de mais ninguém»- diz Madalena Braz Teixeira.

A exposição estará aberta ao público durante seis meses, no Museu Nacional do Traje.



Trabalho do escultor Rui Matos

EXPOSIÇÕES

• ATRIUM DA IMPRENSA (R. da Horta Seca, 2): patente até 28 de Maio uma exposição com trabalhos de Stuart Carvalhais, de segunda a sexta das 10 às 20.

• LIVRARIA DO ESTADO (R. Marquês Sá da Bandeira, 16): Pintura de Noronha da Costa até 19 de Maio, organizada pela Galeria R 75 em colaboração com a Imprensa Nacional/Casa da Moeda.

• ESPAÇO POLIGRUPO (R. Ivens, 14): Pintura e desenhos de Isabel Augusta intitulada «No Caminho das Cruzadas».

• CENTRO COMERCIAL AMOREIRAS (Loja 2063): até 20 de Maio, a primeira exposição individual de pintura de José de Freitas Cruz.

• CENTRO CULTURAL DE GRANDOLA: até 14 de Maio, exposição de desenho e pintura de Manuel Filipe, organizada conjuntamente pela Câmara Municipal de Grândola e Secretaria de Estado da Cultura.

• ARCADAS DO PARQUE DO ESTORIL: a Junta de Turismo da Costa do Estoril apresenta a exposição «Colagens no Vitral» de Erich Zander.

• CENTRAL TEJO: esculturas de Francisco Rocha até 25 de Maio, patente das 14,30 às 18.

• GALERIA EMI (R. da Cruz dos Poiais, 111): até 31 de Maio, Tadeusz Myslowski expõe pintura, escultura e desenho.

• SOCIEDADE NACIONAL DE BELAS ARTES (R. Barata Salgueiro, 36): exposição de A. Vaz de Carvalho com o título «Magia e Rito da minha Angola».

• GALERIA RESTAURAÇÃO (Av. Guerra Junqueiro, 18-C):

Desenho de Stuart Carvalhais, na Casa da Imprensa

Corceiro expõe até 23 de Maio, das 9 às 13 e das 15 às 19, «Percursos Gestuais II».

• GALERIA DE ARTE DO CASINO ESTORIL: Exposição Internacional de Arte Infantil sobre Turismo, integrada nas comemorações do Jubileu do Turismo. Patente até 18 de Maio, todos os dias das 15 às 24.

• ARTEFACTO 3 (Travessa Água da Flor, 37): peças de ourivesaria de autor, de Teresa Seabra, Cristina Filipe, Fausto Guilherme, Willie Levi, Alexandra Serpa Pimentel, Manuel Júlio, Thomas Gentille e Paula Crespo. De segunda a sexta das 15 às 20.

• GALERIA TRIÂNGULO 48 (Av. D. Vasco da Gama, 48 A): «Lisboa por Dorita», uma exposição de desenhos de Dorita de Castel-Branco até 24 de Maio. Patente de segunda a sexta das 14 às 20, sábados das 10 às 13 e no domingo dia 24 das 15 às 20.

• OFICINA DA CULTURA (Câmara Municipal de Almada): o Movimento Democrático de Mulheres do Concelho de Almada apresenta exposições sobre a Paz e Artesanato entre as 20 e as 22 horas. No próximo dia 9, encerramento às 16 horas com um colóquio sobre a Paz

• GALERIA MUNICIPAL (Câmara Municipal da Amadora): Pintura e Desenho de Mena Brito, até 17 de Maio. No sábado dia 16, às 21 horas, integrado nesta exposição, um espectáculo de música e canções ao vivo por Nuno Figueira acompanhado por uma orquestra de sete elementos.

• MUSEU NACIONAL DO TRAJE: exposição intitulada «Estrada Marginal», tecidos estampados de artistas e designers. Patente ao público durante seis meses.

• FORUM PICOAS: exposição grega em Lisboa «Viajando com o Navio Kyrenia no Tempo e no Mito». Patente até 21 de Maio, dias úteis das 10 às 22, sábados, domingos e feriados das 12 às 24

• GALERIA DE AKTE CAPITEL (Leiria): exposição de Pintura «Os Portugueses e o Mar» de Carlos Alberto Santos, no ano das comemorações da passagem do Cabo da Boa Esperança por Bartolomeu Dias. Até 18 de Maio, de segunda a sábado das 10 às 13 e das 15 às 19, domingos das 16 às 19.

• CENTRO CULTURAL REGIONAL (Santarém): exposição de Pintura, Azulejo e Cerâmica de Mário Rodrigues. Até 10 de Maio, nos dias úteis das 15 às 19 e das 21 às 22, sábados, domingos e feriados das 15 às 19.

• GALERIA JANELA VERDE (R. do Olival, 9): Pintura de António Mendes até 14 de Maio, de segunda a sexta das 14 às 20.

• LOJA MANOBRA (R. do Século, 154): exposição dos cartazes «Manobras de Maio»,até 30 de Maio.

• GRAFFITTI (Amoreiras Shopping Center, loja 2029): serigrafias de Vieira da Silva, Maluda, Cargaleiro, Cutileiro e Tom.

• GALERIA OLHARTE (Calçada do Cardeal, 18): Trabalhos de Álvaro Carneiro (escultura), Amália Rosa (joalharia), António Marques (pintura), António Viana (desenho) e Paulo Neves (escultura).

• ESTÚDIO CIDADE (Galeria de Arte - R. do Bocage, 59-1º): exposição de «Coisas mágicas, asteroides, serigrafia» até 14 de Maio.

• IAM - GALERIA (R. da Misericórdia, 92-1º): exposição de Man com o título «Ciclo-Natureza» até 11 de Maio, nos dias úteis das 15 às 20.

• GALERIA DE BRITISH COUNCIL (R. Cecílio de Sousa, 65): Pintura de Helena Delgado Rufino sobre o tema «Diálogo de Culturas», até 8 de Maio, de segunda a sexta das 11 às 18.

• TONDELA (Associação Cultural e Recreativa): exposição de cartazes de Teatro da autoria do artista checo Cestmir Pechr. Trata-se de uma importante mostra de 26 cartazes de Teatro, que obteve enorme êxito no Cairo, Paris, Viena, Sofia, Berlim e Moscovo.Em colaboração com a Embaixada da Checoslováquia em Portugal.

Trabalho de Corceiro, em «Percursos Gestuais II»

• GALERIA DIFERENÇA (R. S. Filipe Nery, 42): desenhos de Rui Sanches com o título «Preto e Branco», de terça a sexta das 15 às 20, sábados e domingos das 16 às 19.

• GALERIA EG (R. Caminho da Fonte de Cima, 33-Porto): Colectiva de 3º Aniversário com pintura de Alfredo Barros, Álvaro César Machado, Américo Moura, Ana Maria, Carlos Carreiro, Cargaleiro, Francisco Laranjo, João Hogan, Nuno Barreto, Rui Pimentel, Amadeu e Gabriela Vaz. Patente de terça a sábado das 15 às 20.

• GALERIA DE ARTE DE TAVIRA: Pintura de Regina Chulam até 26 de Maio, todos os dias das 10 às 13 e das 15 às 19.

• ESCADA-Centro de Arte (R. da Bela Vista à Graça, 81-A): colectiva de pintura com trabalhos de Bual, Guilherme Parente, Rocha Pinto e Rogério Amaral, até 9 de Maio, de segunda a sexta das 14 às 20.

• ALBURRICA BAR (Barreiro): desenhos de Artur Silva até 7 de Maio, de segunda a sexta das 22 às 2, sábado e domingo das das 16 às 20 e das 22 às 2.

• BIBLIOTECA MUNICIPAL DE ALMADA: «750 Anos de Berlim», mostra de livros, revistas, fotografias, gravuras, selos e várias peças de artesanato, até 8 de Maio.

• GALERIA «JN» (Porto): exposição de José Mouga com o título «Memórias/Bestiário». De terça a sábados das 14,30 às 19,30.

• GALERIA ANTIQUA (R. do Salgueiral, 62-Porto): todos os dias, das 16 às 20, colectiva com trabalhos de Jaime Murteira, Lázaro Lozano, João Mário, Júlio Amaro e Fernando Lino, até 11 de Maio.

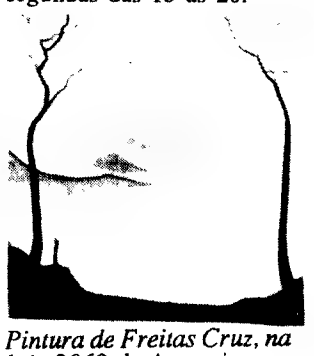
• GALERIA DE S. MAMEDE (R. Escola Politécnica, 175): 23 esculturas de Dorita Castel-Branco até 9 de Maio, das 10,30 às 13 e das 15 às 19,30.

• SOCIEDAE NACIONAL DE BELAS ARTES (R. Barata Salgueiro, 36): Graça Antunes expõe «2 alçados para uma construção encomendada». Até 10 de Maio, todos os dias das 14 às 20.

• GALERIA PAULINO FERREIRA (R. Nova da Trindade, 18-B): pintura de H. Mourato, de segunda a sexta das 9 às 12,30 e das 14,30 às 19, sábados das 9 às 13.

• VOXMANIAS (Av. Frei Miguel Contreiras): «Manias de Lam», Pintura até 7 de Maio.

• GALERIA DE S. BENTO (R. do Machadinho, 1): pintura de Matilde Marçal até 23 de Maio, de terça a sábado das 11 às 13 e das 15 às 20, domingos e segundas das 15 às 20.



Pintura de Freitas Cruz, na loja 2063 do Amoreiras

MÚSICA

• LOUCURAS: Nicolau Breyner, acompanhado pela Orquestra da Felicidade do Brilho e da Glória, volta esta noite ao Loucuras para cantar, entre outras, as composições Café da Manhã, Tango, Miúda, Já se fez tarde, Nunca Mais e Ternura dos 40.

Farmácias

Lisboa — PERMANENTE — AREEIRO - APEADEIROS Chinde, R. Agostinho Lourenço, 6-B (T. 890331); **CAMPO DE OURIQUE: Castro Fonseca**, R. 4 de Infantaria, 28-A (T. 688857); **CAMPO PEQUENO - AVENIDA DE ROMA: Galeno**, Av. Óscar Monteiro Torres, 38-A (T. 774920); **CARNIDE: Guimarães Morais**, R. Neves Costa, 33-35; **ENCOSTA DO RESTELO - MOINHOS: Tanara**, R. Rodrigo Reinel, 3-A (T. 611814); **IGREJA DE ARROIOS - CHILE: Oriental de Lisboa**, R. Alves Torgo, 2-B (T. 545079); **LUMIAR: Patuleia**, Al. das Linhas de Torres. 262-B (T. 790332); **PAMPULHA - JANELAS VERDES: Nazário Pinto**, R. Presidente Arriaga, 39 (T. 667460); **SÃO SEBASTIÃO: Sá da Bandeira**, R. Marquês de Sá da Bandeira, 36-42 (T. 554672); **SAPADORES: Branquinho**, R. dos Sapadores, 87-89 (T. 842725); **SÉ: Santa Luzia**, R. da Saudade, 2-B (T. 869831); **TIVOLI - RESTAURADORES: Galénica**, R. das Pretas, 12-14 (T. 322588); **CANAXIDE: H. Amaral**, Pt. António Boto, 11-A (T. 4104556); **ODIVELAS: Gonçalves**, R. Dr. Egas Moniz, 30-B (T. 9815662); **PONTINHA: Pimentel**, Az. dos Bezouros, lote R-8 (T. 991328).

REFORÇO — ALTO DO PINA: Eusil, R. Barão de Sabrosa, 104 (T. 841912); **ALTO DE SANTO AMARO - RIO SECO: Dilena**, R. Aliança Operária, 39-A-B (T. 636620); **ALVALADE: Roma**, Av. de Roma, 85-B (T. 772466); **BAIRRO ALTO: Labor**, R. Diário de Notícias, 73-83 9t. 323428); **BENFICA - IGREJA - CEMITÉRIO: Lisboa**, R. Cláudio Nunes, 73-A (T. 703393); **CAMPOLIDE: Imparcial**, R. General Taborda, 28-30 (T. 680931); **CHELAS: Banha**, E. de Chelas, 173-175 (T. 382241); **ESTEFÂNIA: Universal**, R. Actor Taborda, 5-7 (T. 544158); **MARQUÊS DE POMBAL: Ribeiro & Castro**, R. Braamcamp, 52-C (T. 543409); **MARTIM MONIZ: Tavares**, R. da Palma, 194 (T. 863350); **OLIVAIS SUL: Higiene**, R. Cidade de Vila Cabral, lote 43 (T. 310026); **BURACA - AMADORA: Vaz Martins**, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); **COLINA DO SOL - BRANDOA - AMADORA: Vidal Reis**, Urbanização Alfornelos, célula G, lote 35 (T. 996540); **OLIVAL BASTO: Nova**, R. dos Açores, 11-A (T. 9810305); **PRIOR VELHO: Matos**, T. das Prioras (T. 2519939).

Outra Banda — ALMADA: Reis, R. Comandante António Feio, 19 (T. 2750504). Permanente; **COVA DA PIEDADE: Rainha Santa**, R. Sociedade Fua Piedense, 50-A (T. 2294182). Permanente; **MONTE DE CAPARICA: Nova**, R. dos Trabalhadores Rurais, 82 (T. 2954436). Até às 19 horas; **COSTA DE CAPARICA: Chai**, Av. General Humberto Delgado (T. 2403218). Até às 19 horas; **LARANJEIRO: Moderna**, R. Dr. António Elvas, 8-A (T. 2290305). Até às 22 horas; **SESIMBRA: Leão**, Av. da Liberdade, 13 (T. 2233471). Até às 19 horas; **LAVRADIO: J. Consolado**, Av. Joaquim J. Fernandes, 17-C (T. 2043126). Até às 19 horas; **BARREIRO: Ferreira e Pilar**, Av. da República, 1 (T. 2073023). Permanente; **BAIXA DA BANHEIRA: Cardoso**, Av. da Liberdade, 59 (T. 2041044). Até às 19 horas; **CORROIOS: Lino**, Alfarim, Sesimbra (T. 2232841); **AMORA: Nobre Guerreiro**, R. Dr. Emídio G. Mendes, 314 (T. 2212923). Até às 22 horas; **SEIXAL: Godinho**, L. da Igreja, 51 (T. 2213580). Até às 22 horas; **MONTIJO: Higiene**, R. José Joaquim Marques, 142 (T. 2310370). Até às 22 horas; **MOITA: Silva Rocha**, P. da República, 16 (T. 2390029). Até às 19 horas; **ALHOS VEDROS: Gusmão**, R. Cândido dos Reis, 30 (T. 2040020). Até às 19 horas; **ALCOCHETE: Gameiro**, L. António dos Santos Jorge, 15 (T. 2430100). Até às 19 horas; **SETÚBAL: Mira**, P. Jorge Afonso (T. 20427). Permanente; **Oliveira**, R. da Misericórdia, 10 (T. 22488). Permanente; **Portugal**, R. Camilo Castelo Branco, 134 (T. 23211). Até às 22 horas.

Linha de Cascais — ALGÉS: Combatentes, Av. dos Combatentes da Grande Guerra, 166 (T. 2104953). Permanente; **LINDA-A-VELHA: Moderna**, R. D. Diogo Couto, lote 182 (T. 4191697). Até às 19 horas; **TIRES: Guimarães**, L. Duartes, lote A, r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; **ALCABIDECHE: Carvalho**, B. Padre P. Correia, 4 (T. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO: Ferreira Bastos**, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; **MAVEIRA DA SERRA: Luz**, E. Nacional (T. 2850635). Até às 22 horas; **OEIRAS: Mourão Vaz**, Av. de Moçambique, 18-C (T. 2437196). Permanente; **NOVA OEIRAS: Leal**, Quinta da Palmeira, lote 24 (T. 2478737). Até às 22 horas; **CARCAVELOS: Central**, R. 5 de Outubro, 25 (T. 2470037). Permanente; **SÃO DOMINGOS DE RANA: Godinho da Silveira**, R. Afonso de Albuquerque, lote B, loja 2 (T. 2470361). Até às 22 horas; **PAREDE: Grincho**, Av. da República, 87-A (T. 2471204). Permanente; **SASSOEIROS: Amaral Semblano**, Quinta das Encostas (T. 2461312). Até às 22 horas; **BIRRE: Imani**, lote 7-B, Hera (T. 2852121); **MADORNA: Madeira**, R. A (T. 2476326). Até às 22 horas; **AMOREIRA: Abrantes**, Vivenda Maria Carlos Anjos (T. 2682313). Até às 22 horas; **ESTORIL: Parque**, Arcadas do Parque, 3 (T. 260191). Até às 22 horas; **CASCAIS: Misericórdia**, R. Regimento 19, 41 (T. 280141). Permanente.

Linha de Sintra — AMADORA: Central, Av. Cardoso Lopes, 25-A (T. 4932210). Permanente; **Melo**, P. D. João I, 9-B (T. 4932210). Até às 22 horas; **DAMAIA: Damaia**, P. Alexandre de Gusmão, 9-A (T. 970523). Permanente; **QUELUZ: Vasconcelos**, E. Particular Henrique Pousão (T. 4372649). Permanente; **CAMARATE: Batalha**, R. Avelino S. Oliveira, 5 (T. 2571069). Até às 19 horas; **CACÉM: Rico**, L. Adriano S. Gil, Agualva (T. 4312833). Permanente; **ALGUEIRÃO: Vítor Manuel**, E. de Algueirão, 123 (T. 9217814). Permanente; **MERCÊS: Claro Russo**, R. Abade de Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; **RINCHOA: Cargaleiro Lourenço**, C. da Rinchoa, 38 (T. 9262006). Até às 22 horas; **SINTRA: Teresa Garcia**, L. D. Afonso, 3-A (T. 9232747). Permanente; **COLARES: Abreja** (T. 9290088); **SÃO PEDRO DE SINTRA: Valentim** (T. 9230456). Permanente.

Outras Farmácias — MOSCAVIDE: Pedro Gomes, B. 25 de Abril, 22-A (T. 2519670). Permanente; **SACAVÉM: Cortes**, v. Maria Luísa Braamcamp, 2-A (T. 2519420). Até às 22 horas; **LOURES: Sálvia**, Av. da República, 29 (T. 9831240). Até às 22 horas; **AVEIRO: Neto**, P. Agostinho C. Passos, 13 (T. 23286). Permanente.

TEATROS

Comuna — Sala 2

P. de Espanha — Tel. 726 08 18
Café-Teatro
Às sextas e sábados, às 23.00

«**FARSA VOCÊ MESMO**«. Encenação de João Mota. Interpretação de ALMENO Gonçalves, Amélia Videira, Alfredo Brissos, Carlos Paulo, Manuel Couco e Paulo Ferreira.

Teatro Ibérico

R. de Xabregas, 54 — Tel. 38 25 31
De 3.ª a sábado, às 18.30; domingos, às 17.00

«**QUEM TEM FARELOS**« e «**O PRANTO DE MARIA PARDA**«, de Gil Vicente. Pelo Teatro Ibérico. Criação colectiva com a coordenação cénica de Branco Xil.

Maria Matos

Av. Frei Miguel Contreiras — Tel. 89 70 17
De 3.ª a sábado, às 20.30 e 22.45; domingo e feriados, às 16.00

«**ESCRITA EM DIA**«. Nova versão de «Isto É Maria Vitória», original de Henrique Santana, Francisco Nicholson, Rogério Bracinha com a colaboração de Mário Zambujal.

Casa da Comédia

R. de São Francisco de Borja, 24 — Tel. 60 72 99
De 3.ª a sábado, às 21.45; domingos às 17.00

«**ELECTRA OU A QUEDA DAS MÁSCARAS**«, de Marguerite Yourcenar. Encenação de Filipe La Féria.

Teatro da Graça

T. de São Vicente, 11 — à Voz do Operário
De 3.ª a sábado, às 21.00; domingos, às 16.00

«**O PAÍS DO DRAGÃO**«, de Tennessee Williams. Pelo Teatro Hoje.

Laura Alves

R. da Palma, 251 — Tel. 86 47 56
3.ªs, 4.ªs e 5.ªs, às 21.30; 6.ªs, sábados e domingos, às 20.30 e 22.45; domingos e feriados, às 16.00

«**CÁ ESTÃO ELES**«. Texto de César de Oliveira e Varela Silva. Interpretado por Camilo de Oliveira, Luísa Barbosa e Maria Armanda, entre outros.

Porto — Teatro Campo Alegre

R. Campo Alegre, 627 — Tel. 38 21 31
De 3.ª a domingo, às 21.45; domingo, às 16.00

«**O MOTIM**«, de Miguel Franco; pelo Seiva Trupe. Encenação de Norberto Barroca. Intérpretes: António Reis, Estrela Novais, Alfredo Correia, Luís Cunha e Lourdes Rodrigues.

Porto — Teatro Sá da Bandeira

R. Sá da Bandeira, 108 — Tel. 2 25 50
Todos os dias, às 21.30; aos domingos, também às 16.00

«**TUDO NA BOA VAI ELA!**«, de Coelho Júnior e Lopes de Almeida. Encenação de Lopes de Almeida.

Teatro ABC

Parque Mayer — Tel. 36 67 45
De 3.ª a sábado, às 20.30 e 23.00; domingos e feriados, às 16.00

«**LISBOA, TEJO E TUDO**«, de César de Oliveira, Raul Solnado e Fialho Gouveia. Encenação de César de Oliveira.

Centro de Arte Moderna

R. Dr. Nicolau Bettencourt — Tel. 73 43 09
Terças e quartas, às 18.30; quintas, sextas e sábados, às 21.30; domingos, às 15.00

«**HAMLET**«, de William Shakespeare. Pelo Acarte. Tradução de Sophia de Mello Breyner Andersen. Encenação: Carlos Avilez. Cenários: José Rodrigues. Música: António Pinho Vargas.

Teatro da Academia Almadense

R. Capitão Leitão, 64 — Tel. 275 21 75
6.ª e sábado, às 21.30; domingo, às 16.00

«**O FIM DA ENFERMEIRA JOÃO**«, de Frank Marcus. Pela Companhiaa de Teatro de Almada. Encenação de Artur Ramos.

Variedades

Parque Mayer — Tel. 32 60 37
Todas as noites, às 21.30; domingos e feriados, às 16.00

«**AQUI HÁ FANTASMAS**«, original em português de Henrique Santana. Encenação de Henrique Santana. Intérpretes: Henrique Santana, Rita Ribeiro, Henrique Santos, Carlos Quintas, Armando Cortez, Maria Helena Matos, Luís Alberto e António Feio.

Sociedade Guilherme Cossoul

Av. D. Carlos I, 61-1.º — Tel. 66 59 06
Sábados e domingos, às 16.00

«**MORTE NO BAIRRO**«, de Alfonso Sastre. Encenação de Hermínio Fernandes. Cenários e figurinos de Henrique Haytte. Grupo de Teatro da Sociedade Guilherme Cossoul.

Teatro Maizum

R. Santiago, 19, Alfama — Tel. 86 55 03
Na sala do IFICT
2.ª, 3.ª e 4.ª, às 19.00; 5.ª, 6.ª e sábado, às 21.30.

«**UM JIPE EM SEGUNDA MÃO**«, de Fernando DaCosta. Encenação de Adolfo Gutkin. Cenografia de José M. Castanheira.

Porto — Tearto

R. do Heroísmo, 86 — Tel. 57 32 65
5.ª e 6.ª, às 21.30; sábado e domingo, às 16.00 e 21.30

«**MÉROPE — LIBERDADE OU MORTE**«. Pelo TEAR. Encenação de Castro Guedes.

Teatro «A Barraca»

R. Alexandre Herculano, 70 — Tel. 68 63 00
De 3.ª a sábado, às 21.45; sábados e domingos, às 16.00 e 21.45

«**O DIABINHO DA MÃO FURADA**«, de António José da Silva, «O Judeu». Encenação de Hélder Costa. Interpretação de João Maria Pinto, Maria do Céu Guerra e Paula de Sousa, entre outros.

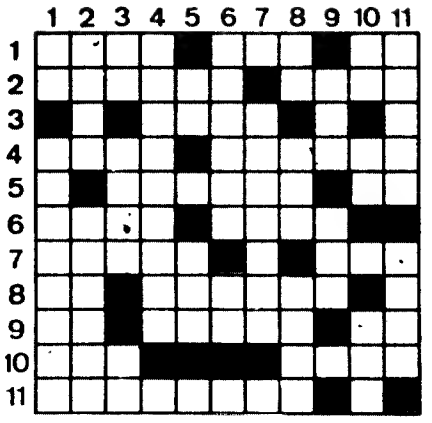
Casa do Pessoal do Porto de Santos

R. da Cintura do Porto de Lisboa
Tel. 676191, de 3.ª a sáb. às 21.30.
Dom. às 17. Preço: 350$00.

O FÍSICO PRODIGIOSO, adaptação da novela de Jorge de Sena, pelo Teatro Triângulo. Enc. de André Nuno. Inst. de Leonor Alcácer, Isabel Balbi, Jorge Alonso, entre outros. (Estreado em 30 de Abril de 1987)

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 15 854



HORIZONTAIS:

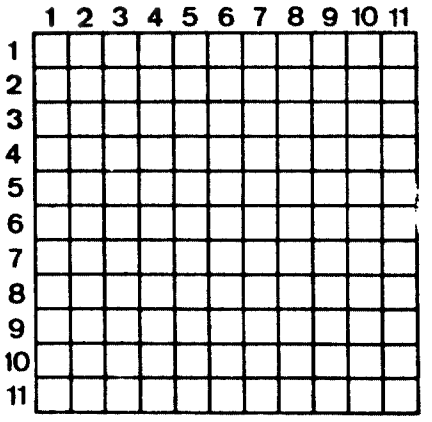
1 Bens. Cidade da Turquia, no delta do rio Mariza. Preposição.
2 Cidade do Níger. Acreditar. 3 Vela de moinho.
4 Espadim. Bradara.
5 Poeta português autor de «A Ceia dos Cardeais». Caminhar.
6 Província do Equador, no centro da região andina. Verbal.
7 Cara. Avante!
8 Espera deferimento. Preparara com ópio.
9 Seguia. Vassourara o forno depois de aquecido. Deus dos pastores.
10 Víscera dupla. Transpiram.
11 Conjunto de ossos.

VERTICAIS:

1 Cálcio (s.q). O que trabalha em ferro.
2 Cidade da Índia. Cobris de iodo.
3 Apelido. Passados. Manuscrito.
4 Gigante que simboliza o cabo das Tormentas, segundo Camões.
5 Pertences. Capa sem mangas.
6 Haste de ferro em que se enfiam carnes ou peixes para assar. Isto é.
7 Acarretar.
8 Ondas curtas. Sufixo que designa abundância. Nivela.
9 Artéria. Nome de planeta.
10 Preposição. Zomba. Cidade de França.
11 Pecar. Estimam.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 17 025



HORIZONTAIS:

1 Supremo. Pêlos de certos animais. Batráquio.
2 Agora. Versejarem.
3 Aqui. Cálcio (s.q). Terra lavrada.
4 Nome de mulher. Cure. Érbio (s.q).
5 Cidade de Itália. Ruim. Miriare.
6 Agora. Mil e cem em romano.
7 Planta gramínea de cujo grão se obtém uma farinha para o fabrico de pão. Vela de moinho.
8 Rénio (s.q). Autores. Acreditar.
9 Lavras. Matemática. Prefixo de negação.
10 Oceano. Consertou.
11 Preposição e artigo. Emparelhara.

VERTICAIS:

1 Esmurrara. Ramada.
2 Nome de planeta. Possuirá.
3 Miriare. Grande afeição. Altar cristão.
4 Cantigas.
5 Chefe etíope. Nome de letra.
6 Vi. Antes do meio-dia. Mecânica.
7 Desejaram. Aparência (fig).
8 Cure. Missivas.
9 Batráquio. Pronome reflexo. Rádio (s.q).
10 Governo (fig). Dignitário de ordeem militar.
11 Desejar. Bário (s.q). Mula.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º **15 853**

HORIZONTAIS:

1 CASAMENTO. E.
2 Evadir. Aiar.
3 Uivos. Clara.
4 Sertã. Ir.
5 Salmoira. Aí.
6 Er. Au. Aso.
7 Inçar. AC.
8 Ma. El. Antes.
9 Imo. Tanta.
10 MORTALHA. No.
11 Ossários.

VERTICAIS:

1 CÉU. SE. MIMO.
º Avisaríamo.
3 Sável. Ors.
4 Adormece. Ta!
5 Misto. Altar.
6 Er. Aiar. Ali.
7 Ru. Anho.
8 TALHA. Antas.
9 Oiã. Acta.
10 Árias. Na.
11 Erário. Soo.

PROVÉRBIO: Casamento e mortalha, no Céu se talha.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º **17 024**

HORIZONTAIS:

1 Renas. Amiga.
2 Elias. Romãs.
3 Or. Crio.
4 Ossa. Res. Ta!
5 Só. In. Ais.
6 Tem. Cadelas.
7 Areal. Asi.
8 Rasca. Ror.
9 Asai. Pirata.
10 DD. Saa. Ar.
11 Caos. Síria.

VERTICAIS:

1 Recostaram.
2 El. Soeras.
3 Nios. Mesada.
4 Aarão. Ácido.
5 SS. Clã.
6 Cria. Ps.
7 Arrendarias.
8 Móis. Orai.
9 Imo. Alara.
10 Ga. Tias. Tai.
11 Assassinara.

Rádio

Antena Um

16.00: Pequeno jornal e rock-lândia; **18.00**: Regressos; **19.00**: Informação e música; **20.00**: No estúdio e no estádio; **20.15**: Música portuguesa; **20.30**: A viver também se aprende; **21.00**: Musical; **21.30**: Imaginário. Noticiários de hora a hora.

Programa 2

15,45: Efeméride musical; **16,10**: Música, de Grieg; **16.30**: Álbum musical; **17.40**: Trechos de ópera; **18.40**: Marchas sinfónicas; **19.00**: Integrais; **19.34**: Dois madrigais, de Alessandro Scarlatti; **19.45**: Música, para piano, de Scriabine; **20.05**: Música, de Stravinsky; **20.40**: Música, para violino; **21.00**: Histórias de música... e outras; **21.30**: Quinteto, K. 174, de Mozart; **22.00**: Música vocal comentada; **23.30**: Concerto sinfónico; **00.50**: Último andamento; **01.00**: Fecho. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL

Onda Média (283, 290 e 397m)

14.00: Programa da tarde; **17.00**: Feira mágica; **20.00**: Peça que a gente passa; **22.00**: Portugal e a CEE; **22.15**: Religiosos; **22.30**: Tempo e resultados; **23.00**: 24.ª hora; **01.00**: É de noite... já se vê; **03.00**: Guarda-nocturno. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: Casa da música; **16.00**: Som da frente; **17.00**: Rock em stock; **18.00**: Círculo em FM; **19.00**: Ao fim e ao cabo; **20.00**: Nova geração; **21.00**: O sabor da música; **22.00**: As mil e uma noites; **23.00**: Em órbita; **00.00**: Morrison Hotel; **02.00**: O rock pode esperar; **03.00**: Gada-nocturno. Noticiários de hora a hora.

RADIO RENASCENÇA

Canal 1-Rede Nacional de OM e FM

15.00: Terceira vaga; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Fim-de-tarde; **20.00**: Programa da LAR; **20.30**: Cidade nova; **21.00**: Luzes da ribalta; **23.00**: Bola branca; **23.30**: Suplemento especial; **23.55**: Meditando.

Voz de Lisboa

15.00: Rádio da cidade; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Sete colinas; **20.00**: Diálogo; **20.30**: Transmissão do terço; **21.00**: Música no espaço; **22.00**: Cantar português; **23.00**: Bola branca; **23.30**: As canções da meia-noite; **23.57**: Meditando.

Voz do Porto

15.00: Passeio alegre; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Informação e música; **20.00**: Porto de abrigo; **20.30**: Meia de música; **21.00**: Palácio de Cristal; **23.00**: Bola branca; **23.30**: Porto final.

Canal 2-Rede Nacional de FM Estéreo

09.00: Os cem mais; **20.00**: Serra de estrelas; **22.00**: Oceano Pacífico. Noticiários a todas as horas.

TELEVISÃO

RTP

18.02 - Sumário
18.07 - Brinca Brincando

«A Família do Lago», Mop and Smiff» e «O Vento nos Salgueiros»

18.50 - Par ou Impar
19.30 - Telejornal
20.00 - Boletim Meteorológico
20.10 - Palavras Cruzadas

83º Episódio: – Zé Manel vai na rua com Maria Laura e Marta e encontra Sofia e Carlota. O advogado fica muito embaraçado, mas a mulher nem sequer o vê. Maria Laura continua a insinuar-se a Zé Manel, enquanto Marta se mostra bastante desinteressada. Francisco pede a Mina que case com ele. Julieta sugere a Isabel que traga o bebé lá a casa, pois parece que Helena anda com saudades da criança. Rui continua a sair com Teresa. Carlota vai ao escritório do marido, dicutem um pouco e Zé Manel diz-lhe que pensa divorciar-se, o que deixa Carlota muito infeliz. Isabel conta a Margarida e João que lhe pareceu ver Simão a conversar com um homem gordo e de óculos. Todos se admiraram, pois pensavam que o empregado da firma Rebelos estava a viver em Paris.

21.05 – Vamos Ajudar Timor

Transmissão directa do Pavilhão do Dramático de Cascais do espectáculo a favor dos refugiados de Timor em que colaboram grandes nomes da canção e do espectáculo.

23.10 - 24 Horas
24.00 - Serenata

Queima das Fitas

RTP 2

15.00 - Agora, Escolha!
16.30 - Notícias
16.35 - Trinta Minutos Com...

«Guimarães dos Santos»: – Cientista e investigador. Director do Instituto de Oncologia do Porto.

17.05 - Countdown
19.00 - Simon Show
20.05 - Hitchcock Apresenta

9º Episódio: - Depois de se ter evadido de uma prisão, Jack Worth procura abrigo numa casa com características vincadamente angelicais.

Julia Randall tem a televisão ligada mas sem som. Nesse momento, um jornalista comenta uma espectacular fuga verificada numa penitenciária da região. De arma em punho, Worth obriga-a a colaborar com ele durante algumas horas, pois só ao anoitecer dará seguimento ao seu arriscado plano.

Mais tarde, e por força das circunstâncias, nascerá uma estranha ligação entre ambos que irá ter um papel decisivo no final da história...

Realizador: – Christopher Crowe

«Palavras Cruzadas» no 1º canal às 20.10

20.30 - Uma Família às Direitas

120º Episódio: – Archie está de cama, atacada com dores nas costas, mas Mike acha que o mal dele são nervos. No entanto o médico não é da mesma opinião.

21.00 - Jornal das Nove
21.30 - Montra de Livros
21.35 - O Tempo e o Vento
22.15 - Africa

5º Episódio: – A destruição da população e da estrutura social da vida africana, nas lutas entre as tribos e as aldeias foram algumas das consequências (analizadas neste espisódio) do comércio de escravos em África. Seguiram-se novas formas de penetração europeia.

Uma série de Basil Davidson

O 5º episódio da série «África», no 2º canal

AMANHÃ

RTP-1

10.02 - Às Dez
12.15 - Cambalacho
13.00 - Jornal da Tarde
13.35 - Ciclo Preparatório
18.02 - Sumário
18.07 - Brinca Brincando
18.50 - Par ou Impar
19.30 - Telejornal
20.00 - Boletim Meteorológico
20.10 - Palavras Cruzadas
20.50 - A Arte de Bem Cozinhar
21.05 - Noites de Gala
22.35 - O Programa das Festas
23.05 - 24 Horas
23.35 - Remate
23.45 - Pela Noite Dentro

RTP-2

14.17 - Novo Amor
15.00 - Agora, Escolha!
16.30 - Notícias
16.35 - Trinta Minutos Com...
17.05 - Countdown
18.00 - Estádio
19.00 - Nino Show
20.00 - Hitchcock Apresenta
20.30 - Uma Familia às Direitas
21.00 - Jornal das Nove
21.30 - Clube dos Jornalistas
21.55 - Montra de Livros
22.00 - Troféu
22.30 - Goya

Cabeleireiro Eva

— É um cabeleireiro para as senhoras que não dispõem de tempo e não querem gastar muito dinheiro.

MANICURE – PEDICURE – DEPILAÇÕES – SAUNA

Pr. Marquês de Pombal, 1 — Lisboa

GRUNDIG seleccionou para si...

RTP1 Vamos Ajudar Timor

RTP2 África

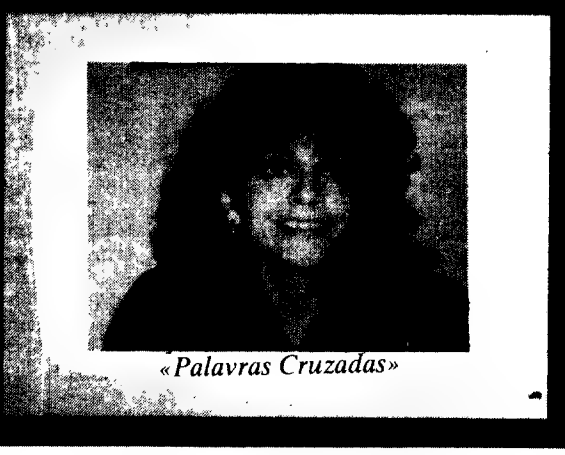
GRUNDIG PORTUGUESA

comércio de artigos electrónicos, Lda.

Rua Bento Jesus Caraça, 17

Cx. Postal 1495 LISBOA

Telef. 41975 70



«Palavras Cruzadas»

PORTE PAGO

DL

Propriedade, Composição e Impressão: RENASCENÇA GRAFICA, SARL
Administração Redacção Publicidade e Serviços Técnicos RUA LUZ SORIANO, 44 — 1200 LISBOA
TELEFONES 32 11 54 5 32 02 71 2 3 Publicidade 36 87 40
Serviço da noite (depois das 21) Porteiro 32 11 54 Redacção 32 02 71 2 3
Endereço Telegrafico DIBOA — Telex 12 363 LISBOA PORTUGAL
Distribuição INTERPRESS Rua do Norte 115 1 — 1200 LISBOA
TELEFONES 32 21 00 32 22 04 32 07 84
Preço do «DL» na Madeira 40$00
DEPÓSITO LEGAL: 1426/82

Fundador Joaquim Manso Director A. Ruella Ramos Director adjunto Fernando Piteira Santos

ÚLTIMA HORA

As autoridades sanitárias de Washington sugeriram a distribuição de preservativos nas diversas penitenciárias da cidade como forma de evitar a propagação da SIDA. Dirigentes da clínica Whitman-Walker disseram que os centros correcionais de Washington deviam aceitar a realidade sobre a homosexualidade nas prisões e facilitar os profilácticos em determinadas circunstâncias.

Afirmou Fernando Duarte em Coimbra

Presos de esquerda agravaram ambiente geral das prisões

A presença de presos «conotados com a extrema esquerda agravou a tensão dentro das prisões», contribuindo ainda no mesmo sentido no que se refere aos «problemas psicológicos criados pela superlotação das instalações», segundo afirmou o director dos Serviços Prisionais. Fernando Duarte intervinha num debate sobre o sistema prisional promovido por um grupo de estudantes da Faculdade de Direito de Coimbra.

O director dos Serviços Prisionais acrescentou que quando tomou posse encontrou o corpo prisional «receoso e psicologicamente exausto» e sublinhou que a Direcção-Geral não controlava os serviços externos nem estabelecimentos prisionais, apontando como exemplo a cadeia de Pinheiro da Cruz onde, no Verão de 1986 ocorreu a fuga sangrenta dos Cavacos.

Para Fernando Duarte, outro factor de tensão nas cadeias é a ausência de diálogo com as estruturas sindicais, considerando que as pretensões dos guardas prisionais «eram justas», sendo que actualmente a situação já não é explosiva.

A lei da Amnistia, disse, contribuiu para «aliviar as prisões» que em Maio de 1986 tinham um excesso de três mil presos quando a sua capacidade total era para 7200.

Por outro lado, no ponto de vista do responsável pelas prisões portuguesas, urge preencher as 565 vagas existentes no quadro do pessoal de vigilância e 512 de pessoal administrativo e superior, com particular realce para a área da saúde onde se «verificam carências gritantes».

Máximo de liberdade dentro da privação

O ministro da Justiça, Mário Raposo, que fez uma curta exposição sobre o sistema prisional disse que é necessária uma orientação no sentido de proporcionar aos reclusos «o máximo de liberdade num momento de privação de liberdade».

«É necessário levar às prisões o acento ético e personalista do direito penal» para «aplicar em toda a sua expressão medidas alternativas à prisão», segundo Mário Raposo.

No colóquio participou também o presidente do Instituto de Reinserção Social, Miranda Pereira, que se manifestou contra a prisão preventiva, considerando que «é um período de ansiedade vivido num contexto estigmatizante que só agrava os factores negativos e retira qualquer possibilidade de acção positiva».

«O Instituto de reinserção Social está numa fase de implantação e debate-se com algumas dificuldades por falta de pessoal técnico», acrescentou, sublinhando que «em várias cadeias portuguesas existe uma proporção de um técnico para 380 presos».

Coppola, Woody Allen e Scorcese vão fazer um filme em conjunto

Francis Ford Coppola, Woody Allen e Martin Scorcese tencionam rodar um filme juntos, dirigindo cada um deles uma das três partes da película, afirma hoje o jornal «Daily News».

O último filme de Francis Coppola - «Gardens of Stone» - ainda sobre a Guerra do Vietname, tem a estreia marcada para amanhã em Nova Iorque. O título é uma referência às lápides do cemitério militar de Arlington, em Washington, onde estão sepultados os que são considerados herois dos Estados Unidos.

Woody Allen, que filma actualmente nos Estúdios Kauffman de Nova Iorque, já fez, depois de «Ana e as suas Irmãs», «Radio News», estreado em Janeiro.

DECARAS

AMALIA RODRIGUES define-se numa entrevista publicada na última edição dominical do jornal «El Pais» como «marcada pelo destino», «ingénua» e «pessimista». «Nunca lutei por nada e, ao mesmo tempo, nunca fui escrava do que acontecia. Fui como uma sardinha que anda no mar e que nada», afirma a fadista, de 66 anos, numa entrevista concedida à jornalista espanhola Maruja Torres.

ARMANDO CASTRO foi objecto de uma homenagem científica no Instituto Superior de Psicologia Aplicada (ISPA). O catedrático da Faculdade de Economia do Porto, além da sua obra de investigação no domínio da História Económica de Portugal, é, igualmente, autor de valiosos trabalhos no domínio da epistemologia do conhecimento científico. Na homenagem intervieram os professores e investigadores Correia Jesuino, Mesquitela Lima, Carlos de Jesus, Albino Lopes, Frederico Pereira e Vítor Almada que apresentaram comunicações sobre resultados de investigação no domínio da Epistemologia das Ciências Humanas.

LINDA DE SUZA regressa, domingo, aos palcos, num espectáculo musical a realizar na Associação Portuguesa de Argentoise, nos arredores de Paris. Além da cantora, que regressa após a rodagem do filme «A Mala de Cartão», outro artista português, Nel Monteiro, foi convidado a participar no espectáculo. Nel Monteiro, um alentejano que deixou a agricultura para se dedicar à música e é um dos mais populares junto das comunidades portuguesas nos Estados Unidos e Canadá, foi recentemente homenageado no Palácio de Cristal no Porto, onde recebeu dois discos de ouro.

JULIO IGLESIAS escolheu o castelo medieval de Manzanares el Real, a 45 quilómetros de Madrid, para apresentar o seu último disco, «Un Hombre Solo» («Um Homem Só»). Trata-se do 59º álbum da carreira do cantor e o 17º em espanhol. O cantor definiu o seu novo trabalho, composto, orquestrado e produzido por Manuel Alejandro, como «autobiográfico», dizendo aos jornalistas que a maioria das respostas às perguntas que faziam podiam ser dadas pelas letras das canções. Júlio Iglesias disse ainda estar «vacinado contra a Sida» e defendeu a cantora Lola Flores, a braços com o fisco espanhol.

ANTONIO PINHO VARGAS tem já disponível no mercado discográfico nacional o seu último álbum, «As Folhas Novas Mudam de Cor». Este é o terceiro disco a solo do músico de jazz, onde dedica um tema a Tom Waits. António Pinho Vargas, de 33 anos, dedica-se ao jazz desde 1973, quando começou na «Anar Band». Participou em álbuns de Rão Kyao, Júlio Pereira, «Arte e Ofícios», «Jáfumega» e Rui Veloso. A partir de 1977 tem actuado em festivais de jazz no País (Cascais, Gulbenkian) e no estrangeiro (Jugoslávia, França e Espanha).

JUAN CARLOS, rei de Espanha, participa hoje, juntamente com milhares de espanhóis e com os 100 melhores fotógrafos do mundo, num projecto fotográfico ambicioso: um dia na vida de Espanha. Durante as 24 horas de hoje celebra-se uma autêntica maratona de fotografia. 25 dos mais prestigiados fotógrafos espanhóis unir-se-ão a 75 dos melhores fotógrafos internacionais — entre os quais vários prémios Pulitzer — e dividem-se pelo país para fotografam Espanha e os espanhóis.

Legislação bloqueia solução do caso

Câmara de Cantanhede sem tesoureiro

«O nosso tesoureiro concorreu e ganhou a uma vaga de chefe de repartição e o antigo lugar foi posto a concurso já por duas vezes, em Julho de 1986 e Fevereiro deste ano, e os concorrentes ou não apareceram ou não reuniam os requisitos necessários», declarou esta manhã ao «DL» o vereador Sérgio Repas da Câmara Municipal de Cantanhede.

De facto, o decreto lei 466/79 estabelece determinados requisitos que, no conjunto dos 60 funcionários administrativos de que o Município dispõe, não encontram correspondência. «A legislação actual bloqueia o esquema, pois tem que ser um funcionário de carreira que só ao fim de alguns anos pode ascender à categoria seguinte», prosseguiu Sérgio Repas, ironizando que com as actuais disposições legais «nem o ministro das Finanças poderia concorrer mesmo que estivesse interessado».

No caso concreto do tesoureiro, o decreto-lei estabelece que o cargo só pode ser atribuído a um funcionário de carreira, tesoureiro de uma Câmara de primeira classe, ou de um Município de segunda classe, desde que promovido, ou a um primeiro oficial com mais de três anos de serviço.

«Como não temos aqui primeiros oficiais que reunam essas condições, e é difícil atrair um funcionário de carreira de outro concelho, com todas as implicacões a nível familiar que isso acarreta, o tesoureiro que foi promovido a chefe de repartição continua a desempenhar as anteriores funções», continuou o vereador da Câmara de Cantanhede, sublinhando que «em todo o lado há jovens à procura de primeiro emprego, inclusivamente licenciados, mas não há protecção a uma pessoa que não é do quadro, pois apenas quem esteja nestas condições pode vir a ser qualquer coisa na carreira administrativa».

LER ESCREVER

SUPLEMENTO SEMANAL DO «DIÁRIO DE LISBOA». SAI ÀS QUINTAS-FEIRAS. NÃO PODE VENDER-SE SEPARADAMENTE DO RESTO DA EDIÇÃO. CORRESPONDÊNCIA: RUA LUZ SORIANO 44, 1200 LISBOA. TELEF. 32 02 71/32 02 72. TELEX 12363.

N.º 302

Clip

Sérgio Godinho sobre Zeca

Também Sérgio Godinho escreveu uma elegia para José Afonso: ela vem na «Phala», o boletim trimestral que a editora *Assírio & Alvim* passou a publicar. Eis o texto, que divulgamos com a devida vénia:

«Imaginem o sal não dissolvendo na água, a água do rio atravessando incólume o mar, o vento transformando a roupa no escuro, mudando-lhe as cores, aproveitando a ausência da luz plausível. Imaginem também a luz, e um músico recebendo a energia da luz, transformando-a em ritmos, e nos ritmos ir pondo as palavras que mais tarde tomamos por nossas.

«Sempre achei o Zeca um músico iluminado, daqueles que recebem, junto com o dom de viver, o dom de criar. Mais do que um músico iluminado, o Zeca era uma pessoa *iluminando-se:* tinha uma lucidez crua e devastante o que, dito por outras palavras, quer dizer que era um malandro. De dentro da sua cabeça saíam dois feixes de lucidez e malandrice: ria-se com os olhos, gostava do efeito que fazia, quando falava, quando cantava, quando se enganava no meio de uma canção, quando se insurgia contra as injustiças, tenazmente, impacientemente. Conhecia o efeito salutar dos seus excessos, ria-se com os olhos. Tinha uma maneira muito sua de acreditar não acreditando, de não deixar que a água do seu rio se corroesse no sal, uma vez chegado ao mar. No mar, criava luz própria para o seu barco, desejava sempre portos impossíveis, viajava, mentia descaradamente nas entrevistas dizendo que não gostava de música, sabia porque é que dizia coisas assim, ria-se com os olhos. Se o mar se punha calmo punha-se ele aos saltos, até que onda e tempestades o rodeassem para enfim se reconhecer e aspirar, já agora, a uma bonança futura. O homem não tinha emenda. Teve que vir o raio de uma doença tentar, perversamente, pô-lo em sossego, comendo-lhe o corpo e a energia. Da última vez que o vi, ainda se riu com os olhos, já pouco. O barco serenava.

«Mas não faz mal, José, sossega lá. Nem tu sabes o que nos deixaste.

«Deixa lá, sossega agora.»

Sérgio Godinho

Duras testemunha no caso Barbie?

Marguerite Duras e Régis Debray contam-se entre as testemunhas chamadas a depor no julgamento do torcionário nazi Klaus Barbie, que se inicia na próxima segunda-feira. De acordo com a lei francesa, os advogados de defesa e de acusação são livres de chamar como testemunhas quem entenderem, mas as pessoas chamadas podem não comparecer à chamada. É a defesa do torcionário que apela para a presença da escritora, de 73 anos, que em 1984 foi galardoada com o Goncourt pelo seu L'Amant.

Edmundo Pedro na Inquérito

«O Processo das Armas» é uma memória de Edmundo Pedro sobre o Verão Quente de 1975 e o processo que conduziu ao 25 de Novembro. O livro prefaciado por Mário Sottomayor Cardia, sai dentro de dias na Inquérito. Documentos e pormenores desconhecidos que Edmundo Pedro reanima tornam o livro num «caso» que vai, fatalmente, suscitar polémica.

Novo Aniceto

Esta tarde é lançado na Livraria *Barata*, à Avenida de Roma, o novo livro de ficção científica de João Aniceto, *O desafio*. A sessão é presidida pelo director da colecção «Caminho de Bolso», Belmiro Guimarães, onde o livro sai. A apresentação do autor é feita por Salvato Teles de Menezes.

Quando o vivido vem defender uma literatura «ilegal»

O amor louco de uma mulher por um homossexual que não lhe toca é uma vivência marginal? Não, diz Marguerite Duras. É o modelo mesmo do impossível de toda a paixão, conhecido por todos os homens e por todas as mulheres. Só conhecemos o normal através do que dele se afasta.

HÁ uma imaturidade central e assumida na obra de Marguerite Duras, que consiste na escolha obsessiva de um *corpus* intransigente, o da paixão. Os seus livros sucedem-se e tornam-se numa grande vingança da adolescência, numa vingança do *transe* contra todos os comportamentos que cederam, que se deixaram trair, que pactuaram. Esse cântico é deliberadamente impreciso, deliberadamente repetitivo, como se se tratasse de defender, para além dos limites do dizível, os únicos objectos que vale a pena ver defenidos — as personagens que se deixam devorar, se deixam sujeitar pela paixão.

A imaturidade, a imprecisão, a fatal derrapagem de personagens que não podem deixar de se marginalizar, e que falam dificilmente daquilo de que se tornaram possessos, atravessa todos os escritos de Duras. Como ela diz, a respeito de *Olhos Azuis Cabelo Preto:* trata-se de um amor que ainda procura o seu vocabulário, que sai dificilmente da esfera do indizível. Por isso, aqui como antes, em outros textos, o casal que é posto em cena chora e grita em vez de falar, e os seus gestos exprimem uma ligação impossível: despem-se sem se tocarem, aproximam-se para se perscrutarem e rejeitam-se fugindo para um canto do quarto. Mas Duras não os conta na exterioridade do narrador eventualmente empolgado diante de um amor impossível: ela instala-se deliberadamente no centro da relação impossível, para escrever sobre a impossibilidade.

Numa palavra: um homossexual aproxima-se de uma mulher que tem, em comum com um jovem estrangeiro que ele amava e que viu partir, olhos azuis e cabelo preto. Propõe-se pagar-lhe para que ela venha acompanhá-lo, à noite, num quarto de onde se ouve o mar. Ela aceita. Talvez ela seja a mulher com quem o jovem estrangeiro partiu. O círculo estabelece-se. De resto, apenas se falará do que se passa, no quarto do contrato, entre os dois, depois de o dinheiro ter tornado irrisoriamente plausível — como em análise— uma paixão em que o homem não vai poder infringir a sua rejeição das mulheres, e a mulher se vai deixar apoderar por um amor louco — o único de que Duras consegue falar.

Há, de facto, um travo batailliano nesta narrativa de um impedimento: o travo do *impossível*, que perseguiu e fascinou o autor de *L'Érotisme*. Mais: numa entrevista concedida a Gilles Costaz, do *Le Matin*, a propósito deste livro, Duras insiste em que aquilo sobre que escreveu diz respeito a toda a gente, a todos os homens, a todas as mulheres: «Creio que não há senão uma maneira de entrar na sexualidade geral, é a da delinquência homossexual». Ela instala-se no território de Genet vinda do território de Bataille — mas essa viagem é feita por uma mulher, eis toda a diferença.

O homem do quarto está irremediavelmente só, e a mulher, perante ele, não pode senão desrealizar o seu desejo dele. Por isso vai fazer-se possuir violentamente no exterior, por outro que a insulta e a brutaliza. Quando, à noite, volta para o quarto, para fazer viver aquilo que se iniciou por um contrato, o seu corpo contém todos os indícios dessa posse outra. O livro é isto, uma sede insaciada à beira da fonte, uma espécie de suplício de Tântalo que ambos habitam para nele se perderem. Porque, inevitavelmente, este amor, como todos, é uma história de perdição.

Depois há o estilo de Duras: cheio de silêncios e de brancos, carregado de tiques e de maneirismos que a tornam imediatamente reconhecível aos primeiros parágrafos. De quase nada, como na grande literatura, Duras constrói uma paisagem, e fá-lo percorrendo um itinerário reconhecível à primeira vista. Ela é uma escritora despótica, impondo a lei da sua obsessão e do seu sublime exactamente como impôs a sua superioridade, o seu próprio personagem de diva. Contígua aos seus personagens, falando por dentro deles, tudo nela é um exercício excessivo e desesperado: um chamamento tornado grito, um grito tornado choro, um choro exaurindo-se e deixando-se vencer pelo sono.

Primeiro livro que publica depois de *O Amante* (1984), *Olhos Azuis Cabelo Preto* tem sido claramente relacionado, pela própria Duras, com o seu vivido — o vivido entra na sua literatura como se viesse, redundantemente, legitimá-la.

Uma *plaquette* editada pela *Minuit*, *La Pute de la Cote Normande*, situa a acção nele encenada e liga-a a Yann Andréa, o homem com quem a autora viveu os últimos dez anos. O registo biográfico é enfatizado pela dedicatória e por um apelo à leitura que a edição francesa apresenta como *avant-texte* e que a *Difel* atirou para a contra capa.

Tudo isto amplia a dimensão assumidamente exibicionista da obsessão durassiana: «este livro é ilegal», diz ela, na mesma entrevista, cercando de novo o território de Genet, para logo acrescentar que toda a literatura o é, ou não é literatura. A *extrema inconveniência* de uma mulher que aceita perder-se por um homossexual que não lhe tocará transfigura-se em amor louco confirmado pelo vivido e generalizável a toda a paixão.

Outra vertente do mesmo movimento: todo o livro é como que oferecido ao teatro: Duras interrompe-o, como quem vem à tona para respirar, com uma série de notas para uma eventual (mas não desejada) encenação. Disse Kundera que os autores se reconhecem pela *respiração*, pela frequência com que vêm à linha de água. A prosódia do *libreto* executa, aqui, esse movimento de ligação com o exterior do texto, mas desdobra igualmente a cena quase única, de que é questão, numa dramatização suplementar.

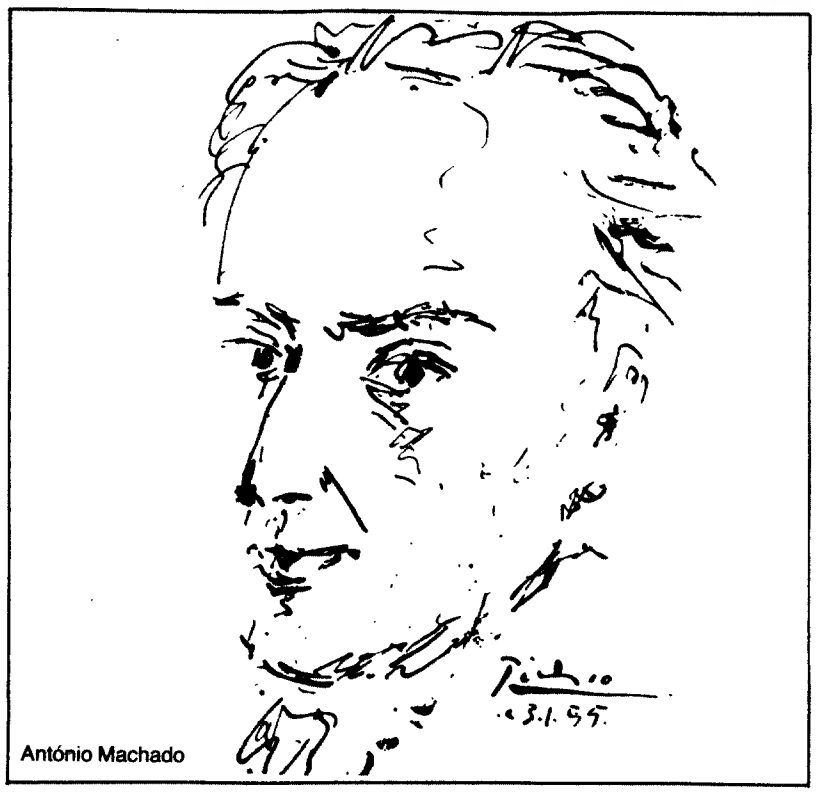
Duras expõe-se, novamente, sem nada preservar. Escrever continua a ser, para ela, um salto sem rede.

João Mendes

Olhos Azuis Cabelo Preto, Marguerite Duras, Difel, tradução de Tereza Coelho

A questão do caminho num poema de António Machado

Caminante, son tus huellas
el camino y nada más;
caminante no hay camino
se hace camino al andar.
Al andar se hace camino
y a volver la vista atrás
se ve la senda que nunca
se ha de volver a pisar.
Caminante no hay camino
sino estellas en el mar.


António Machado

1.

O poema em epígrafe é o XXIX dos **Proverbios y Cantares**, do lvro **Campos de Castilla**.

O livro é de 1912 e vai ser, em edições seguintes, largamente enriquecido com a inclusão de novos poemas. Não conhecemos estas edições dos **Campos**, mas somente o que vem numa edição das **Poesias Completas**, ao que parece nem sempre digna de crédito (1), e outra, mais recente, que parece inspirar-nos mais confiança, preparada e apresentada por Jose Luis Cano (2). Servimo-nos das indicações do apresentador. Diz ele, historiando os **Campos**, que a primeira edição, de 1912, incluía 29 pequenos poemas sob o título de **Proverbios y Cantares**. Na edição mais recente (esta de Cano) o pequeno poema em epígrafe é precisamente o número XXIX. Trata-se, pois, do último poema da secção logo na primeira edição do livro. O pormenor não terá importância.

Mais importância tem que tenha sido escrito antes de 1912 e depois de 1907, data da publicação do livro anterior de Machado, **Soledades, Galerias y Otros Poemas**, que era o segundo livro do poeta a seguir a **Soledades**, este de 1903, embora não muito mais do que ampliação e refundição deste. A importância disto tem a ver com, digamos assim, o teor da reflexão que neste poema se faz, — e que é, fundamentalmente, uma reflexão em torno do sentido da existência humana, ou da ausência, nela, de qualquer sentido, prévio, pelo menos. Vamos ver (3).

2.

A voz que aqui fala dirige-se a um interlocutor, presença virtual na cena do discurso.

É o/um caminhante. Que é o/um caminhante? À letra, aquele que caminha. Mas o âmbito sinonímico possível oferece variações como viandante, transeunte. Preferimos aquele que caminha. E caminhar? Diz-nos um dicionário, depositário dos lugare-comuns, mas também dos menos comuns: percorrer caminho, andar, jornadear, marchar, — acepção intransitiva, acepção transitiva, caminhar andando. Para que acepção tenderemos, neste caso? Para a segunda, por certo: percorrer andando, porque nela estão contidas duas ou três hipóteses, qualquer delas fiel ao que o **caminho** do poema possa reclamar ou sugerir, principalmente relacionado com este outro verbo que é andar, e que no poema se propõe, quanto a caminho, numa relação não tanto de paralelismo como de acção-efeito. No poema não se fala de caminhar, mas de **andar**, que é **fazer caminho**.

Mas a noção de caminhar está, virtual, potencial, intensa e emergente, na noção de **caminhante**. O mais importante é o caminhante, ou seja, as suas **huellas**. Uma importância quase absoluta: as **huellas** é que são o caminho, e não há outro além desse.

Mas é importante assinalar isto, pelo que vimos atrás acerca de quando data este poema de Machado, primeira década de princípios da segunda década deste século.

Uns quarenta, cinquenta anos depois, a vulgarização existencialista extenua-se a dizer isto, pouco mais ou pouco menos.

Compreenderemos assim facilmente o prestígio da poesia de Machado junto de gerações que vieram depois, designadamente a do pós-guerra civil, mas também e antes dessa, a de 27, que o descobriu e fez suceder a Jimenez como referência, quando começaram a surgir problemas demasiado sérios para poderem ser tratados em termos dum estrito esteticismo.

3.

Como traduzir **huellas** para português? Recorreríamos a um dicionário: pegada, vestígio que de pé do homem ou do animal deixa no solo por onde passou; calcadura, pisada, pisadura, acção ou efeito de calcar, de pisar aos pés; degrau de escada, pista, vestígio, sinal, relevo que deixa uma chapa tipográfica (ou de fotografia) num papel ou noutra coisa sobre que se estampa.

Não é um âmbito sinonímico muito vasto, e nem é preciso reflectir muito sobre o poema para escolher a correspondência em português aparentemente a mais apropriada: **pegada**. Dificultaria um tanto uma versão portuguesa do poema, por alongamento sonoro do verso, mas serve para o que nos propomos aqui.

«**São as tuas pegadas/o caminho, e nada mais**», diz a voz do caminhante.

É uma definição, sumária e irredutível, com a particularidade de a ordem da enunciação priorizar a definição ao definido. O que tem algum paralelismo com a relação existência-essência na filosofia existencial. Tal como para esta, liminar e precariamente, embora, a existência precede a essência, ou seja, não há essência, também aqui as pegadas precedem a ideia de caminho, como dado essencial que não há. Ou há, mas no real, no concreto produzido pelo andar, pelo percorrer andando, pelo caminhar, pelo fazer caminho

As tuas pegadas substituem o caminho, preenchem o vazio inicial que à evidência de não haver caminho se produz.

De algum modo só há caminhante, potencialidade única de caminho, de haver caminho.

É, pois, a noção — ou mesmo a concepção — da existência humana como **passagem** no mundo, pelo mundo, travessia, processo temporal. Anterior à existência — individual, pessoal, singular, naturalmente, — é de o/um caminhante que se trata, é ao/a um caminhante que a voz se dirige, — não há nada que possa propor-se (ou ser aceite, pelo menos) como caminho a percorrer. A existência é um avanço às cegas, — sem-referência à frente, sem orientação frontal.

Estamos próximo de otros ideários, de Heiddeger, ou de Rilke, por exemplo, mais dum Rilke onde o ser passa através do tepo (não é o tempo que passa através do ser, ou junto dele, fora dele, noção comum), e menos dum Heiddeger, pelo menos aquele mais vulgarizado segundo o qual somos seres para a morte (caminhando para a morte). Não é bem isto o que na fala desta voz se diz.

4.

A ideia central ou final parece ser esta: **não há caminho**. Mas logo a afirmação inicial como que relega para segundo plano tal ideia, priorizando outra, — a de que há um e somente um caminho, e que se faz, o das pegadas do caminhante. Os seis versos seguintes reforçam esta ideia, assumindo-a em duas afirmações verbais formalmente inversas uma da outra (faz-se caminho a andar/a andar faz-se caminho) e introduzindo um sentido preciso neste caminho que se faz, e, por extensão ou implicação, no fazer (no modo, no processo de fazer) esse caminho (sentido da irreversibilidade do caminhar), perceptível ao olhar e à observação do olhar sobre o caminho — e que, é, no mínimo, garantia de que, em qualquer instante assim, de pausa e observação do caminho feito, se poderá fazer mais caminho, acreditar na possibilidade de continuar a fazer caminho.

Os últimos dois versos libertam o poema duma como que propensão tautológica para introduzirem uma metáfora dupla e muito forte, a das **estrelas do mar**.

5.

Mas devemos deter-nos nas variações seguintes sobre o tema do caminho e do caminhar (fazer caminho). Aqui o caminho e o andar, duplamente metonimizados nas pegadas, regressam ao lugar estratégico, metafórico, de que inicialmente apareciam deslocados, e uma táctica inversão da relação caminhar-/andar, andar/caminhar, precede e — manobras verbais, em função mais do ritmo da enunciação submetido ao processo versificatório — prepara o lançamento da metáfora metonímica da **senda**.

Que é esta **senda**? Diz-nos ainda um dicionário (espanhol-português) que pode traduzir-se por, além de senda, caminho estreito, vereda, e, em sentido figurado, caminho ou meio para fazer alguma coisa. Preferiríamos esta segunda acepção, por razões que o fazer (do poema e desta sinonímia) parecer sugerir.

Trata-se de fazer caminho. Senda é o caminho feito, e não propriamente o caminho percorrido, porque isso sugeriria a hipótese de um caminho percorrível para alem dos limites do caminho feito até agora. De algum modo há apenas andar, caminhar andando. Não é possível refazer o percurso feito, voltar atrás. O máximo de possibilidades, quanto a isso, é apenas olhar e ver, — caminho feito, o rasto impresso, a senda (aberta até então, fechada a seguir, será preciso abri-la). E será tudo excepto despiciendo isso de olhar e ver: o percurso realizado há-de ter uma direcção. E sentido? Qualquer direcção tem dois sentidos possíveis. Ora, um desses sentidos, — diz aqui o poema que não é praticável: é o sentido da reversão, do regresso, para recomeçar e refazer. Resta, pois, um sentido, e só esse a prosseguir a marcha, continuar a andar. É um sentido, o único possível de produzir, — ou de manter, se a sua instauração já está assegurada no movimento da vida, na andança ou errância existencial como projecto assumido com plena consciência de que não há perspectivas, horizontes, — para além daqueles que o voluntarismo possível for capaz de criar.

6.

Desde o início que aqui paira a ideia do absurdo. Há o caminhante, tem uma existência real tanto que a voz o objectiva como destinatário da sua fala, — e, no entanto, não há caminho dado que ele possa percorrer: tem de fazer ele próprio o seu caminho, assumindo aí o que, em termos bastante chãos, chamaríamos grande responsabilidade. O caminhante não pode — não é que não deva, não pode — demitir-se dessa responsabilidade. Não tem, aliás, nenhuma alternativa, — e fazer caminho é mais ou menos claro que tem aqui ressonâncias de severa condenação, a que o tom da voz (grave, entrevê-se, ou entreouve-se) reforça o sentido (único sentido, para o detectarmos temos de mexer nos domínios da significação).

A ideia recua um tanto perante a noção de que o caminho é qualquer coisa que se faz, que o caminhante tem de fazer, — e não avança mais para além dos limites que lhe impõe tal noção, desde logo ilustrada pela produtividade do andar (as pegadas) e depois envolvida por outra, de idêntico teor, segundo a qual se faz caminho ao andar, ao andar faz-se caminho.

Andar não é caminhar. Há aqui uma gradação. A ideia de caminho promove o andar e o ser que anda, — o andar a um plano de forte transitividade (objectiva: relativa a caminho), e o ser que anda (é promovido) à categoria, ao estatuto de caminhante.

O caminhante não é propriamente (ou não é apenas) o ser que anda: é também o ser que caminha. E caminhar está aqui investido daquela transitividade. O objectivo (irreal que fosse, e não é tanto assim) suporta esse investimento — que o ser tem de fazer, e tem de fazer nem necessariamente por assunção de alguma responsabilidade sugerida do exterior, mas por força como que das circunstâncias.

Ele poderia não se aperceber dessas circunstâncias, viver a ilusão de que haverá um dado caminho a percorrer (virtualidade a realizar). A voz adverte-o gravemente de que tal ilusão não tem fundamento nem objecto, e nem é forçoso que o incentive à acção superadora desse estado de crença: tal acção (andar, caminhar) é uma função natural do ser e pode-se nem falar mais de ser mas somente de homem (de homens) vivendo sobre a terra.

Redundante apontar para a recusa que aqui se faz da religião da fé, do catolicismo, por exemplo, e da ideologia: o máximo de identificação é com o individualismo, o liberalismo, — mas a pose não tem muito de romântico, é mais do que isso, trágica, e desprovida daquela aura de significação e sobretudo representatividade da figura romântica do caminhante como peregrino, como poeta (e em Machado, noutros poemas, estas figuras aparecem fundidas numa só). Não há representatividade especial, não há missão (outra aura) que daí decorra, não há iluminação mínima para tanto. Há apenas trevas e cegueira. A acção pode rasgar as trevas, produzir a visão. Será sempre, porém, uma visão incompleta, tendendo para hemisférica. O foco de luz vem de frente, está à frente, e ilumina para trás, não deixa ver em frente.

7.

Falou-se da terra, onde s processam a vida e a existência humanas. O poema não fala de terra, mas fala de mar, oposição ou alternativa, entre outras coisas. Nem é propriamente falar de mar mas de **estrelas no mar:** não há caminho só há estrelas no mar.

Não há caminho, faz-se caminho a andar. Há, pois, este caminho, esta noção de caminho possível, realizável, virtual, — e nada mais, ou nenhum outro. Tal caminho, a verbalização sugere onde se situa: andar, caminhar, no domínio do real possível, é na terra que se faz.

Além da terra haverá o fogo, o ar, a água, — dos rios ou do mar. Do fogo não se fala no poema, do ar também não, mas faz-se-lhe uma alusão metonímica através das estrelas, as quais o lugar-comum situaria no céu. Mas estamos longe do lugar-comum, e as estrelas estão não no céu, mas no mar. Pode ser que se situem no ar, no céu, — mas é o mar que as prende (ou atrai) e envolve.

A simbólica do mar é antiga e variada, mas não muito. Aqui pode-se assentar que é do domínio das águas que se trata, e parece evidente a relação de contiguidade que se estabelece com a terra. Relação, porém, também de oposição, de contraste. O que não há na terra, há no mar, — estrelas, referências orientadoras. Mas o que na terra é possível – caminhar, fazer caminho, andar — já nãoé possível no mar. A terra é domínio relativamente estável, seguro. O mar é instável, inseguro. Nele não se caminha, não se anda, não se faz caminho, a não ser simbolicamente (é a simbólica da navegação, mas disso não se trata aqui). E, no entanto, é aqui, neste domínio de instabilidade, insegurança, é aqui que há estrelas, luzes de referência, potencial orientação.

8.

Tratando-se de um dos poemas mais lapidares de Machado, tem sido, naturalmente, muito glosado por outros poetas e objecto de comentário, pelo menos. Em tempos, Marina Mayoral produziu uma excelente análise dos aspectos técnicos e conteudísticos do poema (4). Na medida do possível, afastámo-nos dessa análise.

Luís de Miranda Rocha

Notas

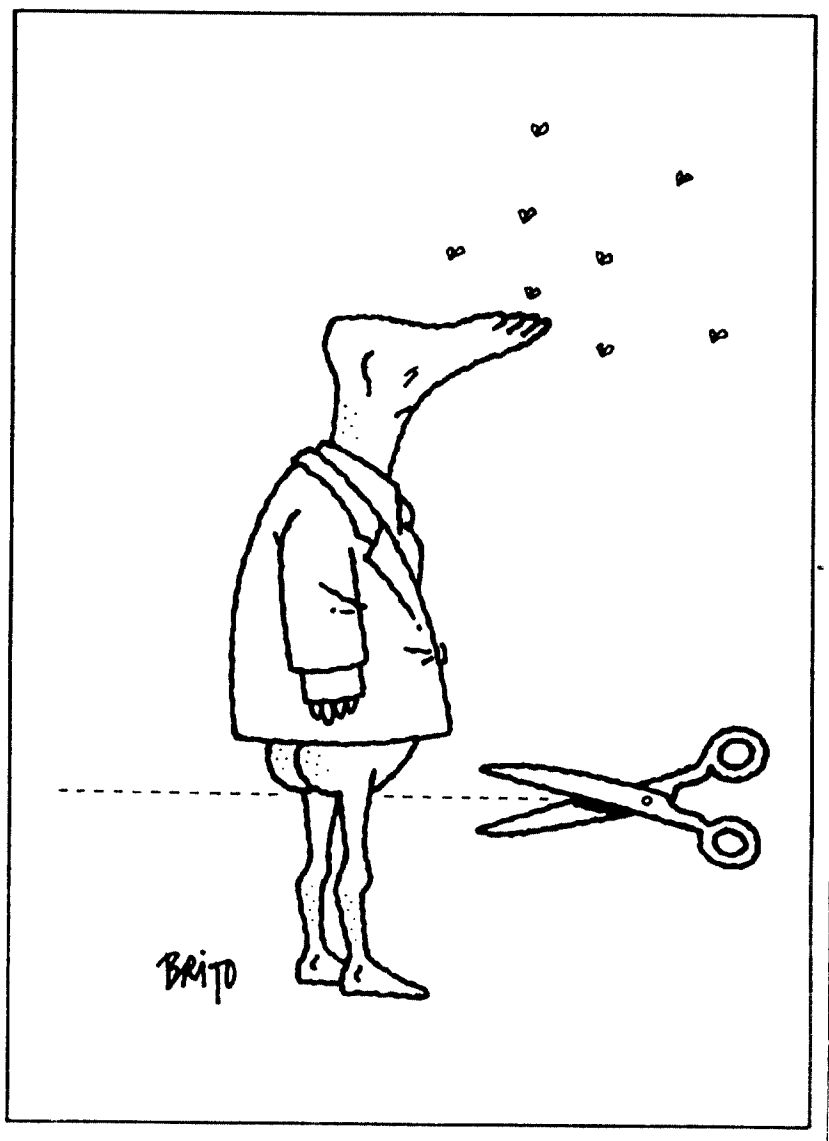
1) Coléccion Austral, Espasa-Calpe, Madrid; referimo-nos à 8.ª edição, de 1959.

2) Col. Letras Hispánicas, Ed. Cátedra, Madrid, 10.ª ed., 1986.

3) A ordem dos versos é diferente, da edição Espasa-Calpe para a edição preparada por Jose Luis Cano. Escolhemos a edição de Jose Luis Cano, desde logo porque a da Austral não tem nenhum nome a responsabilizar-se por ela.

4) Vd. Poesia Española Contempránea, Biblioteca Universitária, Gredos, Madrid, 1973, páginas 98 a 109.

De Fevereiro a Fevereiro



NO momento em que se assiste ao relançamento internacional de Fernando Pessoa e a um certo «boom» da moderna prosa de ficção portuguesa, a poesia contemporânea parece resignar-se ao papel de parente pobre. O que é estranho num «país de poetas».

A provar que há uma certa injustiça neste «esquecimento» a que o público e a crítica têm votado a poesia dos novos autores aqui está (entre outros testemunhos) este excelente livro de Gil (Nozes) de Carvalho.

É uma poesia que vive de tensões e de contrastes, entre luz e sombra, inércia e movimento, objectividade e subjectividade, opacidade e transparência, aquela que encontramos nas escassas 52 páginas do livro mais recente da colecção de poesia da Centelha.

A palavra poética é mágica, o poeta não tem necessidade de copiar a realidade porque pode produzi-la. A realidade aqui produzida é um universo interior e subjectivo (irreal se aceitarmos a contradição): uma interioridade construída com signos e marcas de objectividade e exterioridade.

O caminho vai sempre dar
Ao rio. Nada são
O pó da lua, a comoção
Do sol, se a negra poeira dos dias passados
Não ganhar a terra imóvel mas arável
Que o xisto torce. E como tu,
Enfileira para o rio
É uma perdiz ferida.

É uma poesia que nos fala do tempo, de um tempo igualmente interiorizado, mas nem por isso menos real; de um tempo simultaneamente estático e buliçoso como a imagem do movimento registada por uma câmara fotográfica. É uma poesia que se alimenta da memória, que retoma a ancestralidade, a tradição poética oriental e ocidental; que recupera a palavra demiúrgica e que evita enredar-se na teia metalinguística que corrói alguma da nossa poesia actual.

O tempo, esse, desce no estribo.
Ligeiro. Vem o sentimento, reúne
As patas na sombra. Faz tanto frio.
Porque há-de o peso vir, inteiro,
Da outra margem?
Os cascos, a galope,
Levam no ar por um momento
Juntos, o sol, rio, e o côncavo
Chão, distate
Na curva dos céus.

O uso da pontuação é também muito especial e subjectivo, contrariando propositadamente as normas gramaticais quando a musicalidade e o ritmo do verso o aconselham:

Que podemos fazer, o fumo
Entra nas casas é preciso
Uma porta que nos leve ao mar.

Uma imagística do espaço aberto

Na sequência do que atrás ficou dito era inevitável que o léxico eleito pelo poeta fosse prioritariamente reflexo de uma imagística do espaço aberto, do mundo natural: as aves (o mocho galego, o galo, o ganso, os pombos, o pica-pau, os estorninhos, a pega, o francelho, o mocho real, a narceja, o corvo marinho, o gaio, o rouxinol, o marantéu, etc.); as árvores e arbustos; os rios; as montanhas; a chuva; o frio; o céu; o mar.

Há igualmente uma larga gama de imagens auditivas («a roda cantarola», «o tinir das pulseiras», «o eco dos relinchos»...) que povoam este mundo de murmúrios, de ruídos, de melodias, constatando com os momentos de silêncio e dando ao conjunto a confiuração de um pequeno concerto barroco.

A musicalidade acentua-se com a recuperação cautelosa e sóbria da rima, as onomatopeias, a repetição ritmada dos «leitmotive» esenciais, verificando-se, felizmente, um distanciamento de clichés poéticos e das metáforas estafadas em que se afunda a parte mais de moda, mas menos moderna, da nossa poesia.

Um livro para ler de ouvidos abertos!

António Apolinário Lourenço

De Fevereiro a Fevereiro, Gil de Carvalho, Centelha, Poesia Nosso Tempo/41

Eu, Nuno Álvares, Teresa Bernardino, Europa-América

«À tardinha efectuou-se a habitual distribuição de esmolas pelos pobres que atolavam os acessos à igreja do Convento do Carmo. Recitei as orações de véspera e recolhi à cela onde escrevo estas recordações desencantadas dia-a-dia no recôndito mundo da memória. Deambular por passados tempos de guerra, se o rumo presente é a paz, por vontade de glória efémera, quando só a glória eterna seduz, por espíritos exaltados e frenéticos, na hora da serena contemplação, é patente paradoxo do meu destino, hoje escrito sob o impulso veemente do sonho enigmático que razões divinas ditaram» — lê-se em «Eu, Nuno Álvares» de Teresa Bernardino. Um romance autobiográfico é este onde a figura de Nuno Álvares Pereira aparece retratada com uma simplicidade comovente na sua constante perseguição de ideais bélicos e religiosos colhidos em edificantes leituras. Ditados pelo amor de Portugal e de Deus.

Assim, não posso deixar de o escutar quando, num modesto confronto guerreiro com os castelhanos, assiste à fraqueza humana. À desoladora vivência de uma práxis não prevista no seu estar intelectualizado. Alimentado de leituras e de belas reflexões sobre o correcto agir. Passo a citar: «Quando julgava ir assistir a uma imortal prova de heroísmo como costumava suceder nas histórias sobre a cavalaria e nas narrativas de linhagens da nossa gesta secular, depararam-se-me o imobilismo geral e o sussurro de frases que eu escutava sem entender o sentido. Com espanto, reparava que uns se afastavam para lugares recônditos, outros recuavam para valados defensivos ou abandonavam simplesmente as armas e em silêncio retiravam-se como se não tivessem escutado ou discordassem da minha calorosa exortação. (...) Que me restava senão enfrentar a morte num solitário avanço para a hoste numerosa e cruel?»

Questiona-se frei Nuno Álvares neste romance de Teresa Bernardino. Escreve as suas memórias porque numa visão onírica lho pediu o profeta Elias ao afirmar-lhe: «Nuno, não deixes que a tua vida seja motivo das curiosidades profanas de cronistas a quem só a guerra interessa. Dá aos vindouros uma ideia mais aproximada de ti próprio.» E este temente a Deus cumpre a vontade divina. Fá-lo de um modo lúcido e desocultador dos acontecimentos históricos que viveu. Revelando-nos figuras preponderantes na História de Portugal. E revelando-se a si mesmo.

Recolhido no Convento do Carmo, Nuno Álvares Pereira desvenda-ns as repercrussões da morte do conde de Andeiro na política religiosa externa seguida por Portugal. No tempo vivia-se o Cisma do Ocidente e em Portugal coexistiam cismáticos e não-cismáticos. Ora, com a morte do conde de Andeiro deixou de existir tal coexistência de facções opostas. Por motivos óbvios, optou-se por Urbano VI. Conta-se ainda com a nomeação do mestre de Avis porque o interesse de Portugal se sobrepôs a querelas pessoais. Feito rei, o mestre de Avis, proporcionaria a identidade da pátria e assegurar-lhe-ia, através dos seus filhos, uma época áurea da vida nacional.

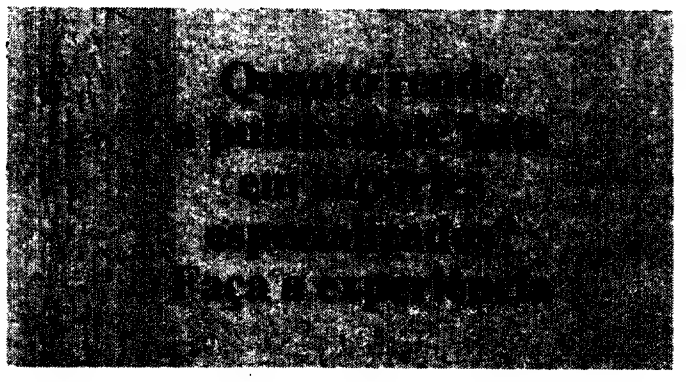
Tudo isto é histórico. Tudo isto é História. Factos por nós conhecidos e estudados nas escolas. E o que me encanta ao lê-lo é a clareza discursiva de Teresa Bernardino. As descrições líricas que no relato aparecem. A dissecação psicológica do narrador. Passo a citar: «O sentido que a mulher tinha na minha mentalidade era talvez semelhante ao da flor alegórica do Romance da Rosa. Ela não atingia um carácter material, mas vivia envolta numa atmosfera de sonho, de fantasia e de intocabilidade (...); o amante era um ser sem expressão física, era sobretudo uma forma de sentir, de imaginar e de inventar toda uma existência onírica sem realismo autêntico, porque era somente uma ideia de consciência povoada de espíritos digladiando-se entre o que é o bem e o que é o mal.» Ou: «Aos acenos joviais, aos vivas, aos votos de felicidade, respondia o Mestre de Avis com um sorriso prazenteiro e palavras apelando à calma e à perseverança na espera de dias melhores. Com o seu modo simples e aberto às pequenas belezas da natureza, olhava com curiosidade o despontar daquela Primavera a eclodir nos caminhos ao redor da cidade, debruçada sobre o choupal de mil fragâncias. Debruando as margens de terra muito fina, que cobria as veredas por onde cavalgávamos sob o sol, não ofuscado pela nuvem caprichosa e cerceadora, as papoulas ondulantes e os malmequeres de firmeza ímpar sobrepunham-se às resistentes ortigas e às daninhas ervas como a quererem mostrar como é possível às gentes frágeis, mas de alma pura, vencer as fortes gentes só armadas de inefável hostilidade.»

Escorreita é a escrita de Teresa Bernardino neste romance que me aprouve ler porque tudo nele se desenrola em luminosa linearidade. Daí o considerá-lo uma leitura necessária a todos os Portugueses e, sobretudo, aos professores de História do Ensino Secundário. Sem dúvida que as páginas de «Eu, Nuno Álvares» despertaram o interesse dos jovens estudantes das escolas. Sem dúvida que elas serão devoradas pelos estudantes universitários...

Ana Paula Portugal

Na terça-feira

Sete Ponto Sete



A propósito do Museu de Orsay

Le Débat, n.º 44, Março/Maio 1987, Gallimard, FF.68

A revista **Débat** dedica o seu último número (44) ao tema «quente» e controversado do Museu de Orsay criado em Paris na gare concebida por Victor Laloux no fim do século XIX, e cujo interior actual é a obra da arquitecta italiana Gae Aulenti. Os artigos publicados põem em relevo a variedade das posições que foram tomadas. Pelo facto do Museu de Orsay modificar a nossa representação da arte do séc. XIX, ele alimenta forçosamente um debate muito vivo que reflecte o confronto existente, no seio do Museu, de diversos géneros artísticos e estilísticos.

Michel Laclotte sublinha, numa entrevista com **Débat,** as mudanças positivas que irão ser realizadas no Louvre e que surgem como consequências das obras de Orsay. Para o inspector-geral dos Museus, Orsay opea um alargamento do olhar que permite a um Puvis de Chavannes e a um Gustave Moreau reencontrar o seu estatuto de artista. Jean Jenger conta a génese do edifício hoje dirigido por Françoise Cachin aqui entrevistada por Kr. Pomian. Para Fr. Cachin, o Museu conseguiu escapar à relação conflituosa Museu/gare, do mesmo modo que conseguiu evitar os erros de Beaubourg onde as obras «flutuam», pondo em relevo o carácter flexível da barreira entre bom e mau (Puvis de Chavannes e Gustave Moreau ficando próximos do jovem Degas), sem, porém, dar lugar à má pintura que será sempre má pintura. O verdadeiro «pompier» não se encontra no museu que procurou dar uma visão do século XIX (mais do que uma lição didáctica) deixando entrar no museu, além da pintura, a decoração, a escultura e a fotografia (sendo o ponto fraco a pobreza da colecção estrangeira).

André Chastel situa o termo militar de «vanguarda» no seu contexto ligado a St-Simon que convidava os artistas a formar a vanguarda da transformação em marcha. Do lado oposto encontra-se o artista «bohème» e solitário que recusa qualquer responsabilidade colectiva. Deste modo, Chastel mostra que a unidade do séc. XIX só existe nos nossos espíritos por um «efeito de perspectiva». R. Rosenblum define o Museu de Orsay enquanto visão pós-modernista do séc. XIX que devolve a época a si própria, ao contrário da visão darwiniana do modernismo. Francis Haskell interroga a aplicação da terminologia política a concepções que parecem alheias à política. Demonstra a utilização frequente, desde 1820, da matáfora política na crítica de arte. Albert Boime

indica também as conotações políticas multisignificantes da escultura do séc. XIX, a partir do exemplo monumental da estátua da Liberdade de Bartholdi. Outro monumento político: a basílica do Sacré-Coeur de Montmartre edificada pelos monárquicos após a Commune. François Loyer tenta reabilitar este monumento (concebido por Paul Abadie, discípulo de Viollet-le-Duc) que, em vez de integrar-se na paisagem, inova um estilo, impondo-se como as mesquitas na paisagem do Bósforo ou o sublime Palácio da Justiça em Bruxelas.

O grande relógio do Museu permitiu a Jean Clair oferecer-nos uma reflexão sobre o tempo cuja medida muda na física como na arte. De David a Manet e de Manet a Soulages, passamos da história à anedota e da anedota ao acidente, chegando assim no limiar do visível, à «nano-segunda» que corresponderia, na arte, à entropia do material. Mas a obra, em última instância, não conhece hora.

Vários autores criticam de maneira mais negativa o conjunto do Museu. O historiador Maurice Agulhon, se aprova o conjunto, releva porém «o carácter ecléctico das coleções» e a discreção da cronologia histórica que analisa com um olhar de professor. Os pintores Pierre Alechinsky e Avigdor Arikha, fascinados pela luz-norte dos cais do Sena, lamentam a luz zenital e artificial utilizada no museu, nomeadamente no que diz respeito à exposição dos impressionistas. O trabalho de Gae Aulenti é portanto ferozmente criticado aqui como também no artigo de Claue Lévi-Strauss que julga a adaptação arquitectural do Museu pretensiosa (e semelhante a pedaços de queijo), a luz ctastrófica tanto para as obras como para os olhos; põe em causa os critérios históricos e estéticos que levaram à dispersão das obras de artistas como Manet e Monet em vários pisos do Museu. Quanto à apresentação dos móveis, Lévi-Strauss compara-a a uma secção num grande armazém da província. Mar Fumaroli insiste sobre o drama que representa o fim do «métier» ligado ao fim dos «ateliers», drama do qual o Museu de Orsay, na sua neutalidade científica, não sabe dar conta.

J-F. Revel introduz o fenómeno das **massas** no cerne de sua reflexão; elas substituem hoje o indivíduo no papel do espectador e impedem qualquer visão calma e, portanto, correcta de uma obra. Para Charles Rosen e Henri Zerner, Gae Aulenti e Victor Laloux assemelham-se ainda que o vocabulário seja diferente, «é o chique, a cenografia, a ênfase e a abundância de ornamento, uma arte luxuosa e agressiva». Mas há também alguns êxitos em Orsay e, de qualquer modo, como o mostra o conjunto dos artigos, a sua existência é obviamente positiva.

Chaké Matossian

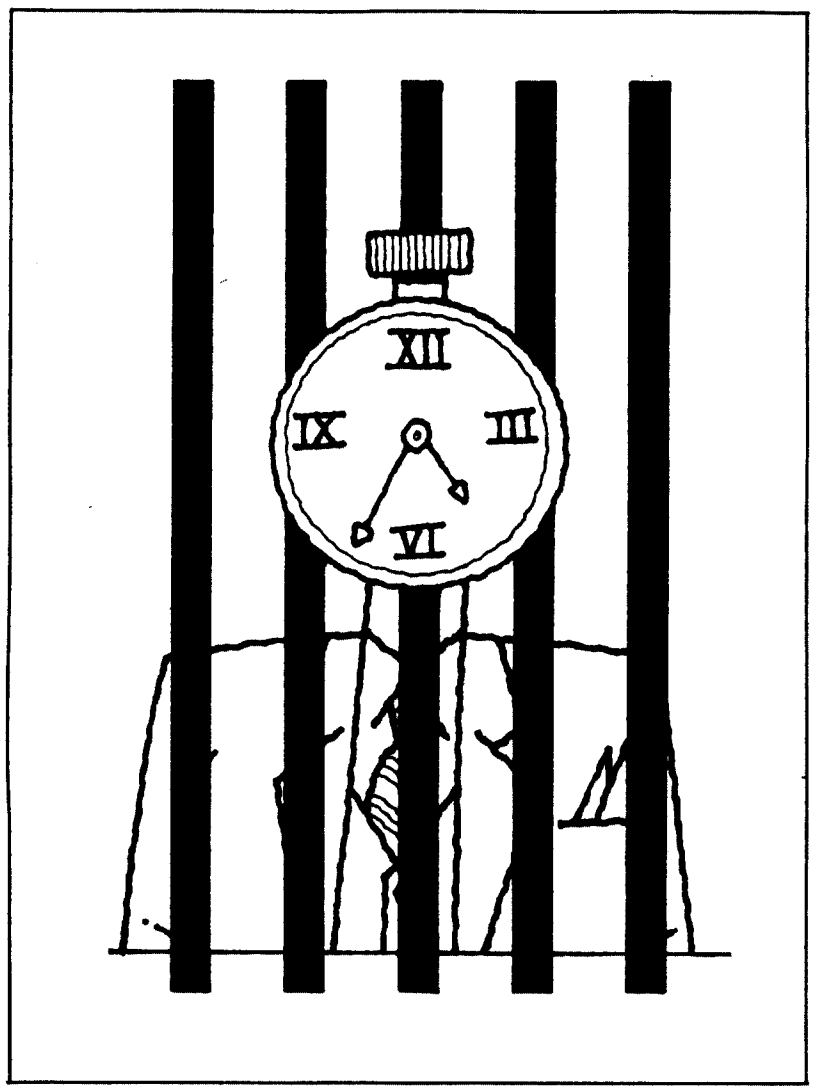
Nota: No último **Colóquio-Artes,** n.º 72, José-Augusto França publicou um artigo: «Sobre o Museu D'Orsay».

Ficções

Declaração de Guerra

REBENTOU com a porta com um único pontapé, seco, dado mesmo sobre a fechadura. A verdade é que a podia ter simplesmente aberto dando a volta à chave que, agora, descrevia pelo ar um semicírculo e tilintava, depois, pelas escadas abaixo propulsionada pelo arremeter brutal da porta contra a parede. Pensou que isso seria estragar a surpresa mas a verdade é que lhe agradava despedaçar matéria inerte com uma brutalidade toda vinda de dentro. Contra a luz, encapuçado de negro, o revólver seguro com as duas mãos. A menina do PBX ficou cadavericamente pálida mas não soltou um grito. Miguel arrancou da parede os fios do telefone, encostou-lhe a arma à cabeça e, como quem insulta viciosamente para poder de seguida bater, perguntou-lhe por quem tinha vindo.

Mas fizera demasiado barulho. Antes de sentir obscuramente o deslizar da porta atrás de si ainda viu o sorriso ansioso e mau que percorreu a boca da rapariga. Já a voltar-se como um animal encurralado, recebeu o impacto da bala no ombro esquerdo com uma surpresa descoroçoada tão grande que o fez gritar «merda!» muito alto. Mais rápido que o outro, caiu sobre a porta como uma árvore que se abate e a arma que o atingira saltou para longe seguida pela mão que a segurava agora tombada desconjuntadamente no chão. Quando o outro procurou erguer a cabeça e esticar o braço, Miguel pisou-lhe a mão direita, ao princípio levemente, depois com mais força, a ouvir o seu uivo e o crepitar dos ossos esmagados. Uma súbita cedência debaixo do tacão e uma poça de sangue e estilhas de ossos foi embebida sofregamente pela alcatifa. Voltou-se para os



olhos esbugalhados da rapariga e encostou-lhe o cano do revólver à face. Carregou com força. Uma mancha muito branca e de bordos arroxeados formou-se em volta do metal. Lavrou-lhe a pele para a direita deixando um pequeno fio pisado e enfiou o cano na boca balbuciante que se abriu como uma ferida. Ela emeu e cerrou as pálpebras.

Estava tudo estragado. Miguel encolheu o braço, atirou a secretária para cima da rapariga com um pontapé e saltou a correr por cima dos gemidos que o outro, pregado ao chão, ia soltando. Do lado de lá da porta a cadeira de baloiço ainda mexia lentamente, chiando a iminência da paragem. Fez-lhe bem o sopro do vento que entrava pela janela imensamente aberta. O seu alvo lá ia, dois andares abaixo, descendo gordamente a escada de incêndios. Passou as pernas e, pelo canto dos olhos, tremendo do trabalho do corpo contra a ferida, viu a cidade a arder sob o sol. Gotejava-lhe sangue da mão pendente. Difícil descida sem se poder apoiar aos finos corrimãos enferrujados, cauteloso com os pés mas rápido, preciso, como se não fosse nada e da sua boca em gretas se não escapasse mecanicamente a expressão do desespero final: «Foda-se, foda-se, foda-se...» Ah, se pudesse ver-se, agora que arrancara a máscara com o cano do revólver como quem corta o escalpe, se pudesse ver-se contra os prédios e o céu de metal branco o crânio rapado por onde o sangue se infiltrara pela máscara se espalhava em crostas e os olhos dementes, dolentes, doentes... Miguel, Miguel, acabou-se?...

O outro chegara ao fim da escada e atravessava a correr o terraço de cimento. Miguel parou quase como uma águia real divina que, no azul, considera friamente a presa. Depois apontou com o tempo todo o mundo às suas ordens, disparou duas vezes e viu o vulto lá em baixo estatelar-se, erguer a cabeça, fazer algumas braçadas em seco e cair finalmente na imobilidade negra sob a luz.

Tremia agora, de febre, de sol, de fim do mundo. Por um momento o corpo usou o seeu truque favorito e murmurou-lhe mansamente ao ouvido que se sentasse e dormisse dormisse ali ao vento, dormisse sossegado, não era nada, a mãe está aqui, Miguel descansa.

O berro que atirou ao ar, ao tempo, ao sangue que lhe inundava o braço, ao peso da arma quente, à cidade e a toda a sua memória do fracasso, da dor, da coragem, ficou a ribombar entre as paredes, a fazer tremer as escadas e a reerguer-lhe, uma por uma, todas as razões de ir em frente.

Saltou os últimos lances de degraus, abriu a porta a pontapé, atravessou o átrio do prédio no limite de matar o porteiro por puro fastio e agudeza da dor, saiu para a rua quase a chorar de solidão, de não ter ninguém com um carro à sua espera.

Estacou no meio do passeio sob os olhares selváticos de espanto de toda a gente que ali se tinha posto a ouvir os tiros. Orgulhoso, só, sangrento, ergueu a arma e conseguiu sorrir da correria desenfreada que esse simples gesto tão lento e tão desinteressado desencadeou.

Só ela não fugiu e ficou ali parada na rua agora deserta. Recuou apenas um passo e murmurou: «Miguel...»

Ele ouviu-a e viu-a ao mesmo tempo, incrédulo e rasgado por dentro. Estendeu um braço e caiu devagar sobre as mãos que o agarravam.

Entre o sal das lágrimas e do sangue, enquanto carro se infiltrava para longe, depressa, tão depressa, ouvia-se na rádio:

«ao redor desta fogueira
enquanto as armas descansam
peito rasgado de amor
troa o rufar do tambor
amor quão longe tu estás
amor quão longe tu estás»

Peter Nero Wolf

(*) Extraído de «**Declaração de guerra**» de Peter Nero Wolf (Livros Horizonte — Romance).

Pescador à linha

Por Luís Veiga Leitão

Cádiz e Mercedes — Sem nunca ter ido lá, a espaços vou conhecendo Cádiz através de Mercedes Escolano. Uma das maiores revelações na mais jovem poesia espanhola. Suas cartas são tão vivas que nelas a cidade ganha forma, volume, temperatura sanguínea, como se eu a visse e respirasse todo o seu corpo. Suas palavras vêm carregadas de salinidade e fundura. Dir-se-ia que Cádiz é um parto (poético) de Mercedes Escolano. Escutemo-la: «Cádiz siempre será la ciudad mas misteriosa, una ciudad para nacer, amar y morir. Cádiz es una isla, toda rodeada de mar e niebla, igual que yo». Suas cartas acompanham sempre um belo poema manuscrito ou impresso. Lembram naves que do Oriente traziam especiarias. E ouro.

★ ★ ★

Olhos Azuis e Cabelos Pretos. Ontem, à noite (uma noite insone) estive com Marguerite Duras. Achei-a mais pequena. Mas que grandeza! A idade, no seu caso, não diminui, reduz as pessoas à sua verdadeira essência. Falou-me do seu livro «Olhos azuis e cabelos pretos» (edit, pela DEFEL):

«É a história de um amor, o maior e mais aterrador que me aconteceu escrever. Sei-o. Sabemo-lo para nós mesmos. Trata-se de um amor jamais nomeado nos romances, inominado até por aqueles que o vivem, de um sentimento que dalgum modo não encontrou ainda o seu próprio vocabulário, os seus hábitos, os seus ritos. Um amor perdido. Perdido enquanto perdição».

★ ★ ★

Deus é a ideia mais útil aos tiranos. Stendhal.

O sexo das imagens (3)

O nu masculino em fotografia

NUM artigo já com algum tempo (*A Po(s)se e os seus mecani(ci)smos-1*, «D. Lisboa», Sup. «Ler/Escrever», 7/2/85) lançava, com alguma inquietação, a seguinte pergunta: «Existirá a categoria do *nu* de um corpo?» — e procurava aplicá-la, sobretudo, ao caso do nu masculino. E concluía o referido artigo, não só com uma mas com mais perguntas: «O que poderíamos agaora dizer de um corpo de homem nu? O que nos é *dado* a ver — ou o que é que se *vê* nele (nos é *visível*)? Vê-o como nu/corpo (parte sempre deste princípio: *só enquanto nu é que há corpo* — ou seja, passa sempre pela *exposição* do nu processo de *constituição*, como criação ou invenção, de um corpo) não será uma alternativa, sem saída, entre a sua *feminização* (com variantes possíveis: da mais fraca, a sua *erotização*, à mais forte, o registo do *obsceno* — a sua feminização propriamente dita) e a sua *explosão* («blow up»: no sentido do aumento, do ultra-realismo) como *pornografia* (ou seja, enquanto processo violento de revelação da *ipseidade* — e do excessivo — do masculino)?

Mantendo em aberto esta hipótese-dupla, parece-nos possível chamar a tenção para uma *terceira via* que tem a haver, sobretudo, com a assunção, enquanto tal (.e., enquanto *não diferente* — quer topologicamente quer do ponto de vista do seu estatuto — do feminino), do masculino. Interessante é ainda ver como é na relação d corpo com a *roupa* (e, portanto, na foto de moda) que se tende a *mediatizar* esse estatuto (que determinará também, num segundo momento — partindo da hipótese que a *relação do homem com a moda* é a constituinte —, a própria representação, na fotografia, do nu/e do corpo do masculino).

Simon Martini, retrato equestre do cavaleiro Guido da Fogliano

Se, como pretende Eugénie Lemoine-Luccioni, «despir-se significa mostrar aquilo que não se tem (a falta do órgão) (*La Robe*, Seuil), então, nesta foto, e na relação que ele estabelece com a roupa, o nu (o corpo) constituiria como que uma espécie de *suplemento phálico* do próprio corpo (do ponto de vista da sua Representação e da sua situação na estrutura). Melhor, tanto o nu seria o phallo da forma (o suporte da roupa) como a roupa se apresentaria como um phallo suplementar (que importa se de plástico ou de tecido?, mas sempre postiço...) da estrutura (e que o estrutura).

Refiro-me, ao fim e ao cabo, a um processo que se manifesta elaboradamente, ainda que com diferenças, na fotografia quer de um Bruce Weber quer de um Herb Ritts (apenas para dar dois maiores exemplos).

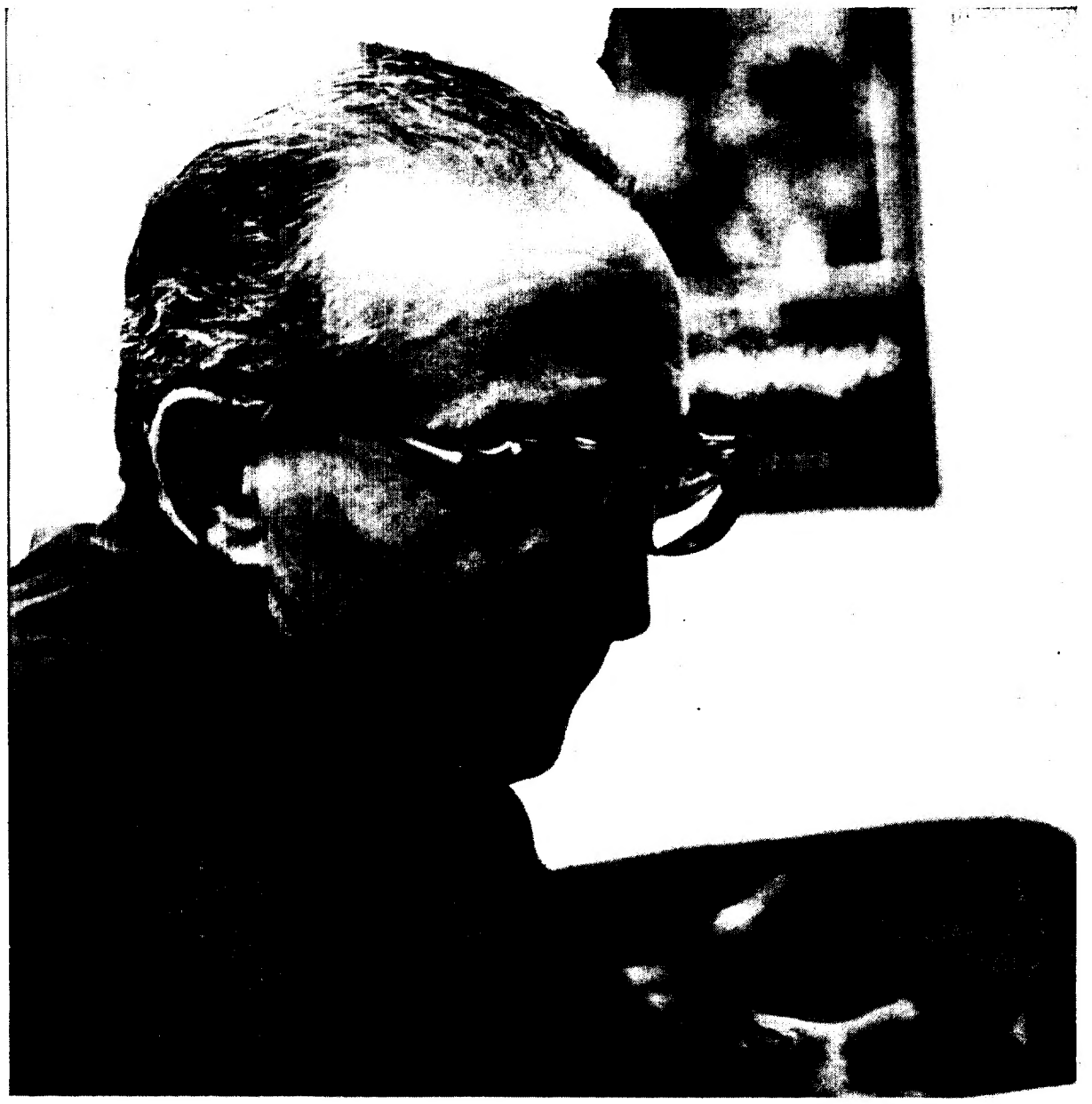
Na fotografia de Herb Ritts (os seus anúncios saem, por exemplo, com frequência, nas várias edições da revita *Vogue*) a construção (a pose) do corpo surge um pouco como os *alicerces* de uma estrutura (uma «échaffaudage»): ao mesmo tempo, um processo (ainda *em construção* (ainda não foram tirados os andaimes: a forma ainda não é de todo «pura») mas também, marcado enquanto tal, *o mínimo de estrutura* (o que os «andaimes» —a construção da pose, o seu carácter ainda muito marcado — deixam ver é, precisamente, esse mínimo de estrutura). «Échaffaudage», por um lado, do corpo (acentuada quer pelo carácter muito próximo-achatado sobre a superfície — do corpo, quer pelo recoreenquadamento final da fotografia) que, depois, num segundo momento, como que se *transfere* — sem perca de qualidades, como num processo de decalcomania — para a própria roupa (e que constitui, estrutura a roupa — como uma «armadura»). A relação entre a roupa e o corpo seria, assim, uma relação *inter* — e *intra-metonímica* já que a roupa e o corpo não só se referem (delegam, constituem) *entre si* mas também, nesse jogo de relações (e nessa tensão), se colocam como o «análogo» do seu próprio princípio (o do masculino) entendido como uma *ipseidade* (de coisa: corpo). Sistema de relações tão cerrado — no modo como esses dois momentos *interferem* entre si — que, nestas fotos, se tem sempre a impressão de que o que está *a mais* é a roupa (esta, mais do que uma metonímia, seria aqui uma *catacrese* do corpo) e que faz com que, nesta fotografia, seja a questão do *nu* que, em última instância, se aborda sempre *sob* esse ecrã da Representação (e de evidenciação) que é a roupa. Tendência última, limite, que encontra-mos quer nas fotografias tiradas por Bruce Weber para o número especial sobre a América da revista italiana *Per Lui* (n.º 29, Julho-Agosto de 1985) quer na sequência de fotos do par Sylvester Stallone/Brigite Nielson tiradas por Herb Ritts e publicadas no n.º de Fevereiro de 1986 da *Männer-Vogue* (ou na série *Beach Boys* publicada no n.º de Abril da mesma revista).

Processo ainda em desenvolvimento: estrutura. De um Sujeito que, do ponto de vista da Representação, se compõe (diferenciando-se de toda uma tradição de fotografia feminina) o seu «estado de espelho» (=figurativo). Processo cuja correspondência, no campo da pintura, encontramo-la, talvez, no *Retrato equestre do Senhor Guido da Fogliano* de Simon Martini (uma figura em trânsito com a construção da paisagem ao fundo).

Fernando Guerreiro

Antes de reler Heterodoxia I e II de Eduardo Lourenço

UMA editora de Lisboa (lido algures) — prepara-se para publicar, creio que num só volume, os dois primeiros livros de Eduardo Lourenço titulados *Heterodoxia I e II*. É o que se pode chamar desde já, e em termos talvez demasiado magazinescos, mas de recurso, ao qual cedemos por comodidade mas também propositadamente, um grande acontecimento. Editorial e cultural. Mantendo o tom e o nível de linguagem, não é todos os dias, todos os anos, que entre nós se publicam livros como estes. E de certeza quase absoluta que esse vai ser uma boa surpresa para muitos leitores que não o conhecem. Milhares de leitores de duas ou três gerações. Vamos ver.



Eduardo Lourenço

Um pouco de história

O primeiro volume de *Heterodoxia* foi publicado em Coimbra, chancela da então activa Coimbra Editora, no ano de 1949, há trinta e oito anos, portanto, tiraram-se 500 exemplares, todos numerados e rubricados (com carimbo) pelo autor. É de crer que o sucesso público do livro não tenha sido muito numeroso. Quase vinte, dezassete anos depois, quem escreve estas linhas ainda pôde comprar um exemplar. Não me lembra o número que tinha, porque entretanto o emprestei e nunca mais me foi devolvido. Compensa um tanto a ideia de que teve alguma circulação.

Ainda no ano de 1967 saiu o segundo volume, *Heterodoxia II*, de novo chancela da Coimbra Editora, tiragem de 1000 exemplares, 500 dos quais numerados e rubricados (carimbados) pelo autor. Também o primeiro exemplar que comprou quem escreve estas linhas, nesse ano, foi emprestado e nunca mais recuperado. Não sei, pois, que número teria — pormenor, aliás, perfeitamente destituído de interesse.

De algum interesse, porém, será já o seguinte: — Uns dois ou três anos depois, uma editora do Porto, então muito activa e atenta ao que de melhor se fazia em Portugal e em português, na altura comprou à Coimbra Editora os exemplares sobrantes, tirou-lhes as capas, colou-lhes outras, com a indicação de proveniência editorial e nova distribuição, e fez o relançamento. E quem escreve isto pôde comprar novos exemplares. O do primeiro volume tem o número 197, o do segundo é o 337.

Ainda que estes números não tenham importância, parecem mais do que significativos os restantes pormenores.

Antes de mais, parecerá estranho que em quase vinte anos não se tenham vendido os poucos 500 exemplares de *Heterodoxia I*. Estas coisas, porém, têm sempre uma explicação. Desde logo, em 1949, EL era um nome que pouco ou nada diria a quem quer que fosse, em Coimbra, onde (em 46) mal acabara de se licenciar e era assistente (desde 47). Aí permaneceria, dizem as biografias, até 53/54, até partir para uma primeira aventura europeia em que andou por Hamburgo, Heidelberga e Montpellier, até 58. Neste ano foi para o Brasil, Universidade da Baía. No seguinte voltaria à Europa, mais concretamente a França para (a convite do governo francês) leitor de português, primeiro em Grenoble, depois em Nice, onde até hoje tem leccionado. (Os seus escritos enviados de França são quase sempre datados de Vence, Alpes Marítimos, — pormenor pelo menos curioso, o da preocupação com a datação de cada escrito.)

EL é hoje um nome mais ou menos conhecido. O conhecimento deste nome é um processo que começa, em termos de grande público, praticamente só após o 25 de Abril.

Nos anos 50 EL publicou um breve estudo sobre Miguel Torga e as então novas gerações de poetas. Tiragem de 500 exemplares, uns quinze anos depois ainda não se tinha esgotado, que dele comprou ainda um exemplar quem escreve estas linhas. Não é muito importante, talvez, mas pode ser lido no volume *Tempo e Poesia* (1974).

É na segunda metade (para os fins) da década de 60 que EL começa talvez a ser lido para além dum círculo muito restrito (que, aliás, nem o lê muito, já que ele publica pouco, coisas avulsas e raras, em revistas e jornais). E para o alargamento deste público, mais do que o segundo volume de *Heterodoxia*, terá contribuído um livro como *Sentido e Forma da Poesia Neo-Realista* (1968). O neo-realismo era então uma questão viva no seio do pensamento democrático em Portugal (e factor de divisão, aí, também, diga-se). EL assume, perante ele, uma atitude de simpatia — e até empatia — fundamentalmente, uma atitude heterodoxa, de aproximação e compreensão mesmo um tanto para além do que as posições filosóficas anteriormente assumidas (em *Heterodoxia*, designadamente) fariam prever.

Há a seguir um livro sobre Fernando Pessoa, *Pessoa Revisitado, leitura estruturante do drama em gente* (1973), uma recolha de peças sobre poesia até então dispersas por revistas e jornais, o já citado *Tempo e Poesia*, onde está o ensaio «Presença ou a Contra-Revolução do Modernismo Português?», com nota actualizadora, aparentemente desfazendo equívocos e encerrando a discussão que o ensaio suscitou, por reacção de *presencistas* e uso demasiado generalizado e nem sempre criterioso de antipresencistas.

25 de Abril

Depois disto (que o mesmo é dizer, depois do 25 de Abril) a actividade de EL tem sido, pode-se dizer, constante e muito interessada na actualidade portuguesa, o que o tornou nome mais ou menos familiar da maior parte dos leitores de jornais onde ele tem publicado.

Grande parte do que EL aí ainda na década de 70 publicou está hoje reunido em livros: *O Fascismo nunca Existiu* (1976), *O Complexo de Marx* (1979), e outros. A produção dos últimos anos, muito vasta, — aguarda a sua publicação em livro quem não tem o hábito paciente de fazer recortes e guardar. Dará uma meia dezena de livros, volume normal; mas, já agora, conviria que a publicação deles não demorasse muito. É jornalismo, mas também (e muito) bem outra coisa.

Um livro como *O Labirinto da Saudade* reúne um conjunto de ensaios representando uma actividade paralela em relação àquele jornalismo. Dizemos «ensaios» para distinguir de comentário, crítica, por exemplo, — e um desses ensaios, o titular (subtítulo *Psicanálise Mítica do Destino Português*) é uma peça de capital importância, desde logo como introdução (uma introdução) à problemática histórico-cultural portuguesa e, depois, uma avaliação (pessoal, original) dessa problemática (do seu significado, do seu *peso* num contexto mais vasto de referências, — mas vista do seu interior, não tanto do seu exterior que são essas referências).

O ensaio avaliza — de crédito e prestígio — aquela actividade a que aqui chamamos jornalismo, querendo com isto dizer que, para se fazer comentário ou crítica política de qualidade é preciso ter, além ou aquém de uma vasta experiência de reflexão, um corpo de ideias estruturado e estruturante — aplicável ao real, às realidades, e funcionalmente articulável com os pretextos.

Mas os fundamentos teóricos (ou teorizantes) da actividade comentarística e crítica de EL não está só n'*O Labirinto da Saudade*, ou a que está aqui, nesta «psicanálise» do caso português, é somente uma aplicação concreta duma visão do mundo — da existência da história, da humanidade, — ainda que muito informada e enformada pelo concreto do caso em suas mais fortes ou sugestivas evidências. Tal visão do mundo — ou, pelo menos ainda, visão dum mundo um tanto mais vasto do que o português, contexto deste, aquém e além das especificidades que aí o distinguem — é talvez nos ensaios de 5Heterodoxia que os podemos encontrar. É aí que o podem encontrar aqueles a quem o livro consequentemente se propuser, dentro em breve.

Polémico

Cabe aqui relançar o que consta dos dois primeiros volumes publicados, um há vinte, outro há quase quarenta anos.

Heterodoxia I reúne três ensaios: *Europa ou o Diálogo que nos Falta*, da *Permanência no Mundo do Espírito*, e *O Segredo de Hegel ou o Equívoco da Dialéctica*, precedidos dum *Prólogo sobre o Espírito da Heterodoxia*.

Heterodoxia II tem, além dum *Segundo Prólogo sobre o Espírito da Heterodoxia*, quatro ensaios, ou três ensaios e um comentário crítico: *Situação do Existencialismo, a Dialéctica Trágica de Camus ou o Regresso a Ítaca*, Soren Kierkegaard, Espião de Deus, e *Ideologia e Dogmatismo*.

Alguns destes ensaios situam-se no âmbito da reflexão filosófica. A expressão não será a mais apropriada, e quer dizer tudo excepto destituição de motivos de interesse. De resto, as questões de que se trata são das maiores da filosofia contemporânea, — de preferência, do pensamento contemporâneo: Hegel, a Dialéctica, o século XX, o Existencialismo, Camus.

Numa introdução que porventura escreva para a reedição destes ensaios, EL talvez diga a que distância se encontra, hoje, do que fez há vinte, trinta, quarenta anos. Parece pouco provável que disso se demarque significativamente.

E outro tanto se diga daqueles escritos onde são mais sensíveis as marcas do tempo: *Europa ou o Diálogo que nos falta*, e *Ideologia e Dogmatismo*, principalmente.

No primeiro, as marcas temporais não são muito fortes, pelo contrário, e o ensaio é uma reflexão sobre a ausência europeia (do ascendente europeu, do envolvimento europeu, duma perspectiva europeia, isto, da falta da Europa) na cultura em Portugal, e, consequentemente, a ausência da cultura portuguesa no que se possa chamar a história da cultura europeia. Em relação à Europa, a tradição (da cultura, do pensamento, da criatividade, nos diversos domínios do saber, da filosofia, das ciências, das artes, das letras) portuguesa é quase sempre e quase totalmente marginal. Os encontros que houve foram quase sempre tardios e os esforços que regularmente se fizeram para contrariar a tendência e ultrapassar a situação foram, em regra, individuais ou isolados, não corresponderam a uma determinação colectiva intimamente reflectida.

Datando de há quarenta anos, o ensaio de EL patenteia, naturalmente, um profundo cepticismo que se prende com a situação portuguesa de então. Depois disso, entretanto, a situação agravou-se — com a manutenção da ditadura por mais cerca de trinta anos e dois processos muito importantes como factores de alteração: a emigração massiva (para a Europa, justamente) e a guerra colonial. À noção de emigração deve associar-se outra; exílio. Exílio como emigração política, emigração como exílio económico. A noção de exílio articula, com a emigração, a guerra colonial.

Esquerda

O ensaio *Ideologia e Dogmatismo* toma por pretexto três livros que foram, durante largos anos, referências capitais do pensamento (literário, filosófico, cultural, sociológico, político) da esquerda em Portugal — ou, de preferência, dum vasto sector dessa esquerda, o mais envolvido pela teoria marxista ou pela acção de alguns dos seus praticantes em Portugal.

Os livros: *António Sérgio, o Idealismo Crítico e a Crise da Ideologia Burguesa* de Vasco Magalhães Vilhena; *A Crise da Consciência Pequeno-Burguesa*, e *Diário de Édipo*, de Alberto Ferreira.

Dizemos alguns nomes porque há outros da mesma área aos quais creio que não se aplica muito do que EL aqui diz: Mário Sacramento e Óscar Lopes, por exemplo.

O ensaio é a assunção duma posição crítica em relação a certas facilidades interpretativas em que se caiu muito naquele sector — e onde o exemplo de Augusto da Costa Dias se pode dizer excessivo. EL questiona, com um vigor que nem é muito frequente nos seus escritos, tais facilidades e o domínio ideológico que as possibilita, a inconsistência desse domínio e até a sua escassa fundamentação no campo teórico.

Não sei que impacto terá hoje um ensaio como este e que, certamente, vai reaparecer nesta edição. Cerca de vinte anos passaram e a «abertura» do 25 de Abril já tem treze. A esquerda intelectual estará hoje ainda mais dividida do que então — mas a divisão tem hoje um significado que as emergências de luta política e do combate ideológico da altura não consentiam facilmente. A divisão decorre, naturalmente, da diferença e deve querer dizer diversidade, variedade, riqueza, abundância — ou, pelo menos, é assim que a esquerda se gosta de pensar (é assim que à esquerda gosta de se pensar).

Luís de Miranda Rocha

Escritores e Direitos

EM texto assinado pelo jornalista Ribeiro Cardoso, deste «DL», e aqui publicado há dias no suplemento **Ler-Escrever,** lia-se que a Associação Portuguesa de Escritores está **na mais completa penúria.** Mais: a sua sobrevivênciaestá em perigo, e o seu encerramento poderá ser um facto a médio ou mesmo curto prazo se, entretanto, não lhe chegarem alguns apoios que os seus actuais dirigentes estão empenhados em conseguir, e o mais importante dos quais é a consagração, em texto legal, do Domínio Público Remunerado.

Quase ao mesmo tempo no semanário **O Jornal,** secção Bookcionário, de Fernando Assis Pacheco, recensão breve a um livro de Fernando Guedes sobre livros, leitura, escritores e leitores, uma duas ou três interessantes curiosidades sobre como viviam aqui há uns cem anos alguns escritores, em termos de proventos provenientes da respectiva obra.

Tendo em conta (com algum rigor, por certo) que um escudo (mil réis) valia ou representava então o que hoje poderão valer ou representar 1 [illegible]$70, e conhecendo-se a facturação do tempo, chega-se — com muita precisão mas, principalmente, grande surpresa, — à conclusão de que um Herculano, como redactor e coordenador da revista **Panorama,** ganhava qualquer coisa como (ou o equivalente a) 65 contos por mês. Não se pode dizer que fosse mal pago. E como autor de livros? Aqui custará a crer, mas parece não haver lugar para grandes dúvidas. Em fins de 1856 o autor de **Eurico** tinha, na casa editora, um saldo de qualquer coisa equivalente a 11 400 contos (onze mil e quatrocentos contos). E não consta que a eles tenha renunciado, apesar das convicções pessoais nestes domínios, pelas quais oportunamente lutou contra Garrett (neste tocante, como noutros, mais **evoluído** do que ele).

Mais dois exemplos tirados da recensão de Assis Pacheco, que não lemos o livro de Fernando Guedes (motivo: os 1400 escudos que ele custa), — Júlio Dinis e Camilo.

Júlio Dinis, entre 1867 e 1871, teria ganho, e só com **As Pupilas e Uma Família Inglesa** um equivalente a dois mil contos.

Camilo, em vinte e dois anos, ganhou uns 36 contos. Tal montante, da altura, traduzido em termos (em números) de hoje, seriam uns 57 500 contos (média de 2600 contos por ano). Uma primeira edição da **Nova Boémia** rendeu-lhe o equivalente a 720 contos hoje, e um cert prefácio de 32 páginas deu-lhe a ganhar (ainda e sempre valores de hoje, estabelecidas as proporções) uns 115 mil escudos.

Com Herculano, Júlio Dinis e Camilo estamos perante os casos de maior acolhimento por parte do público leitor. Nos casos de Garrett, Castilho, por exemplo, e, pouco depois, Eça, Antero, Oliveira Martins, Guerra Junqueiro, a recepção é capaz de ser menos significativa, mas, por certo, não tanto menos ou tão pouco que as compensações financeiras em que se traduziram tenham ficado muito longe desses valores. E não havia tão poucos escritores assim com assinalável sucesso. Vagas como o romance histórico, a novela passional, ou o romance de costumes tiveram dezenas de cultores produzindo textos em número quase incontável, e havia, na altura, um público recente mas já vasto e numeroso, — produzido pelo triunfo sociocultural do liberalismo através da economia e da educação.

Mesmo à luz destas explicações, os números parecem fantásticos. E sê-lo-ão ainda, ou mesmo principalmente, se confrontados com os que se pudessem obter, respeitantes aos ganhos dos escritores em direitos de autor hoje em dia, um século depois.

A nova sede da Associação Portuguesa de Escritores

Como se sabe, há actualmente uma dezena ou duas dezenas de escritores vivendo exclusivamente, ou quase, do que lhes dá a ganhar a venda dos seus livros. Não se dispõe de dados sobre tais ganhos, e o que se saiba deste caso ou daquele não é para aqui chamado, até porque não é paradigmático. Todavia, o leitor, se calcula que há, presentemente, em Portugal, escritores que ganham mil, dois mil contos por ano, mais umas centenas em prémios, calcula bem. Mas os dedos das mãos, ou duma só mão, talvez sobrem para contar esses casos. nor, pode fazer contas: um escritor ganha entre 10 e 15 por cento (creio, pode haver excepções, segredos, etc.) sobre o preço de capa. Sabe-se quantos exemplares vendem certos livros que vão sendo sucesso.

Falamos de romancistas, principalmente. Como se pode calcular, é um tanto maior do que a conta dos dedos o número de escritores que ganham algumas centenas de contos por ano. Mas, nestes casos, o que ganham não bastaria para justificar uma opção pelo profissionalismo a tempo inteiro.

O leitor supõe que, nuns casos e noutros, trata-se de escritores de romance, novela, coisas assim (assuntos de história, por exemplo). Suposição certa: haverá dois ou três casos, talvez mais, em que os ganhos ultrapassam a ordem das dezenas, mas não entram muito na ordem das centenas. Tais ganhos ficam muito aquém do que se passa nos domínios da ficção. Um desses sucessos no campo do romance, só um que seja, vende mais livros num ano do que quase todos os títulos de poesia, juntos, que durante o ano se vão publicando.

Não há nisso nada de surpreendente. Aqui há um século, que poeta ganhava o que quer que fosse de significativo vendendo a sua poesia? Guerra Junqueiro, por certo, ganhou alguma coisa. Mas um Cesário Verde até dificuldades teve em publicar, quase por favor, uns poemas nos jornais. A tradição fala é de grandes prejuízos que podem aproximar-se dos cem por cento, ou até ultrapassar essa marca (despesas complementares com envios pelo correio, desde logo).

Esperar-se-ia que, em cem anos, a situação tivesse conhecido um grande desenvolvimento. Mas não haverá grandes razões para esperar isso. É certo que há hoje muito mais instrução do que havia há cem anos. Mas instrução, só por si, não quer dizer hábito de leitura, não implica, só por si, procura do livro, ou receptividade fácil à sua oferta. Depois, a oferta de hoje não tem muito a ver com a de há cem anos, — em quantidade e variedade, pelo menos. E há ainda a motivação com ela relacionada, a concorrência, — hoje em dia, principalmente, da televisão.

Por isso os dedos das mãos chegam e sobram para contar o número de escritores que vivem do que lhes rende aquilo que escrevem e publicam, e não são em muito maior número os casos daqueles que, do que escrevem e publicam, tiram algum rendimento minimamente assinalável.

E nisto entram os escritores que trabalham nos domínios da novelística. O sector tem, para alguns, — os que contam com alguma audiência, — um mínimo de condições, que lhas dá a existência dum público consumidor já com alguma expressão. Terá também perspectivas — se continuar a haver prémios (sorte mais ou menos aleatória, todavia) e se começar a haver outras saídas, como, por exemplo, o cinema, a rádio, a televisão (sorte também mais ou menos aleatória, e quase absolutamente irrelevante, até agora, em Portugal, para além de uns biscates).

Noutros sectores, na poesia, por exemplo, a situação é difícil, e não haverá perspectivas de melhoria. Aqui nem há prémios a que valha a pena concorrer, e os poucos que há, a maior parte caiu no nível dos jogos florais de antigamente. Significativamente estão a ser ganhos (os de concurso, pelo menos) por segundos ou terceiros planos.

Mas o sector pode beneficiar duma melhoria da situação, no tocante a direitos, obviamente.

Todos os escritores beneficiarão alguma coisa se, por exemplo, o Direito Público Remunerado tiver consagração legal e uma percentagem (pequena que seja) reverter a favor duma instituição como a APE, — e não consta que haja outra mais credenciada para lhe ser atribuída a responsabilidade de gerir os proventos que vierem daí.

Às primeiras, poder-se-á pensar que tais proventos serão pouco. Talvez não sejam. Os clássicos continuam a vender-se bem e a dar muito dinheiro a ganhar a editores, distribuidores e livreiros. Os editores (e os distribuidores e os livreiros, e também, ou principalmente, os organizadores) de livros escolares é que não dão um tostão a ganhar aos autors contemporâneos, nem um exemplar, aliás, — e aqui está um domínio onde parece que se impõe legislação restritiva do uso, por outros, e para fins evidentemente comerciais, dos resultados dos trabalhos dos escritores.

Mas parece que ninguém está disposto a levantar a questão. Há cem anos, pelos vistos, tudo estaria ao lado de Herculano contra Garrett, defendendo os interesses da comunidade, aos quais os do escritor se deveriam submeter.

A indústria dos livros escolares deveria ser, no mínimo, severamente vigiada. E as edições integrais dos clássicos não muito menos do que isso.

Não temos à mão documentos de tesouraria que o provem, mas nem será necessário. Basta ver com que frequência são editados. Se dessem prejuízos, certamente que não o seriam.

A quem estiver de fora há-de pôr-se uma questão mais ou menos assim: — Se tais direitos caíram no domínio público, com que legitimidade os escritores reclamam partilhá-los? Mas não é propriamente partilhá-los, e sim uma ínfima parte do que eles representam. E em nome de quê, mesmo essa ínfima parte? Não há outra resposta: os escritores de hoje é que são, e em sentido nem sequer somente figurado, os herdeiros deles, aqueles cujo trabalho assegura a continuidade viva dum legado.

Pelo menos representam-nos melhor do que os editores, os distribuidores, os livreiros.

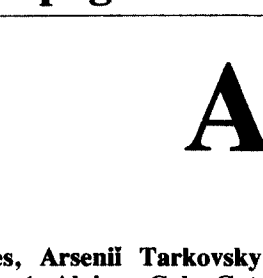
É mais do que tempo de se reconhecer isso através de medidas concretas.

L. de M.R.

Acabados de Chegar

■ **8Ícones, Arsenii Tarkovsky, Assírio ¹ Alvim, Col. Gato Maltês**

Nascido na Rússia em 1905, Arsenii Tarkovsky é pai do falecido realizador Andrei Tarkovsky. Os poemas seleccionados neste volume podem, aliás, ser ouvidos nos filmes do realizador de «Andrei Rublev». Aqui fica um exemplo: «Escolho uma idade à minha medida./ Guia-nos o sul, com remoinhos de pó sobre a estepe; Renques daninhos, pragas de gafanhotos,/ As cintilações faiscantes das ferraduras polidas,/ Tudo profetizava-visões/ De monge que eu iria perecer,/ Peguei no destino, ateio-o à sela;/ E agora que estou no futuro, permaneço/ Hirto nos estribos como uma criança».

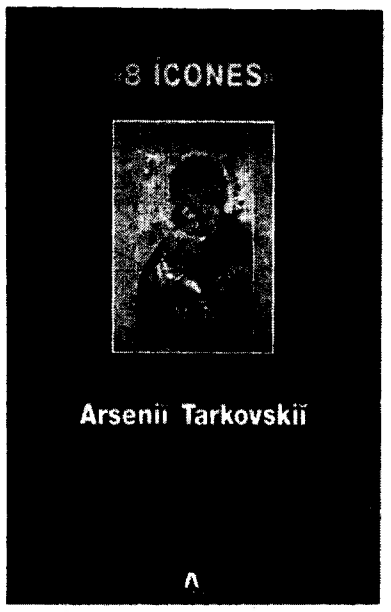


■ **As Moradas 1 ¹ 2, António Franco Alexandre, Assírio ¹ Alvim, Col. Cadernos Peninsulares**

António Franco Alexandre escreveu, entre outros títulos, «Os Objectos Principais» e «A Pequena Face». Em «As Moradas 1 ¹ 2» estão reunidos 22 poemas. «Escrevo a tua morada, mas sei que me engano; nem há rua/ com nome assim (setenta letras!)./ De qualquer modo é um caderno para deitar ao rio/ quando passar a ponte,/ uma escada e chegas ao cimo não importa,/ um barco a arder, ninguém foge, etc.,/ antes isso que a piedosa mentira/ em que se oculta, o tão pouco, a injusta morte (...)».

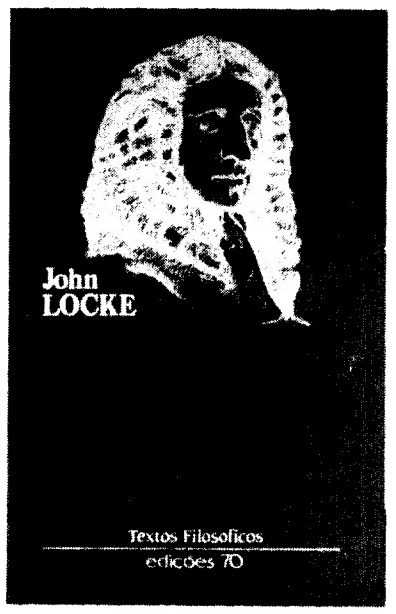
■ **Viagem À Roda Do Meu Nome, Alice Vieira, ilustrações de Ivone Ralha, Ed. Caminho**

É actualmente a mais conhecida autora de literatura infantil. São de Alice Vieira livros como «Rosa, Minha Irmã Rosa» e «Este Rei Que Eu Escolhi», ambos premiados. Em «Viagens à Roda do Meu Nome» — uma atribulada e fatigante deslocação de camioneta é substituída por sonhos sem, contudo, deixar de estar presente.



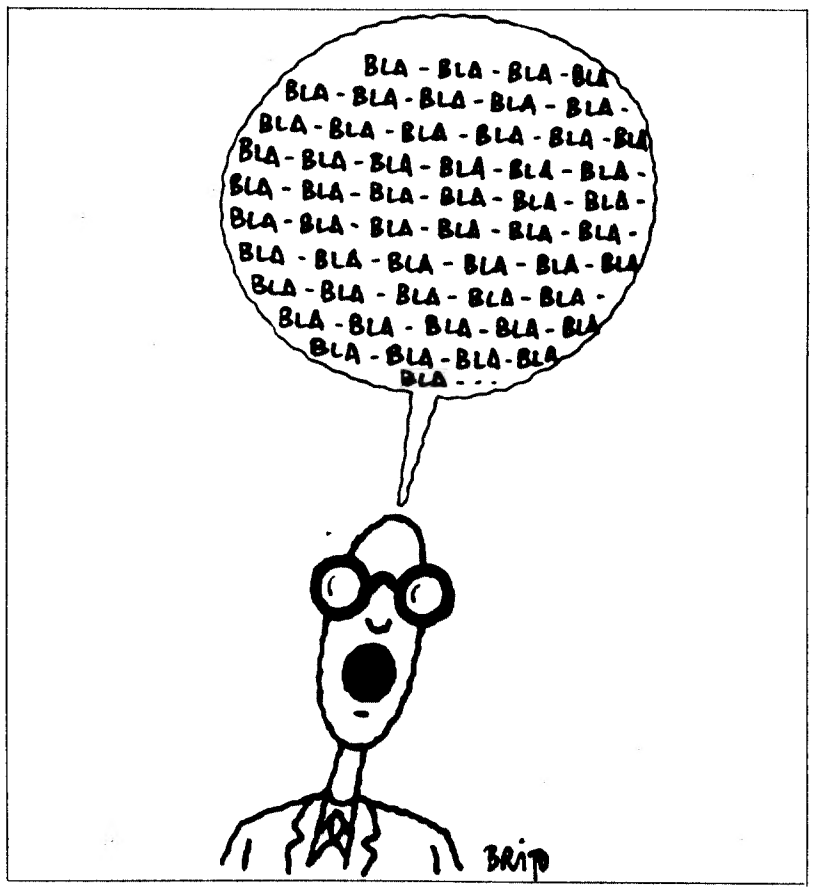
■ **Se o amanhã chegar, Sidney Sheldon, Livros do Brasil, col. Vida e Aventura**

Do autor de «O jogo da vida», uma trama cujo personagem central se vê envolvido em circunstâncias que o levam a uma pena quinze anos de prisão.



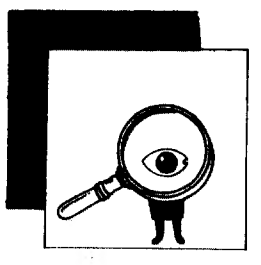
■ **O Álibi Infinito — O projecto e a Prática na Poesia de Fernando Pessoa, Ettore Finazzi - Agrò, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, col. Temas Portugueses**

Segundo o autor, este é «um estudo que assume — correntemente, genericamente — como seu objectivo privilegiado a crise do indivíduo na cultura moderna. E fala dela através da crise de um in-dividuus que desde o início soube do valor convencional; ainda mais, apotrópico, daquele prefixo negativo destinado a ocultar a efectiva divisibilidade, a fragmentaridade do eu e por isso procurou desesperadamente voltar a um domínio figural da realidade (...)».



■ **Carta Sobre a Tolerância, John Locke, Edições 70, col. Textos Filosóficos**

Escrita por volta de 1685-1689, durante o exílio de Locke na Holanda, a «Carta Sobre a Tolerância» foi escrita por Lock em latim e publicada anonimamente em Gouda, na Holanda, em 1689. A presente tradução baseia-se no texto latino da edição preparada por Raymond Klibansky e é antecedida pela história do texto, escrita pelo mesmo investigador, e ainda por uma introdução ao pensamento de Locke sobre a tolerância da autoria de Raymond Polin.



■ **O Edifício da Faculdade de Ciências — Quatro Séculos de Retratos Institucionais, José Lopes Ribeiro, Edições 70**

A história do edifício da Rua Escola Politécnica prolonga-se por mais de três séculos, ao longo dos quais se operaram profundas modificações nas ideias e vida dos homens. O livro agora editado pretende mostrar de que forma estas alterações se reflectiram na arrumação espacial da actual Faculdade de Ciências.

■ **Teorias da Linguagem, Teorias da Aprendizagem, debate de Jean Piaget e Noam Chomsky com outros autores, Edições 70, Col. O Saber da Filosofia**

Entre 10 e 13 de Outubro de 1975, os participantes do debate retratado nesta obra reuniram-se na abadia de Royaumont, em torno de Jean Piaget e Noam Chomsky. Foi o único encontro pessoal entre o fundador da epistemologia genética e o da linguística generativa... Outros autores que aí se reuniram: Gregory Bateson, François Jacob, Mauriac Godelier, etc.

■ **«Terra Solidária» — Revista de Questões Internacionais, n.º 6. Março-Abril 1987, Edição do CIDAC**

Dirigida por Luís Moita, a revista «Terra Solidária» concluiu com este número o seu primeiro ano de publicação. O facto é assinalado na pág. 2, onde se afirma: «Mantendo com regularidade o ritmo previsto, a revista foi oferecendo aos leitores não tanto o noticiário da actualidade (pois não é essa a sua vocação), como sobretudo uma série de «dossiers» onde se analisam as situações internacionais, privilegiando a informação de enquadramento e as coordenadas para a compreensão das realidades (...)». São os seguintes os «dossiers» que integram o número 6 de «Terra Solidária»: «Ciência, Tecnologia e Guerra» de Luís Moita; «O projecto de uma transição eco-socialista» de Frieder Wolff, membro do Partido «Os Verdes» da Alemanha Federal; «Política Europeia de Cooperação», entrevista com Katharina Cocke, deputada do SPD ao Parlamento Europeu; «Cabo-verdianos em Portugal» de Manuela Meneses e Conceição da Cunha, técnicas do projecto «NÔDJUNTAMÔN»; «A Articulação Classe-Espaço-Nação na Guiné-Bissau», de Carlos Lopes, director do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas da Guiné-Bissau.

■ **Raymond Chandler, Obras Completas, quarto volume, ed. Livros do Brasil**

«Perdeu-se uma mulher» e a novela «Os peixes mortíferos» são os dois textos incluídos no quarto volume das obras completas de Raymond Chandler, que a Livros do Brasil está a publicar.

«Os peixes mortíferos», que se edita pela primeira vez em português, é um texto do tempo de Carmady, o personagem que antecedeu a criação de Marlowe. As «completas» de Chandler na **Livros do Brasil** (cuja colecção «Vampiro» divulgou o autor muito antes de ele se ter tornado num monstro sagrado da literatura policial americana também entre nós) terão dez volumes, cada um dos quais publica dois ou mais textos do autor.

O eu nos outros

Três prendas de nada

AS férias estavam próximas como o dia seguinte — e três meninas, num piquenique escolar, iam-se despedindo umas das outras, «adeus, adeus», dizendo para onde iam pelo tempo quente...

— Vou para a praia — disse a primeira.

— Para o campo — disse a segunda.

— Para junto do rio — disse a terceira.

No papel, sobre a relva a servir de toalha, espalhavam-se pastéis de bacalhau azeitonas em constelação (uma aqui, outra ali, outra além, pareciam mesmo a Ursa Maior...), sardinhas de conserva, laranjas, pudim «flan», água, «mousse» de chocolate... E, por cima de tudo, ondulando, uma borboleta criando diminutas sombras. Olhem: ali vai ela... Quem a tivesse na ponta dos dedos!

— Bem — disse a primeira menina —, devíamos trocar pequenas prendas...

— Mas quais...? — disse a segunda.

Vai daí, disse a terceira com um sorriso nos ombros encolhidos:

— Talvez as nódoas desta toalha de papel...

E assim foi: a primeira menina ficou com uma nódoa de azeite deixada pelas sardinhas de conserva, a segunda com uma nódoa de chocolate saída da «mousse», e a terceira com uma nódoa vertida pelos gomos de laranja.

Um rasgão, dois rasgões, três rasgões: três buracos no papel. E era uma vez três meninas de mãos dadas, indo-se pelas férias separadas, com as nódoas da inocência entre si trocadas...

Pedro Alvim